

# **A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS**

Estudos, proposições e debates

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Elaborado por Sônia Magalhães  
Bibliotecária CRB9/1191

---

E24  
2017  
A educação física escolar e os megaeventos esportivos : estudos, proposições e debates / Silvia Christina de Oliveira Madrid (org.). – 1. ed.– Curitiba : Appris, 2017.  
199 p. ; 21 cm

Inclui bibliografias  
ISBN 978-85-473-0442-3  
Vários autores

1. Educação física. 2. Eventos especiais. I. Madrid, Silvia Christina de Oliveira.

---

Editora e Livraria Appris Ltda.  
Av. Manoel Ribas, 2265 – Mercês  
Curitiba/PR – CEP: 80810-002  
Tel: (41) 3156 - 4731  
<http://www.editoraappris.com.br/>

*Appris*  
editora

Silvia Christina de Oliveira Madrid  
(Organizadora)

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR  
E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS**

Estudos, proposições e debates

*Appris*  
editora

Curitiba - PR  
2017

Editora Appris Ltda.  
1ª Edição - Copyright© 2017 dos autores  
Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.  
Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores.  
Foi feito o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nºs 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010.

---

### FICHA TÉCNICA

EDITORIAL	Augusto V. de A. Coelho Marli Caetano Sara C. de Andrade Coelho
COMITÊ EDITORIAL	Andréa Barbosa Gouveia - Ad hoc. Edmeire C. Pereira - Ad hoc. Iraneide da Silva - Ad hoc. Jacques de Lima Ferreira - Ad hoc. Marilda Aparecida Behrens - Ad hoc.
ASSESSORIA EDITORIAL	Bruna Fernanda Martins
COORDENAÇÃO - ARTE E PRODUÇÃO	Carolina Cruz
DIAGRAMAÇÃO	Andreza Libel de Oliveira
CAPA	Tarliny da Silva
REVISÃO	Jhary Artioli
WEB DESIGNER	Carlos Eduardo H. Pereira
GERENTE COMERCIAL	Eliane de Andrade
LIVRARIAS E EVENTOS	Estevão Misael   Milene Salles
ADMINISTRATIVO	Selma Maria Fernandes do Valle

---

### COMITÊ CIENTÍFICO DA COLEÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

**DIREÇÃO CIENTÍFICA** **Valdomiro de Oliveira – UFPR**

**CONSULTORES** Gislaine Cristina Vagetti – UNESPAR  
Carlos Molena – FAFIPA  
Valter Filho Cordeiro Barbosa – UFSC  
João Paulo Borin – Unicamp  
Roberto Rodrigues Paes – Unicamp  
Arlí Ramos de Oliveira – UEL  
Dartgnan Pinto Guedes – Unopar  
Nelson Nardo Junior – UEM  
José Aírton de Freitas pontes Junior – UFC  
Laurita Schiavon – Unesp

**INTERNACIONAIS** Wagner de Campos – University Pitisburg - EUA  
Fabio Eduardo Fontana – University of Northern Iowa - EUA  
Ovande Furtado Junior – California State University - EUA

*Esta obra é dedicada a todos os professores e professoras que trabalham em prol do desenvolvimento e melhoria da Educação Física e do Esporte no contexto escolar.*



## APRESENTAÇÃO

A Coletânea II do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe) trata sobre a temática *A Educação Física escolar e os megaeventos esportivos: estudos, proposições e debates*. O objetivo principal da obra é abordar o esporte, considerando-o como fenômeno multicultural, relacionando os estudos, proposições e debates com o contexto da Educação Física escolar. A elaboração dos escritos foi produzida por professores de Educação Física que atuam na educação básica e no ensino superior, que em sua maioria, são integrantes do Gepefe.

Os autores iniciaram a produção dos seus textos em 2015, totalizando nove artigos que tem como foco a temática da Coletânea. O primeiro artigo, "Do ensino esportivo à tematização: constatações da prática", escrito pelo professor Marcos Garcia Neira, versa sobre a tematização do esporte nas aulas de Educação Física, possibilitando a reflexão sobre a prática docente. O segundo artigo, "O legado educativo dos megaeventos esportivos e reflexões sobre a perspectiva midiática no esporte", escrito pelos professores Marcelo José Taques e Silvia Christina de Oliveira Madrid, considera o esporte enquanto fenômeno multicultural, instigando o debate sobre os megaeventos esportivos, apontando possibilidades educativas para a Educação Física escolar, aborda ainda sobre os aparatos técnicos de comunicação e informação que tratam sobre o esporte, apontando suas influências e contribuições. O terceiro artigo, "Megaeventos esportivos - entre a camisa da casa ou do adversário: em que time jogar?", escrito pelos professores Clóvis Marcelo Sedorko e Diego Petyk de Sousa, trata dos megaeventos

esportivos no contexto brasileiro, focando os aspectos socioeconômicos implicados na sua realização.

O quarto artigo, "Análise crítica de relatórios e discursos referentes às políticas públicas abrangendo os megaeventos esportivos: o ontem e hoje", escrito pelo professor Luciano de Lacerda Gurski, faz uma análise crítica sobre as políticas públicas que permeiam os megaeventos esportivos, tal análise é fundamentada nos relatórios e discursos que embasam os megaeventos esportivos. O artigo trata também das implicações dos megaeventos esportivos na prática pedagógica da Educação Física escolar. O quinto artigo, "O Programa Segundo Tempo na escola: contribuições para a Educação Física", escrito pelas professoras Daiane Grando e Ilma Célia Ribeiro Honorato, trata do Programa Segundo Tempo, apontando suas relações, contribuições e controvérsias no desenvolvimento do esporte no contexto escolar, considerando a realização dos megaeventos esportivos. O sexto artigo, "Os megaeventos esportivos como instrumento alienador no ambiente escolar", de autoria dos professores Glasiano Machado Coelho e Luciano de Lacerda Gurski, faz uma análise crítica considerando os aspectos alienantes dos megaeventos esportivos e sua influência no ambiente escolar.

O sétimo artigo, "Os megaeventos esportivos como elementos instigadores na mudança de paradigmas relacionados à saúde em escolares", de autoria dos professores Fabiana Leifeld e Luciano de Lacerda Gurski, aborda sobre a Educação Física e o esporte no contexto da escola, relacionando-os com as questões sobre os megaeventos esportivos, apontando ainda aspectos sobre a saúde e a relação com os megaeventos esportivos. O oitavo artigo, "Culto ao corpo e as influências contemporâneas: mídia e os megaeventos esportivos", de autoria dos professores Daiane Grando, Marcelo José Taques e Mariana Aparecida



Ferreira de Camargo, trata do culto ao corpo, considerando as questões sobre os megaeventos esportivos e a mídia. O nono e último artigo, "A abordagem do esporte na Educação Física escolar diante dos megaeventos esportivos", de autoria dos professores Ademir Testa Junior e Silvia Christina de Oliveira Madrid, trata de questões sobre a Educação Física escolar, considerando os megaeventos esportivos.

Os artigos elaborados pelos professores autores propiciam reflexões, discussões e instigam novas abordagens sobre a Educação Física escolar, focando o esporte e os megaeventos esportivos.

Agradeço aos professores e acadêmicos que participam das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de professores – Gepefe (UEPG/CNPq).

Agradeço aos professores autores que contribuíram com seus conhecimentos para a publicação desta obra.

*A organizadora*



## PREFÁCIO

Prefaciando um livro remete-me a uma ambígua inquietude. De um lado, a alegria que emana do convite para realizar tão nobre tarefa. Afinal de contas, apresentar um trabalho de interesse ao desenvolvimento acadêmico-profissional circunscrito ao campo da Educação Física Escolar é uma grande honra. De outro lado, um frio quase imobilizador, decorrente do peso que acompanha a responsabilidade desencadeada pela realização da referida tarefa. Mas, neste caso em particular, há uma peculiaridade que me sinto obrigado a compartilhar com o leitor. Minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) se deu no ano de 2007. Ao entrar em contato com a coordenação do programa, à época, soube que havia uma docente vinculada ao curso de Graduação em Educação Física da UEPG que estaria também a se credenciar. De súbito, ocorreu-me a desconfortável situação na qual estava por ingressar. Não é novidade alguma o fato de vaidades e estrelinhos acompanharem-nos em nossos embates pseudoacadêmicos. Nesse sentido, a condição de docente de uma outra instituição de ensino superior paranaense certamente, acreditava eu, deflagraria um insustentável relacionamento. Surpreendentemente, a docente da UEPG acolheu-me de uma maneira pouco comum, inclusive em nossos próprios departamentos de origem. O nome da referida docente? **Silvia Christina de Oliveira Madrid!** Essa digressão inicial é fundamental para a compreensão do espírito da obra que me cabe prefaciado. A generosidade e lucidez de Silvia se fazem presentes em mais este esforço de reunião de distintas perspectivas sobre um fenômeno que é, contraditoriamente, tra-

tado de modo tão caro quanto raro no campo da Educação Física, mais agudamente no contexto da educação escolarizada. Obviamente absurdo seria afirmar que não se problematiza o fenômeno esporte no campo da Educação Física. Todavia, os debates a esse respeito por vezes assemelham-se a disputas entre verdes, vermelhos, amarelos, azuis, brancos, pretos, multicoloridos, enfim, como se não compuséssemos a mesma aquarela. Disputas por espaço, que mais se assemelham a uma reforma agrária esvaizada de propósito coletivo, sem qualquer perspectiva de síntese com vistas ao desenvolvimento do campo, seja em seu aspecto acadêmico ou profissional. É exatamente a contraposição a essa apequenada e apequenadora tradição disputadora de espaços no campo da Educação Física que me chama a atenção em mais esta coletânea organizada por Silvia. Explicita-se, portanto, olhares distintos em torno do tema *A Educação Física escolar e os megaeventos esportivos: estudos, proposições e debates*, decorrente do trabalho, sob sua liderança, efetuado no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe). Os textos que compõem o livro interpelam o campo da Educação Física, por intermédio de questões que vão desde a prática docente até políticas públicas, entremeadas pelos temas corpo, saúde, mídia e megaeventos. Sem perder de vista o foco no esporte, “considerando-o como fenômeno multicultural”, é possível, a partir de entradas diferentes definidas pelos particulares percursos de cada um dos autores de cada um dos capítulos, chegar naquele que é, ao mesmo tempo, o ponto de partida para as reflexões que se propõem compartilhar: a escola. Num momento histórico no qual medidas para discutir a base da Educação brasileira parecem conduzir-nos, novamente, mais a distanciamentos do que a necessárias sínteses em torno de um

projeto coletivo, colocar ela mesma, a escola, na base de qualquer discussão é, de antemão, uma proveitosa sugestão que se depreende da Coletânea II do Gepefe: *A Educação Física Escolar e os megaeventos esportivos: estudos, proposições e debates*. A obra possibilita uma leitura provocativa que de certo remeterá o leitor a outras indagações e proposições pertinentes, necessárias e urgentes ao campo da Educação Física Escolar.

*Prof. Dr. Gilmar de Carvalho Cruz*



# SUMÁRIO

## **1 - DO ENSINO ESPORTIVO À TEMATIZAÇÃO: CONSTATAÇÕES DA PRÁTICA..... 19**

*Marcos Garcia Neira*

1.1 O esporte nas aulas de Educação Física .....	23
1.2 Uma reflexão sobre a prática docente .....	37
1.3 Considerações finais .....	43
Referências .....	44

## **2 - O LEGADO EDUCATIVO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA MIDIÁTICA NO ESPORTE..... 47**

*Marcelo José Taques*

*Silvia Christina de Oliveira Madrid*

2.1 O debate sobre os megaeventos esportivos: possibilidades educativas para a Educação Física escolar .....	49
2.2 O esporte e os aparatos técnicos de comunicação e informação: influências e contribuições .....	54
2.3 Considerações finais .....	64
Referências.....	65

## **3 - MEGAEVENTOS ESPORTIVOS - ENTRE A CAMISA DA CASA OU DO ADVERSÁRIO: EM QUE TIME JOGAR? ..... 67**

*Clóvis Marcelo Sedorko*

*Diego Petyk de Sousa*

3.1 Aspectos socioeconômicos da hospedagem de megaeventos esportivos .....	70
3.2 Os megaeventos esportivos no contexto brasileiro .....	80
3.3 Considerações finais .....	87
Referências.....	89

## **4 - ANÁLISE CRÍTICA DE RELATÓRIOS E DISCURSOS REFERENTES ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS ABRANGENDO OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: O ONTEM E HOJE..... 93**

*Luciano de Lacerda Gurski*

4.1 O ontem... ..	95
-------------------	----

4.2 O amanhã.....	101
4.3 Implicações dos megaeventos esportivos para a prática pedagógica da Educação Física escolar.....	102
4.4 Considerações finais .....	105
Referências.....	106

## **5 - O PROGRAMA SEGUNDO TEMPO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA..... 109**

*Daiane Grandó*

*Ilma Célia Ribeiro Honorato*

5.1 Programa Segundo Tempo e Educação Física escolar: uma relação possível .....	112
5.2 Programa Segundo Tempo na escola: Educação Física e esporte em tempos de megaeventos esportivos.....	118
5.3 Apontamentos finais.....	121
Referências.....	123

## **6 - OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO INSTRUMENTO ALIENADOR NO AMBIENTE ESCOLAR..... 125**

*Glassiano Machado Coelho*

*Luciano de Lacerda Gurski*

6.1 O esporte e sua função disciplinadora .....	126
6.2 Os eventos esportivos, a Educação Física escolar e as fábricas.....	129
6.3 O incentivo ao esporte no ambiente escolar .....	130
6.4 O esporte e a indústria .....	132
6.5 O uso do esporte para as indústrias.....	136
6.6 O esporte, um instrumento alienador?.....	139
6.7 E a história se repete.....	142
6.8 Considerações finais .....	143
Referências.....	144

## **7 - OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO ELEMENTOS INSTIGADORES NA MUDANÇA DE PARADIGMAS RELACIONADOS À SAÚDE EM ESCOLARES ..... 147**

*Fabiana Leifeld*

*Luciano de Lacerda Gurski*

7.1 A Educação Física na escola.....	148
7.2 Os megaeventos esportivos .....	152



7.3 O esporte no contexto educacional .....	156
7.4 Aspectos sobre a saúde .....	160
7.5 Articulação entre os megaeventos esportivos e a promoção de saúde no âmbito escolar .....	163
7.6 Considerações finais .....	166
Referências.....	167

## **8 - CULTO AO CORPO E AS INFLUÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: MÍDIA E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS ..... 169**

*Daiane Grandó*

*Marcelo José Taques*

*Mariana Aparecida Ferreira de Camargo*

8.1 Megaeventos esportivos e mídia: interfaces para o debate sobre o corpo .....	171
8.2 Culto ao corpo x mídia .....	175
8.3 Considerações finais .....	178
Referências.....	178

## **9 - A ABORDAGEM DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DIANTE DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS ..... 181**

*Ademir Testa Junior*

*Silvia Christina de Oliveira Madrid*

9.1 Educação Física escolar: o esporte enquanto conhecimento.....	182
9.2 Algumas possibilidades para o desenvolvimento do esporte nas aulas de Educação Física .....	186
9.3 A temática dos megaeventos esportivos no contexto escolar.....	188
9.3.1 Abordagem teórico-metodológica da pesquisa .....	189
9.3.2 A Educação Física e o esporte na escola em tempo de megaeventos esportivos: uma análise necessária .....	190
9.3.3. Apontamentos sobre a pesquisa .....	195
9.4 Considerações finais .....	197
Referências.....	198



## DO ENSINO ESPORTIVO À TEMATIZAÇÃO: CONSTATAÇÕES DA PRÁTICA<sup>1</sup>

*Marcos Garcia Neira<sup>2</sup>*

A década de 80 do século passado foi bastante promissora na disseminação de críticas ao ensino esportivo que vigorava nas aulas de Educação Física. Se as análises, quase sempre pautadas na teorização marxista eram ricas, o mesmo não pode ser dito das recomendações para o trabalho pedagógico com o esporte. A obra de Kunz (1994) é a exceção que foge à regra, ao apresentar sugestões exequíveis para todos aqueles que conscientemente buscavam alternativas às propostas voltadas para a fixação dos gestos de uma determinada modalidade.

É verdade que nestes 20 anos que nos separam da primeira edição do livro, a produção da área segue buscando alternativas, pois parecem bastante claras aos profissionais as diferenças entre a função social da escola e as demais instituições em que, por ventura, o esporte tenha lugar. Ou seja, há certo consenso que os

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão ampliada e autorizada do artigo "Análise de relatos que abordaram o esporte nas aulas de educação física: indícios de uma mudança paradigmática", publicado inicialmente na Revista Educação Online.

<sup>2</sup> É licenciado em Educação Física e Pedagogia, com mestrado e doutorado em Educação, pós-doutorado em Currículo e Educação Física e Livre-Docência em Metodologia do Ensino de Educação Física. É professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, atua nos cursos de graduação e pós-graduação, orienta pesquisas em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado, e supervisiona pesquisas de pós-doutorado. Investiga a prática pedagógica da Educação Física com apoio da Fapesp e do CNPq, é coordenador do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar ([www.gpef.fe.usp.br](http://www.gpef.fe.usp.br)).

métodos utilizados por clubes e escolinhas não são adequados ao contexto em que ocorrem as aulas de Educação Física. Aliás, é o que tem sido ensinado nos cursos de formação inicial e contínua de professores. O problema é que muita energia continua sendo gasta para repelir as antigas propostas, em vez de serem criadas e investigadas outras maneiras de abordar o esporte no currículo escolar.

É o que fez surgir o interesse de investigarmos como os professores têm enfrentado essa questão, como eles abordam as práticas esportivas em suas aulas, quais seus objetivos e as atividades que utilizam. A intenção foi verificarmos como os docentes significam as ações didáticas envolvendo o esporte, a fim de identificar se na prática cotidiana têm sido encontradas alternativas ao mero ensino esportivo.

Para discutirmos os significados atribuídos ao trabalho pedagógico com o esporte nas aulas de Educação Física, analisamos as experiências relatadas nas quatro edições do Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Semef). O referido seminário foi realizado no mês de julho dos anos de 2006, 2008, 2010 e 2012 e organizado pelo Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). O evento promove um espaço efetivo para debater o ensino do componente na contemporaneidade por meio da socialização e discussão de experiências pedagógicas, bem como do tratamento de questões teóricas que fundamentam as ações educativas. Tem como intenção maior analisar e divulgar diferentes propostas em desenvolvimento nas escolas de Educação Básica e suas repercussões na sociedade.

O “Semef”, como é chamado, destina-se exclusivamente a professores em atuação. Durante dois dias, são apresentados e debatidos relatos de práticas pedagógicas, os quais são previamente disponibilizados no portal eletrônico do seminário.

Todos os trabalhos inscritos são avaliados por uma comissão e distribuídos conforme o tema de ensino. O professor responsável dispõe de 30 minutos para exposição, após a qual responderá aos questionamentos dos colegas presentes.

A singularidade da iniciativa é explicitada logo no momento da inscrição. O texto requerido, um relato de prática, por si só traduz o espírito do evento. O relato de prática é o registro das atividades de ensino realizadas no decorrer de um determinado período letivo. O texto final deve externar as intenções educativas, os procedimentos adotados no desenvolvimento das atividades e as reflexões sobre os efeitos do processo nos alunos. Também são desejáveis menções ao que se julga ter alcançado, o formato das avaliações e o retorno a uma atividade ou outra, para retomar algum ponto importante que possa ter sido menos evidenciado, precisam ser explicitados. Isso é particularmente relevante, pois propiciará material para análise e descoberta de alternativas tanto para o autor, que avalia sua prática enquanto elabora o registro, quanto para um eventual leitor, que poderá tomar para si as reflexões elaboradas.

O relato de prática documenta uma determinada trajetória pedagógica. Na medida do possível, apresenta algumas informações, tais como a articulação com o projeto pedagógico da instituição, os sujeitos envolvidos, quais conhecimentos foram mobilizados, os procedimentos adotados e, principalmente, as modificações identificadas nas representações dos participantes. Ou seja, o registro da prática é uma forma eficaz para analisar o trabalho educacional e seus reflexos na constituição dos sujeitos da educação.

Trata-se de uma oportunidade preciosa para socializar reflexões e compartilhar pontos positivos e negativos, na visão do autor. Relatar uma experiência não é o mesmo que narrar ações bem-sucedidas. É bom ressaltarmos que se aprende muito com

aquelas atividades e procedimentos que não transcorreram conforme o esperado ou que não alcançaram os objetivos propostos. Dando visibilidade aos equívocos e deslizes, outros aprenderão e, quem sabe, precavidos, possam contornar os problemas antes mesmo do seu surgimento.

Por meio do relato é possível apresentar práticas, intercambiar pontos de vista, apresentar intenções e analisar incômodos do cotidiano pedagógico. O diálogo travado com quem vive problemas semelhantes consiste em apoio interessante no momento de planejar as ações didáticas. Decidir sobre as atividades, enfoques e estratégias futuras e, ao mesmo tempo, questionar o que se vem fazendo, poderá levar à aprendizagem com a própria experiência e, melhor que isso, desfrutar de uma maneira diferente de aprender e ensinar.

Analisar as ações educativas desenvolvidas não deixa de ser uma alternativa para a formação, além de semear mudanças no ambiente educacional. Afinal, os relatos das práticas das experiências poderão fomentar a revisão de conceitos e práticas fossilizadas, o que sem dúvida subsidiará a construção de novos conhecimentos pedagógicos.

O relato de prática difere radicalmente do “faça como eu faço” ou das “boas práticas”. Ele se fundamenta justamente na tentativa de compreender o que levou seu autor a tomar determinadas decisões e como elas refletiram nos alunos. Como ninguém aprende nada sozinho, compreender como o colega significou um dado percurso, atividade ou situação enfrentada pode ser mais apropriado do que uma ação pedagógica solitária e baseada na tentativa e erro.

Embora não exista um modelo a ser seguido, esperamos que o relato de prática descreva sucintamente a escola, a comunidade e a turma; o tempo de duração do trabalho; o que motivou a tematização de uma manifestação cultural corporal, e não outra; como

e em qual momento foram propostas as atividades de ensino; com quais objetivos; como foi conduzido o processo; como se deu a transição de uma atividade para outra; como foi feita a problematização, aprofundamento e ampliação dos conhecimentos; que elementos interferiram nas tomadas de decisão; quais parcerias foram estabelecidas; o que deu errado e o que deu certo; em que consistiu a avaliação; como o grupo documentou o processo; e quais foram os resultados do trabalho para o professor e para os alunos. Obviamente, é imprescindível que a narrativa seja entremeadada com reflexões a partir da teoria que lhe deu sustentação, evidenciando suas relações com a prática.

O interesse crescente da comunidade docente da área para compartilhar suas experiências ou para acompanhar as discussões revela-se nas mais de 800 participações e nos 287 relatos de prática apresentados. Frisamos que o evento é restrito aos professores em atuação e a exposição limita-se às experiências de ensino. Não se trata, portanto, de um evento aberto a pesquisadores e estudantes para apresentação de trabalhos acadêmicos.

## 1.1 O esporte nas aulas de Educação Física

A análise dos anais dos eventos disponíveis no portal eletrônico permite constatar 28 trabalhos pedagógicos que tematizaram alguma modalidade esportiva. Muito embora a pequena presença do esporte nas experiências relatadas e a visibilidade conferida às demais manifestações corporais mereçam uma reflexão, o fato não será discutido, pois, neste momento, o interesse é tão somente investigar o tratamento pedagógico do tema nas experiências relatadas.

Apesar de se tratar de trabalhos realizados no interior do componente curricular, em alguns casos, os trabalhos perse-

guiram exclusivamente a aprendizagem das técnicas esportivas. No relato de práticas apresentado, Matias e Galvão (2008) afirmam que o trabalho com o tênis possibilitou o conhecimento sobre o corpo, identificação e exploração das habilidades motoras, além do estímulo às capacidades físicas e segmentos corporais. Lopes (2010) descreve o método integrado para ensino esportivo realizado em uma escola municipal de Cubatão (SP). Trata-se de uma proposta de iniciação esportiva global, um método que pode ser desenvolvido com qualquer modalidade e para todas as crianças de quatro a 16 anos.

Outras experiências narradas ressaltam o alcance de objetivos pedagógicos por meio do ensino esportivo. Na visão de Bello (2006), o projeto que desenvolveu junto aos alunos do ensino fundamental da Praia Grande (SP), no litoral paulista, não deixou de lado o prazer do esporte e dos benefícios físicos ao socializar, por meio da vela, conceitos sociais, éticos e morais.

Por sua vez, Luz Júnior (2006) desenvolveu um trabalho pautado no ensino do futebol, em uma escola municipal de Santos (SP), com o objetivo de ensinar o respeito às regras, a sociabilidade e as diferenças entre vitória e derrota. Moura Júnior (2008), com base na experiência desenvolvida em uma escola privada situada no município de São Paulo, por meio do ensino do *tchoukball*, por ele denominado verdadeiro esporte educacional, chega a prometer a paz.

A análise desses relatos permite constatar a ingenuidade do entendimento linear entre o ensino de uma modalidade e a aprendizagem de comportamentos éticos, sociabilidade ou meio para alcance da paz social. Como contraexemplo, basta mencionarmos que nem sempre os atletas profissionais, exemplos de excelência em sua atividade, possuem qualidades demonstradas nas arenas esportivas diretamente transferíveis aos ambientes externos às pistas, piscinas, ringues, quadras ou



campos. Contrariando o senso comum, é possível afirmarmos que o sucesso no esporte, obrigatoriamente, impede que valores socialmente desejáveis como respeito mútuo, ética, não discriminação, companheirismo, comportamento democrático, altruísmo e humildade sejam semeados nos campos de treinamento e competição (FRANCO JÚNIOR, 2007). Quantas manifestações de aceitação e ajuda já foram presenciadas nas competições? Quando vimos, em algum programa de televisão esportivo, a exaltação ao esforço e dedicação de quem chegou em segundo lugar numa competição, de quem foi derrotado? Temos conhecimento da história de vida daqueles que não venceram ou preocupamo-nos simplesmente em conhecer e exaltar os campeões? Quantas vezes já presenciamos brigas, perdas de controle e até cenas de violência protagonizadas pelos participantes?

Lembramos também que uma grande parcela dos esportistas termina por abandonar a prática precocemente. Se isso ocorre, podemos pensar, é consequência da peculiaridade excludente dessa manifestação cultural que, paulatinamente, leva a maior parte dos seus praticantes a afastar-se. Se a natureza do esporte é excluir, será possível entendê-lo como fator educativo? O paradoxo nos obriga a refletirmos sobre a presença tão intensa no imaginário social dos vínculos entre esporte e educação.

Observemos mais cuidadosamente esse fenômeno com a ajuda de Norbert Elias (1990). É fácil percebermos que valores como perseverança, esforço individual, talento pessoal, competitividade, superação de limites e comportamento arrojado são requisitos necessários ao sucesso em quase todas as modalidades. Não seriam esses, justamente, os valores cultuados pela sociedade capitalista? No século XX, afirma Elias, assistimos a ascensão dessas duas forças. Por um lado, o capitalismo selvagem e, por outro, um dos seus poderosos braços ideológicos, o esporte. Simultaneamente ao processo de industrialização,

homens e mulheres foram transformados em máquinas a fim de produzirem cada vez mais e melhor. Não à toa, quebrar recordes e vencer competições eram atributos da indústria e do esporte. Mais recentemente, sob os auspícios do pós-modernismo, essa mesma performance, transfigurada em produto estético a ser veiculado pelos meios de comunicação, passou a promover o acúmulo de dividendos mercantis universalmente conhecidos. Os motivos desse fenômeno não estão no esporte em si, mas na característica neoliberal dos tempos em que vivemos, em que o consumo e o sucesso parametrizam todas as ações. Em outras palavras, coisificam-se os atletas. Vejamos, por exemplo, os valores de compra e venda ou a presença maciça dos atletas bem-sucedidos nas peças de publicidade.

Reconhecemos os valores éticos que objetivamente são transmitidos aos praticantes do esporte, contudo, é quase impossível dissociar a prática esportiva *stricto sensu*, de toda a subjetividade que circula nos espaços onde essa manifestação corporal deveria primar pelo componente lúdico, ou seja, pela celebração, transmissão e reconstrução da cultura.

No tocante à educação, os estudos na área alertam que as formas tradicionais de ensino do esporte têm inculcado nos educandos valores nocivos à sociedade, contribuindo para formar uma consciência ideologicamente falsa (BRACHT, 1986). Althusser (1983) já afirmava que o funcionamento da sociedade capitalista depende de uma série de instituições que atuam diretamente na disseminação da ideologia dominante, convencendo os sujeitos a obedecer as suas regras. Assim, os aspectos que devem ser criticamente questionados são aqueles que transformaram a prática esportiva em uma dessas agências: o rendimento a qualquer preço, a exclusão, o uso indiscriminado da imagem do esportista, a estrutura institucional e a mercadorização das relações. Isso posto, não podemos permanecer na postura ingênua que

concebe a prática esportiva como responsável por efeitos positivos na formação das crianças e jovens. Ousamos afirmar: muito pelo contrário!

Morin (2002) critica a ideia de controle da realidade por meio do pensamento simples ou simplificador. Infelizmente, padecemos do mesmo mal quando entendemos que as pessoas pertencentes às comunidades com menor poder econômico manifestam maior tendência ao ingresso no mundo do crime, das drogas e da violência. Sem atentar ao preconceito implícito nesse raciocínio, os defensores da educação pelo esporte dissimulam a alta complexidade que caracteriza a formação e o desenvolvimento das atitudes humanas e, pretensiosamente, julgam-se capazes de transformar a realidade mediante o oferecimento de intervenções esportivas bastante pontuais.

O sociólogo francês alerta para os riscos desse pensamento reducionista quando direcionado a fenômenos complexos (a educação, por exemplo): o desenvolvimento de comportamentos humanos deriva de uma quantidade extrema de interações e interferências entre um número muito grande de unidades que fogem em absoluto ao nosso controle. A maioria das pessoas conhece, por exemplo, casos em que dois irmãos, mesmo diante das mesmas condições de vida, de contatos sociais e de experiências educacionais, manifestam posturas radicalmente distintas, são pessoas diferentes.

Seguindo esse raciocínio, é impossível generalizar qualquer efeito pedagógico do esporte nas aulas de Educação Física. Cada professor possui uma trajetória formativa e determinadas concepções de mundo, ensino, aprendizagem e, provavelmente, prática esportiva. O educador traz sua própria bagagem cultural. Possui uma personalidade construída em meio ao tecido social, com seus sentimentos e desejos e domina, ao seu modo, uma ou mais modalidades. Sem prosseguir com mais variáveis, pois são

infinitas, na condição de profissional, o docente compartilha o espaço das aulas com grupos de crianças e jovens que, por sua vez, também têm sua forma de ver a vida e o esporte, e trazem para as aulas seus próprios patrimônios. Têm sentimentos e desejos específicos e dominam determinados gestos, atitudes e conhecimentos que não são necessariamente os mesmos do professor e dos colegas.

Pensemos em todas as relações que podem acontecer nesse espaço em um dia de aula, em uma semana, em um mês... e durante um semestre ou ano. Pensemos em todas as variações contextuais que podem intervir nessas relações, que estão à mercê dos estados de ânimo de um ou mais atores, do que viram, ouviram, fizeram ou disseram, de seus valores e, obviamente, das experiências externas ao programa que vão colecionando. Nessa situação, convenhamos, é bem difícil esperar que todos os estudantes adquiram exatamente as habilidades afetivas e sociais que seu professor pretende transmitir com a prática esportiva.

Kunz (1994) é contundente: se o intuito é formar cidadãos, temos por obrigação, no ambiente educativo, de transformar o fenômeno social do esporte numa atividade de interesse real a todos os participantes, devendo ser compreendido não somente na sua visão objetiva como também na subjetiva. Isso significa saber colocar-se na situação de outros participantes; ser capaz de visualizar componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo; saber questionar o verdadeiro sentido do esporte e, por intermédio dessa visão crítica, modificar o seu fazer tradicional.

A cidadania eleva o educando à condição de sujeito no seu processo de ensino, formando-o para participar criticamente na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente desenvolver competências técnicas, mas também conhecer mais profundamente a modalidade e, mais que isso, os significados que lhe são

atribuídos pelos sujeitos. Isso ocorrerá caso a prática esportiva seja, como dizia Paulo Freire (1997), permeada pela problematização das situações vividas com um constante incitamento ao diálogo para o encontro de soluções verdadeiramente democráticas.

Como patrimônio cultural da humanidade, em oportunidade anterior, expressamos o entendimento que o esporte precisa estar na escola para que possa ser conhecido e reconhecido sob inúmeros aspectos. Para desfrutar do esporte e com/sobre ele aprender, não basta saber executar seus movimentos. É preciso compreendê-lo enquanto fenômeno atravessado por distintos marcadores sociais, permeado por relações de poder e espaço de encontro e diálogo de diferentes culturas. Assim, é importante retomar sua história, conhecer seu percurso e suas variadas transformações ao longo do tempo, o papel que lhe foi conferido por diversos grupos e em variadas épocas. É fundamental, também, interpretar a gestualidade que o caracteriza, o comportamento dos participantes, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos, homens ou mulheres de variadas etnias e níveis de habilidade e possibilidade de prática. É interessante ler sobre o esporte, assistir filmes, programas, documentários, discutir pontos de vista e conhecer posicionamentos diferentes. Finalmente, é imprescindível vivenciá-lo nas aulas, preferivelmente envolvido por uma atmosfera lúdica. Experimentar todas suas formas para que se possa refletir individual e coletivamente, atribuindo-lhe novos sentidos e significados (NEIRA, 2013).

A análise dos relatos de prática apresentados em todas as edições do Semef indica que uma boa parcela das ações didáticas abarcando o esporte alinha-se a essa visão de Educação Física, denominada "cultural" (NEIRA, 2011). Isso significa que, em parte, o grupo de professores que busca o evento já não atribui aspectos salvacionistas ao esporte, nem tampouco concebe as aulas de Educação Física como espaço para a simples aprendizagem da

modalidade. No sentido contrário, dignifica o tratamento pedagógico conferido à manifestação corporal no currículo, compreendendo-a como objeto de estudo relevante na formação dos sujeitos da educação. Vejamos os enfoques conferidos.

Junto aos alunos do ensino médio de uma escola estadual situada no município de Brotas (SP), Leite e Lemos (2006) problematizaram a relação entre os esportes de aventura e a preservação da natureza. Em uma escola privada paulistana, Nunes (2006) desenvolveu um estudo sobre a Copa do Mundo de Futebol com todo o ensino fundamental. Os alunos refletiram criticamente acerca desse fenômeno cultural por meio de um projeto que integrou diversas áreas do conhecimento e, entre outras questões, discutiram a hegemonia dos países ricos, a criação de ídolos para o consumo, as relações de poder presentes em diversos campos sociais e a influência da mídia e da indústria cultural no futebol.

Pina (2006) narrou uma experiência desenvolvida com os alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal em Juiz de Fora (MG). Partindo da problematização da inacessibilidade de algumas camadas sociais ao basquete, foram discutidas a origem e as transformações da modalidade, técnicas, táticas, regras e a apropriação dos bens culturais. Monteiro (2008) decidiu tematizar o tênis de mesa, após a prática surgir no mapeamento da cultura corporal realizado com as turmas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Paulo. O trabalho incluiu diversas atividades de apreciação, vivência, aprofundamento, resignificação e ampliação, proporcionando aos estudantes uma maior compreensão da modalidade em suas múltiplas dimensões e sua relação com a cultura na qual está inserida.

Fazendo uso de vídeos, textos e do patrimônio dos alunos referente aos esportes com raquete, o projeto desenvolvido por Gramorelli (2008) junto às turmas do 6º ano do ensino funda-

mental de uma escola privada, situada na Zona Norte da cidade de São Paulo, contribuiu para o reconhecimento de outras culturas e a valorização das diferenças na sala de aula. Em um trabalho com os alunos do 6º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Caetano do Sul (SP), Lippi (2008) tematizou o voleibol, tendo por objetivos compreender a manifestação como construção social que se transforma ativamente pela ação de diversos grupos sociais, além de proporcionar a apropriação de signos e significados pertencentes à linguagem gestual/corporal do voleibol. Para tanto, ao longo de um semestre, organizou ações didáticas de análise, interpretação e reflexão sobre a modalidade esportiva.

Em uma escola pública federal sergipana, Souza (2010) tematizou a prática local do futebol e do voleibol junto aos alunos do 9º ano do ensino fundamental. Objetivando compreendê-las enquanto manifestações culturais que ocorrem num determinado contexto sócio-histórico e assumem diferentes significados a partir das representações dos diferentes grupos culturais que delas se apropriam, buscou identificar e problematizar os significados presentes nos diferentes contextos de prática de Aracaju. Em sentido semelhante, Colombero (2010) problematizou a representação do futebol enquanto esporte masculino inicialmente identificado nas turmas de 4º e 5º anos do ensino fundamental de uma escola municipal paulistana. Foram questionadas as relações de gênero, racismo e classe social que perpassam a modalidade, bem como aspectos envolvendo torcida organizada, valor dos ingressos, horário dos jogos, mercantilização da prática etc. Pautada no diálogo, a ação educativa permitiu que os alunos percebessem a construção e as transformações do futebol enquanto prática cultural.

Mazzoni (2010), atuando em uma escola privada da cidade de São Paulo, tematizou o futebol americano com as turmas

do 3º ano do ensino médio. Mediante a intenção de entender e analisar as relações raciais que perpassam a prática esportiva, Mazzoni (2010) discutiu os movimentos de resistências da população negra. Aproveitou para analisar as relações de poder e outros tipos de segregação presentes na sociedade e no mundo esportivo. Atuando também no ensino médio, mas em uma escola pública de Barueri (SP), Lozano (2010) aproveitou a realização a Copa do Mundo de Futebol da África do Sul para problematizar o que denominou de “paixão nacional”. Foram analisados aspectos como a presença das mulheres no esporte, a rivalidade entre as torcidas e vivenciadas diversas práticas da modalidade, desde as peladas aos jogos eletrônicos.

As relações vivenciadas na escola e no mundo do futebol foram a inspiração do trabalho de Andrade (2010) junto às turmas do 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de São Paulo. O mapeamento realizado deu visibilidade as atitudes desrespeitosas entre os alunos relacionadas às questões de gênero. Foi o que levou a docente a transformar a questão da diferença no cerne da ação didática, mediante leituras, interpretações e ressignificações do futebol. No decorrer do projeto, constatou que as vozes antes silenciadas começaram a se manifestar, incomodadas com a discriminação que ocorria durante as aulas.

Gramorelli e Tapetti (2010) partiram do voleibol para tematizar o futvolei, o vôlei adaptado, o vôlei paraolímpico, o biribol, o vôlei de praia e o punhobol em uma escola privada da capital paulista. Os alunos do 7º ano do ensino fundamental investigaram sua ocorrência, formato e significados atribuídos, vivenciando-as durante as aulas. As informações foram socializadas por meio de vídeos, como também as análises acerca da sua pouca presença na mídia.

Após realizar um mapeamento com os alunos, no intuito de descobrir quais práticas pertencentes à cultura corporal da comu-



nidade seriam tematizadas nas aulas de Educação Física, Barbosa (2012) selecionou o handebol. Os alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada na cidade de São Paulo iniciaram as vivências no formato conhecido. Surgiram divergências com relação às regras, escolha dos times, organização do tempo e pontuação do jogo. O grupo discutiu a necessidade de mudanças pensando na realidade da escola, resultando no “handebol da turma”. Uma aluna levantou a questão da agressividade e os conflitos com as minorias existentes na sala. Surgiu daí o interesse de pesquisar esportes com bola que possuem pouco ou nenhum contato físico (handebol de areia, *tchoukball* e *rugby tag*). Foram estudadas as regras e materiais, além da realização de vivências de cada modalidade.

Motivada pelos comentários dos alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de São Paulo, Colombero (2012) intercalou o funk e futebol nas aulas, tendo por objetivos conhecer suas histórias e os contextos de origem e prática na comunidade; relacionar o modo pelos quais os alunos as conhecem ou praticam; analisar, interpretar e vivenciar as múltiplas linguagens do corpo e dos movimentos expressivos no futebol e no funk; atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários; identificar as práticas discursivas presentes no funk e no futebol que reforçam pejorativamente a identidade de raça, etnia, moradia, gênero etc. nas diversas vivências dentro e fora das aulas; e analisar criticamente a participação da mídia e suas influências.

Gonçalves (2012) problematizou as questões de gênero e racismo nos Jogos Olímpicos de Londres, junto aos alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal paulistana. O trabalho iniciou-se pelo estudo dos símbolos, mitos, ídolos, modalidades e países participantes, participação das mulheres nos Jogos, além da história dos Jogos Olímpicos, Jogos Olímpicos

de Inverno, Jogos Paraolímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude. As atividades de ensino incluíram rodas de conversa, vivências, pesquisas na sala de informática, além de outras situações que permitiram o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos.

Outro trabalho que problematizou as relações de gênero junto às turmas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola do município de São Paulo foi desenvolvido por Gomes, Corsino e Ribeiro Neto (2012). Os professores promoveram a análise da ocorrência de situações de preconceito e discutiram a prática do *badminton* como um esporte de resistência às construções das diferenças. As ações didáticas oportunizaram cruzamentos de diversas fronteiras no cotidiano escolar, permitindo que os alunos assumissem posições distintas daquelas identificadas no início do projeto.

A partir do desejo dos alunos do 4º ano do ensino fundamental de reproduzirem a prática do futebol americano na escola, Gregório (2012) estabeleceu um campo de diálogo visando reconhecer significados culturais a partir de um contexto distinto daquele a que pertencem os alunos, questionando modelos e padrões impostos, reconhecendo que suas identidades culturais não possuem referências nos filmes que retratam o esporte. Os alunos não precisando transpor a cultura norte-americana para entender a prática tematizada, puderam, a partir das atividades propostas, reconstruir suas representações, reelaborar e hibridizar o esporte, criando novos significados a partir do ponto de vista dos grupos subjugados.

O skate foi o tema estudado pelos alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal situada no distrito de São Miguel Paulista, na capital do estado. Ao mapear a comunidade, Santos (2012) identificou a prática da modalidade. Para potencializar as vozes daqueles que historicamente foram (e são) silenciados na instituição escolar, atrelou o trabalho pedagógico com o skate ao Projeto Político Pedagógico da escola. Elegendo

como objetivo a desconstrução/reconstrução das relações de poder que permeiam o skate, foram propostas atividades para que os alunos pudessem acessar outras representações da manifestação corporal, a fim de desestabilizar a visão pejorativa que possuíam inicialmente. Ao final do projeto, observou-se que alguns alunos mantiveram as representações iniciais e seguiram afirmando que meninas não poderiam andar de skate. Contudo, passaram a respeitá-las durante a vivência da modalidade durante as aulas e a entender o skate não só como um instrumento utilizado para fins esportivos, mas também como meio de locomoção de algumas pessoas presentes na comunidade.

Com a intenção de desenvolver um projeto integrado ao estudo do meio realizado em uma escola pública estadual situada no município de São Paulo, Reis (2012) elegeu o *parkour* como tema para o trabalho com as turmas do 1º ano do ensino médio. O ponto de partida foi a assistência ao vídeo "*Parkour indoor*", gravado em uma academia de um bairro nobre de São Paulo. A partir de vivências das manobras realizadas nas aulas e da análise das modalidades do esporte presentes no filme, os alunos elaboraram, socializaram, experimentaram e registraram o seu próprio "percurso" que, posteriormente, foi comparado a outros acessados na internet. Com o final do estudo, foi possível identificar mudanças nos discursos em relação à manifestação e à forma que os estudantes se relacionam com os esportes radicais.

O *parkour* também foi tematizado nas aulas do 7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da capital paulista. Bonetto (2012) partiu da experiência de um aluno que nos finais de semana praticava a modalidade na Avenida Paulista e do contentamento daqueles que conheciam a modalidade pelas mídias sociais. O projeto contemplou diversas atividades de ensino, com destaque para a transformação de diversos espaços e locais da escola em 'obstáculos' a serem superados pelos alunos. Recor-

rendo a vídeos da internet, foram conhecidas as principais técnicas, características e, sobretudo, os valores da modalidade. Na opinião do docente, a maior contribuição do projeto consistiu na modificação das representações que os alunos possuíam sobre as aulas de Educação Física.

O relato de Siqueira (2012) narra a experiência desenvolvida com todas as turmas do ciclo I do ensino fundamental de uma escola pública situada no município de Osasco (SP). No início do ano letivo, os professores da instituição foram convidados a planejar as ações pedagógicas, visando o aniversário da cidade, o slogan seria "Osasco 50 anos". A professora de Educação Física listou as manifestações corporais tematizadas nos anos anteriores e, em conversa com as turmas, considerou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos o tema central do seu trabalho. A partir daí, elencou as manifestações esportivas praticadas no município e incluídas nos eventos citados, selecionando aquelas que mantinham alguma relação com as crianças. Dentre as atividades realizadas, os alunos identificaram as características dos esportes; analisaram seu contexto histórico, as transformações ao longo do tempo e a relação com os grupos sociais (e as diferentes identidades) que criaram e recriaram os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Além disso, os alunos conheceram os locais de prática existentes no município, identificaram representantes dessas manifestações, as possibilidades oferecidas, seus aspectos profissionais ou de lazer; e por fim, identificaram os praticantes das modalidades eleitas (quem são, suas origens, seus percursos, seus projetos de vida e suas relações com o esporte). Foram desenvolvidas atividades com características distintas, segundo o enfoque selecionado para cada ano escolar. As ações didáticas incluíram vivências, pesquisas, entrevistas com praticantes, visitas e reconstrução crítica das modalidades na escola. Na visão da professora, a escolha de um tema para todas as turmas foi interessante, pois

possibilitou conversas, reflexões e descobertas realizadas por crianças situadas em diferentes momentos da escolarização, o que potencializou trocas de conhecimentos entre as turmas. Também avaliou de forma benéfica a aproximação com as manifestações corporais realizadas na cidade, muitas vezes, sem que os alunos soubessem da sua ocorrência.

## 1.2 Uma reflexão sobre a prática docente

A análise dos relatos de prática alinhados à perspectiva cultural permitiu a identificação de algumas distinções com relação ao conhecido ensino do esporte. Em primeiro lugar, inversamente às recomendações convencionais, a perspectiva cultural não recorre a taxionomias nem tampouco às gradações e sequências para distribuição de conteúdos. Não há um conhecimento mais fácil e adequado ao ciclo inicial do ensino fundamental ou mais complexo para o ensino médio. O que se observa é que os professores trabalharam com a modalidade esportiva em sua inteireza, sem os questionáveis jogos pré-desportivos, sequências pedagógicas ou fragmentações semelhantes. Qualquer esporte pode ser estudado em qualquer etapa da educação básica. É óbvio que, conforme o grupo social, as experiências culturais corporais são disponibilizadas diferentemente às crianças e jovens e, mesmo no interior desses grupos, elas ocorrem de forma muito variada. Se as crianças são socializadas nos códigos esportivos pela família e televisão, os jovens, por sua vez, usufruem de inúmeras alternativas para acessar esses conhecimentos.

É interessante observarmos nos relatos de prática analisados que o esporte a ser tematizado foi selecionado por meio do mapeamento. Para coletar as informações necessárias, os educadores realizaram uma pesquisa de campo, reconheceram os locais

de prática existentes na comunidade, observaram a ocorrência de manifestações corporais ou constataram uma temática candente nas turmas com que trabalharam.

Foi com base nessas informações que os professores organizaram seus planos de trabalho. As atividades de ensino propostas problematizaram determinados aspectos do esporte selecionado, promoveram situações desafiadoras e levaram os alunos à busca de respostas para uma melhor compreensão da realidade. Os conteúdos aprendidos e a duração dos trabalhos variaram em função das características da temática, grau de aprofundamento desejado e posicionamentos da turma. Frisamos que o interesse dos alunos correspondeu às experiências culturais que possuíam e que as atividades propostas sofreram influências das condições da escola e das características da modalidade estudada. Enquanto certos temas provocaram grande curiosidade e necessidade de saber mais, o que levou os docentes a elaborarem uma quantidade maior de atividades de ensino e reorientarem suas ações didáticas, outros demonstraram possibilidades de enriquecimento mais limitadas.

Outra característica das práticas analisadas é a compreensão do que venha a ser conteúdo da aprendizagem. Os conhecimentos aprendidos emergiram da problematização desencadeada pelas atividades de ensino, levando em conta o esforço do grupo para sanar as dúvidas que surgiram durante o trabalho. Os professores permaneceram atentos às relações de poder embutidas na ocorrência social do esporte, procurando ajudar os alunos a interpretá-las e desvendar quais identidades são legitimadas e/ou negadas. Nessas circunstâncias, enfatizaram-se indagações acerca das condições assimétricas atravessadas por questões de gênero, consumo, história, formas de organização da prática, gestos e recursos empregados, entre outros aspectos, visíveis ou não, que caracterizavam a temática em pauta.

Observamos nas práticas narradas a preocupação com o diálogo e a leitura da gestualidade implícita nos esportes. A interpretação da prática esportiva, estimulada pelas atividades propostas, promoveu a interação coletiva, além da reorganização e discussão de outras possibilidades de vivência. Ou seja, valorizaram-se as diversas formas de expressar e comunicar aquela modalidade, explorando tal diversidade com base no repertório coletivo da linguagem corporal.

Para tanto, na maioria dos casos, os professores investigaram previamente os aspectos mais relevantes da modalidade e planejaram adequadamente as atividades e os espaços (em grupo ou individualmente, na quadra ou na sala de vídeo, autorizações necessárias, materiais, questões, explicações, demonstrações, vivências, discussões nos grupos, trabalhos gráficos, realização de debates, assistência de material audiovisual, apresentação de convidados, organização do acesso aos materiais informativos no transcorrer da aula, organização do tempo das atividades e as possíveis implicações na estrutura dos horários escolares), mesmo que tivessem dialogado com as turmas acerca do plano de trabalho para coletar sugestões e ideias sobre as atividades.

Nos relatos investigados, o esporte enquanto objeto de estudo foi concebido como prática social, e como tal, é criado e recriado por aqueles que dele participam ou pelos discursos sobre ele emitidos. Assim, foram questionados os discursos que essencializam ou naturalizam certas modalidades, por exemplo, “futebol é coisa de meninos” ou “*parkour* e skate são coisas de vagabundos”. Ler e interpretar os códigos veiculados com relação às manifestações corporais constituiu-se numa ação didática fundamental. Os alunos foram constantemente convidados a analisar a configuração e o posicionamento do esporte no tecido social, bem como dos seus representantes, (como acontece, quais as características da prática, regras, técnicas, táticas, quem par-

tipica, quais os recursos necessários, onde se localiza etc.), sua divulgação (ou falta de) na mídia, o modo como se organiza em outros espaços, como é representado pelos próprios alunos ou por outros grupos culturais, quais os discursos que o tornaram dominante ou subjugado etc. Questões que remeteram os alunos à análise do seu cotidiano e recorreram a conhecimentos de outras áreas, dando-lhes uma noção da complexidade das relações sociais que assolam as modalidades esportivas e seus praticantes.

Os professores também promoveram variadas situações didáticas que priorizaram a vivência corporal, submetendo-as também à leitura e interpretação. Diante das diferenças entre a prática social do esporte no seu *locus* original e a realidade da escola (número de alunos, espaço, tempo, material etc.), os alunos foram estimulados a elaborar novas formas de realizá-lo, tentando facilitar a compreensão da manifestação e do processo de transformação vivido por quase todos os produtos culturais. As peculiaridades de cada grupo e de cada escola foram levadas em conta por ocasião da reconstrução coletiva da modalidade objeto de estudo, proporcionando aos alunos uma experiência real da dinâmica cultural. Vale lembrar que tanto participa aquele que lê a gestualidade, interpreta-a e sugere modificações, quanto quem as executa. Essas posições foram alternadas ao longo das atividades de ensino.

Considerando que a maioria dos esportes atravessou um longo processo de transformações desde o seu surgimento, os professores sugeriram aos alunos, estimularam os alunos a experimentar novos formatos e avaliar a eficácia das próprias produções. Com isso, os alunos foram posicionados na condição de sujeitos históricos e produtores de cultura em condições semelhantes ao que acontece fora da escola. Sempre que um grupo social movido por variadas intenções se apropria de um artefato pertencente a outro ou, diante de alterações das condições existentes, seus



próprios representantes recriam o produto original, visando readequá-lo e garantir sua permanência ao longo do tempo, tanto a essência ou os significados do produto podem perder o caráter primário e assumir novas e distintas configurações.

Foi possível constatarmos nas narrativas analisadas que os docentes apropriaram-se dessa dinâmica cultural e valorizaram, no decorrer das aulas, a experimentação dos diversos formatos de prática conhecidos pelos alunos, bem como ofereceram condições para que experimentassem todas as alterações possíveis, a fim de que vivenciassem diferentes papéis sociais e elaborassem seus próprios produtos culturais. Ao final dos trabalhos, o que se obteve foi o handebol, o basquete, o *parkour* etc., de cada turma.

Outra característica dos trabalhos relatados é a presença de atividades de ensino que promoveram o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos. Visitas aos espaços onde ocorrem as práticas corporais, palestras com especialistas ou com pessoas com uma história de vida marcada pela prática da manifestação, aulas demonstrativas com estudantes praticantes matriculados em outras turmas da escola ou pessoas da comunidade, análise e interpretação de vídeos e textos dos diversos gêneros literários, mediação do docente, realização de pesquisas orientadas previamente, entre outras situações didáticas, permitiram não somente um conhecimento mais profundo do esporte estudado, como também o acesso a outras representações da modalidade.

Os aspectos destacados pelos alunos ou pelo professor durante o aprofundamento fomentaram outras vertentes de análise, vivências e pesquisas. O olhar dos estudantes sobre os esportes tematizados foi enriquecido mediante atividades de leitura, interpretação e construção de textos, análise de imagens, músicas e vídeos, diálogos com alunos de outras turmas, entrevistas com convidados, preparação para socialização do que foi aprendido mediante apresentações nos eventos da escola, expo-

sições de trabalhos nos dias festivos, elaboração de portfólios e demais produções dos estudantes.

Durante as atividades de ensino, as observações, análises e interpretações de tudo o que aconteceu constituíram-se como informações privilegiadas para a avaliação do trabalho pedagógico. O registro das atividades desenvolvidas foi uma ação constatada em todos os relatos analisados, o próprio documento, por si só, já constitui-se em registro do que aconteceu. Nele constam encaminhamentos efetuados, respostas dos educandos e arquivamento de alguns exemplares dos materiais produzidos durante as aulas ou a partir delas. A coleta de informações sobre o processo subsidiou a reflexão a respeito da prática pedagógica e acumulou indícios para identificar tanto os acertos quanto os possíveis equívocos cometidos no decorrer das atividades de ensino.

Uma vez que o mapeamento diagnosticou a cultura de chegada, os registros que os professores elaboraram ao longo do processo facilitaram a identificação das insuficiências e alcances das atividades de ensino desenvolvidas. As atividades propostas mereceram um olhar atento, especialmente, para as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos, e entre eles e os conhecimentos abordados. Com frequência, os questionamentos, interesses e conflitos identificados pelos envolvidos apontaram a necessidade de elaborar e conduzir novas atividades de ensino.

O registro do processo não impediu que muitos educadores organizassem atividades avaliativas específicas ao final dos projetos, visando descobrir, em que medida, os procedimentos didáticos realizados contribuíram para ampliar o repertório dos conhecimentos do grupo, bem como a superação dos preconceitos e concepções inicialmente reveladas. Uma análise mais detalhada do produto final que os alunos elaboraram como consequência dos trabalhos (apresentação, relatório, coreografia, exposição, portfólio, ou, simplesmente, os depoimentos sobre

a manifestação corporal tematizada e seus representantes), quando entrecruzada com os registros do processo, constituiu-se em elementos privilegiados para avaliar as modificações dos conhecimentos levantados por ocasião do mapeamento.

### 1.3 Considerações finais

Alegra-nos a constatação de que a maioria dos trabalhos que tematizaram o esporte, apresentados nas quatro edições do Seminário de Metodologia do Ensino de Educação Física da Faculdade de Educação da USP, influenciaram-se pela perspectiva cultural da Educação Física. Dentre os diversos aspectos que caracterizam essa pedagogia, o enfoque nas atividades coletivas e a valorização atribuída às vozes dos representantes das culturas que coabitam a sociedade merecem ser ressaltados.

Ao invés de priorizar ações sem significado, as atividades de ensino envolveram-se com a análise e problematização das práticas esportivas e das questões que as envolvem. O emprego de tarefas coletivas exigiu conversas constantes que frutificaram em intercâmbio de representações que, por sua vez, foram potencializadas com leituras, vídeos, diálogo com praticantes e convidados.

Não somente a linguagem corporal teve lugar, mas também a oral, digital, musical, pictórica, entre outras, comumente mais acessíveis às crianças e jovens. Por meio dessas formas de expressão, a ideologia da cultura dominante e as ideologias das outras culturas foram confrontadas. O esporte não foi acessado do ponto de vista exclusivo dos bem-sucedidos e midiáticos, também foram acessados como conhecimentos relevantes, os modos de ver das mulheres, pobres, moradores da periferia, idosos e não praticantes.

Em tom de finalização, é importante dizermos que a perspectiva cultural da Educação Física documentada nos relatos analisados precisa transformar-se em objeto de estudo de um contingente maior de professores e pesquisadores. Não devemos aceitá-la sem debate ou crítica. Não pode haver uma proposta definitiva, um só caminho a seguir. Outros são possíveis e necessários. Ao leitor, fica o convite a pensar conosco, dialogar, rejeitar e sugerir, a hibridizar, ressignificar, posicionar-se e lançar outras propostas comprometidas com a construção de uma vida melhor para todos.

## Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- ANDRADE, B. C. **Futebol das diferenças**. Relato de Prática, 2010.
- BARBOSA, A. J. **Tematizando o handebol nas aulas de Educação Física**. Relato de Prática, 2012.
- BELLO, S. S. O. **De vento em popa**. Relato de Prática, 2006.
- BONETTO, P. **Le Parkour no Julio: um relato de transformação curricular**. Relato de Prática, 2012.
- BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 2, p. 62-68, 1986.
- COLOMBERO, R. M. P. **Com futebol se faz cidadania**. Relato de Prática, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Projeto funk futebol: quais são as suas identidades?** Relato de Prática, 2012.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GOMES, N. C., CORSINO, L. N.; RIBEIRO NETO, F. J. **O badminton na Educação Física escolar: uma experiência a partir da categoria gênero**. Relato de Prática, 2012.
- GONÇALVES, N. **Jogos Olímpicos e marcadores sociais: gênero e racismo em foco**. Relato de Prática, 2012.

- GRAMORELLI, L. C. **A cultura corporal do aluno como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física**: esportes com raquetes. Relato de Prática, 2008.
- MATIAS, R. A.; GALVÃO, Z. **Tênis na escola**: uma proposta além da dimensão procedimental. Relato de Prática, 2008. GRAMORELLI, L. C.; TAPETTI, C. H. **A cultura corporal nas aulas de Educação Física**: o mundo do voleibol. Relato de Prática, 2010.
- GREGÓRIO, A. B. **Futebol americano e as líderes de torcida**. Relato de Prática, 2012.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LEITE, F. I. L.; LEMOS, F. R. M. **A “escalada” na Educação Física escolar**. Relato de Prática, 2006.
- LIPPI, B. G. **Voleibol**: possibilidades de vivência e interpretação. Relato de prática, 2008.
- LOPES, A. A. S. M. **O método integrado de ensino dos jogos desportivos coletivos nas aulas de Educação Física escolar no município de Cubatão (SP)**: uma forma adequada de utilizar os conteúdos esportivos na escola. Relato de Prática, 2010.
- LOZANO, M. C. **Paixão Nacional**. Relato de Prática, 2010.
- LUZ JÚNIOR, W. J. **A relevância do futebol como aspecto pedagógico no ensino fundamental de 5ª a 8ª séries**. Relato de Prática, 2006.
- MAZZONI, A. V. **Futebol americano**: território sem fronteiras. Relato de Prática, 2010.
- MONTEIRO, F. **Pingue-pongue na escola**: uma proposta na perspectiva cultural da Educação Física. Relato de Prática, 2008.
- MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002.
- NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática do ensino** – Educação Física. São Paulo: Blucher, 2011.
- \_\_\_\_\_. O lugar do esporte no currículo cultural da Educação Física. In: ANTUNES, A. F.; LEVANDOSKI, G.; FREITAS JÚNIOR, M. A. **Educação Física, esporte e qualidade de vida**. Curitiba: CRV, 2013. p. 9-24.
- NUNES, M. L. F. **Futebol na escola em ano de Copa do Mundo**. Relato de Prática, 2006.
- PINA, L. D. **O basquete numa perspectiva crítica da cultura corporal**. Relato de Prática, 2006.
- REIS, R. **O Le Parkour e seus caminhos no 1º ano do ensino médio**: por uma Educação Física multicultural. Relato de Prática, 2012.
- SANTOS, L. A. **Projeto skate**: “As meninas vão fazer o quê, professor?” Relato de Prática, 2012.
- SIQUEIRA, C. C. **De Osasco a Londres**. Relato de Prática, 2012.
- SOUZA, M. M. N. **Futebol e voleibol**: que “jogos” são esses? Relato de Prática, 2010.



## O LEGADO EDUCATIVO DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E REFLEXÕES SOBRE A PERSPECTIVA MIDIÁTICA NO ESPORTE

*Marcelo José Taques<sup>3</sup>*

*Silvia Christina de Oliveira Madrid<sup>4</sup>*

Ao situarmos o esporte profissional como protagonista do espetáculo esportivo, torna-se relevante trazer algumas discussões a respeito dos possíveis legados educativos dos megaeventos esportivos e de reflexões sobre a mídia a partir dos veículos de comunicação que se cristalizam por meio das produções de informações e bens culturais que são diretamente ligados ao caráter subjetivo da sociedade.

O intuito é destacarmos alguns benefícios dos megaeventos esportivos na escola, tendo como base as características do esporte a partir de sua gênese no contexto dos jogos olímpicos, os quais se destacavam pelas regras deontológicas construídas por várias culturas e pelos valores concebidos pelo olimpismo, sob a égide do movimento olímpico desenvolvido no final do século XIX. A discussão também traz uma pauta de análise sobre as

---

<sup>3</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), docente do Departamento de Educação Física da Faculdade Guairacá (Guarapuava-PR), pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

<sup>4</sup> Pós-doutora em Educação Física (UFSC/SC), doutora em Ciência da Atividade Física e do Esporte (Unileon/ES), docente no Curso de Licenciatura em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), coordenadora de curso e docente no Ensino a distância (EaD) da UEPG (PR). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq- [www.gepefe.com](http://www.gepefe.com)).

influências que a mídia exerce em relação ao esporte profissional como protagonista do espetáculo esportivo, bem como suas contribuições como recurso didático pedagógico para o ensino do esporte no contexto da escola.

Nesse direcionamento, no contexto dos megaeventos esportivos, percebemos que várias unidades homogêneas atreladas ao esporte acabam sendo articuladas pela mídia, fruto dos avanços científicos, econômicos e tecnológicos. Essas grandes invenções no mundo dos esportes caracterizam-se em três, de acordo com Santin (2009, p. 333), sendo: “As Olimpíadas, o mais celebrado, sob o comando do impenetrável COI; a Copa do mundo de Futebol, subjugada pela astuciosa FIFA; a Fórmula 1 do automobilismo, controlada pela poderosa FIA”. Esses grandes eventos que estão presentes em nossa estrutura social e econômica nos apresentam várias formas de refletir sobre o esporte enquanto atividade esportiva e sob a ótica das ações que são orquestradas para se manter o *status quo* delimitado pelas suas respectivas siglas.

Vale ressaltarmos, que a partir dessa proposta, o intuito é desmistificar as críticas recorrentes principalmente dos dois primeiros grandes eventos, retratando os possíveis benefícios que esses movimentos podem deixar como legado educativo para o Brasil, após a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. No entanto, de acordo com Mezzaroba et al. (2011, p. 30), o conceito de legados dos megaeventos esportivos é difuso,

pois transita entre sonhos e realidades, projetos estruturantes necessários, projetos utópicos, limites, diferenças, convergências, contradições, experiências das mais diversas, sendo que esse processo desafia a interseção entre esporte, política, cultura e mercado.

Dessa forma, o debate sobre os legados educativos desses empreendimentos se torna complexo, devido às várias formas de



interpretar o esporte e suas dimensões, para que ambos não se tornem obsoletos. Cabe à escola, então, promover o diálogo sobre os benefícios e contradições desses megaeventos de ampla escala cultural, tanto em seu caráter esportivo quanto comercial, ressignificando as manifestações do esporte, principalmente aquela que articula o profissionalismo ao fator econômico e que possui uma massa consumidora que visa o espetáculo em formato esportivo.

## **2.1 O debate sobre os megaeventos esportivos: possibilidades educativas para a Educação Física escolar**

Os megaeventos esportivos por si só apresentam várias propostas interessantes, sendo muitas delas, propostas de intervenção pedagógica, no entanto, devido a esses empreendimentos serem muito significativos e com distintos propósitos, muitos acabam inviabilizando as discussões e alternativas educativas, pois permeiam outros interesses, assim os megaeventos apresentam um campo de contradições. Diante disso, sabemos que atualmente o esporte vem sendo um dos principais fenômenos social, cultural, econômico e político, causador de muitas polêmicas principalmente no âmbito escolar, sendo esse tema um dos mais abordados por pesquisadores, professores e estudantes.

Nessa perspectiva, torna-se relevante trazeremos discussões que possam balizar o processo de intervenção profissional na escola, a fim de caracterizar o fenômeno esportivo a partir dos legados educativos que os megaeventos esportivos podem deixar para o Brasil. Vale ressaltarmos, que nesse discurso sobre tais legados, temos muitas reflexões analíticas que merecem destaque, como por exemplo, o texto do Art. 217, que trata do desporto na Constituição Federal de 1988, o qual evidencia que:

É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais

e não-formais, como direito de cada um, observados: a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento.

Esse discurso nos remete a interpretar que realmente nessa conjectura a estimativa de capital de forma prioritária deve ser direcionada para um contexto mais pedagógico e educativo, no entanto, o que percebemos nesse cenário o qual estamos vivenciando é uma alteração de sentidos e significados que são atribuídos ao esporte, efeito dos megaeventos esportivos que dentro dessa perspectiva legal, no que tange a deliberação orçamentária, enquadra-se como casos específicos para o desporto de rendimento.

Diante dessas percepções, necessitamos debater sobre o legado educativo que essa lacuna orçamentária sobre os “casos específicos” para o esporte de rendimento pode deixar para a prática social, sendo necessário, num primeiro momento, interpretarmos a relação existente entre escola e sociedade, sendo que a partir de estudos já desenvolvidos<sup>5</sup>, podemos partir da análise de Betti (2001), que nos questiona especificamente sobre a disciplina de Educação Física dizendo: será possível transformá-la sem que haja qualquer movimento de transformação da sociedade? Essa é uma questão muito significativa que pode gerar muitas reflexões, pois enquanto educadores devemos observar a Educação Física escolar inserida num contexto social, sendo assim, se tratando do esporte, o professor deve ter uma visão sociológica desse conteúdo e ainda levar em conta que essa área do conhecimento e a sociedade caminham juntas em um duplo sentido, buscando o mesmo objetivo, que é a transformação social, partindo do contexto em que a escola está inserida.

Sendo assim, por meio de todo esse referencial sobre possíveis transformações sociais, os megaeventos esportivos trazem

---

<sup>5</sup>Trabalho apresentado no IV CSBCE – IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Faxinal do Céu, 2008 (TAQUES; HONORATO, 2008).

como possibilidade educativa uma análise conceitual das manifestações esportivas, no intuito de ressignificar as práticas esportivas institucionalizadas, visando na escola uma possível aproximação do alto rendimento com o esporte educacional, para interpretar e resgatar os benefícios que os legados educativos dos megaeventos podem proporcionar para o processo de intervenção do profissional de Educação Física no contexto educacional.

Seguindo nessa linha de pesquisa, partindo dos estudos realizados por Eichberg (1995 apud BETTI, 2001, p. 164) nessa dinâmica para compreender o espetáculo de forma multicultural, corroboramos com uma proposição que se evidencia pela “abordagem dialética da cultura corporal, considerando que o modo de estar no mundo do homem é triplo: Isso, Eu e Tu”.

No primeiro, corpo Isso: considera-se que o corpo “é o modelo hegemônico na cultura esportiva. O corpo esportivo é tratado como uma coisa, como um instrumento, produzindo dados: o recorde dos 100 m rasos é x segundos” (BETTI, 2001, p. 164-166). Essa consideração do autor é pertinente, pois na contemporaneidade ainda existe o ensino do esporte sendo caracterizado dessa forma, tratado como uma máquina reprodutora de resultados, porém ressaltamos que esse não é o objetivo da disciplina Educação Física na escola, pois nesse contexto acabamos assumindo alguns perfis profissionais, sendo que podemos trabalhar o esporte na perspectiva da técnica, dos movimentos e fundamentos básicos, entre outros, por meio de um simples jogo pré-desportivo, mas que o objetivo principal não seja desvalorizado, que é o desenvolvimento de novos conceitos, comportamentos e atitudes que os alunos necessitam para sua formação enquanto cidadãos transformadores.

Na segunda perspectiva, temos o corpo Eu, que se evidencia pela dinâmica de que “Eu preciso fazer alguma coisa pela minha saúde, é uma das reações expressas pela subjetividade diante do problema do corpo na moderna sociedade baseada na produtividade”

(BETTI, 2001, p. 164-166). Atualmente, pela emergente sociedade da informação em que vivemos, com novas tecnologias e dinâmica econômica exacerbada, a busca pela estética tem aumentado bastante, muitas vezes de maneira incorreta. Sendo assim, é importante assumirmos o papel de professor e também de educador no âmbito escolar: professor, no momento em que transmitindo o conhecimento sistematizado para os alunos e educador, no momento em que esses alunos adquirem esse conhecimento, cujo processo é caracterizado pelos momentos da problematização e instrumentalização das aulas, buscando mostrar para os educandos que não é preciso ter um tênis de marca, só porque o jogador considerado melhor do mundo está usando um, não é preciso adquirir padrões de beleza, de estética, só porque a mídia está reproduzindo, mas sim devemos ter consciência e autonomia para fazer uma leitura crítica dessas informações e não aceita-las de tal forma.

Na perspectiva do corpo Tu: destacamos que “A carnavalização e a musicalização da cultura esportiva mais recente apontam para a direção do corpo – tu e são relevantes para o entendimento das atuais inovações do esporte” (BETTI, 2001, p. 164-166). Essa relação do homem com a natureza também está muito avançada, podemos citar as corridas de rua, na qual as pessoas usam roupas diferenciadas, dizem frases humorísticas, tornando o esporte, muitas vezes, um evento carnavalesco.

Portanto, essas características estão presentes na escola, mas em determinados momentos devemos inovar por meio de diferentes estratégias, fazendo com que o aluno adquira conhecimento sobre as diversas realidades sociais, observando o espetáculo esportivo com um olhar atento e crítico, a fim de não compreender tal conhecimento de forma hegemônica.

Para isso, é importante pensarmos sociologicamente o esporte, sendo que esse pensar seja crítico e criativo. “Crítico porque, afastada a crítica, só resta a inércia e a submissão. Criativo

porque, sem a criatividade, tornamo-nos apenas reprodutores de ideias e problemáticas que não são as nossas, mas de outros tempos e lugares, ou de outras competências” (BETTI, 2001, p. 168). Nesse direcionamento em relação aos debates sobre os megaeventos, corroboramos com a ideia de Rubio (2009, p. 75), que nos destaca que “[...] o termo Olimpismo refere-se ao conjunto de valores pedagógicos e filosóficos do Movimento Olímpico, e não aos aspectos formais e/ou burocráticos que sustentam a instituição e o fenômeno olímpico”, ou seja, é importante refletir sobre as outras dimensões e valores que fazem parte desses empreendimentos, e não somente identificar o esporte como espetáculo a partir de uma perspectiva mercadológica e consumista.

Nessa linha de análise, o debate sobre os legados deve ser analisado como uma categoria sociológica, pois como destaca Souza e Marchi Jr (2010, p. 255), é importante evidenciar que para a

[...] sociologia dos legados dos megaeventos esportivos’ possa se constituir de forma rigorosa e reflexiva, é necessário que deixemos primeiramente de tomar a noção de ‘legado’ (*legatum*) como um ponto de partida de nossas análises e passemos a tratá-la na condição de uma categoria sociológica de reflexão sócio-filosófica e de acesso e interpretação da realidade empírica.

Diante dessa reflexão, percebemos certa preocupação em destacar o legado, como uma categoria sociológica que contribua para beneficiar as práticas esportivas da população, tanto em ambientes formais quanto não formais. Além das possíveis mudanças, que esperamos acontecer nesses contextos, vários outros benefícios podem ser destacados e valorizados como legados educativos dos megaeventos, como as análises sobre a relação entre competição exacerbada e experiências pedagógicas e harmoniosas, o respeito que se caracteriza pelo *fair-play*, que presume uma formação ética e moral dos praticantes, o debate

sobre a relevância da educação cívica no esporte, a importância da prática esportiva para a saúde de seus praticantes, o resgate do trabalho com a superação de desafios e intervenção coletiva, a necessidade de elaboração de ações e projetos para formação da base de atletas, análises sobre o legado educativo das infraestruturas esportivas, organização e administração de eventos esportivos e práticas culturais para a comunidade no tempo disponível, a relevância da união entre nações no esporte, desmistificação do preconceito, compreensão mais ampla das diferentes manifestações esportivas, reflexões sobre a cobertura midiática, entre outros.

Sendo assim, no que tange ao ensino e aprendizagem do esporte como conteúdo da Educação Física, podemos direcionar o olhar a partir de diferentes posições, em busca da concretização de ideias e metas que apresentem o caráter educativo e pedagógico do esporte na atualidade.

Nesse direcionamento, ao tratarmos desta questão polêmica que é o debate sobre o esporte, é pertinente ressaltar que ele é essencial para a disciplina de Educação Física e que

nossa defesa não é por sua abolição das aulas, mas sim por um trato pedagógico do esporte – analisando o tipo de educação veiculado por outra forma de manifestação esportiva – para que se torne educativo numa determinada perspectiva (crítica) de educação (ALMEIDA; BRACHT, 2003, p. 97).

Portanto, pensemos em elementos diferenciados ao tratar do esporte na escola a partir dos legados que os megaeventos podem deixar como empreendimentos significativos e educativos para a sociedade, fazendo com que o esporte-espetáculo possa assumir outras características enquanto conhecimento da Educação Física.

## 2.2 O esporte e os aparatos técnicos de comunicação e

## informação: influências e contribuições

Diante do cenário em que o esporte se estruturou enquanto conhecimento histórico produzido pela humanidade, percebemos durante o desenvolvimento dos jogos olímpicos que, em muitas práticas sociais, ele vem se distanciando das características culturais, baseadas em valores éticos e pedagógicos, e se caracterizando de forma cada vez mais abrangente, como uma instituição carregada de valores pautados na mercadorização e no consumismo do entretenimento. Essas características decorrem principalmente do processo de espetacularização que está cada vez mais presente em nossa estrutura social, sendo que conforme destaca Debord (1997, p. 13):

Toda vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. [...] O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem.

Nessa perspectiva, como fonte de entretenimento, os megaeventos esportivos apresentam-se como uma ampla referência no que tange ao espetáculo esportivo, por meio de seus vários aspectos imaginários e simbólicos que contribuem de forma significativa e massiva para o repertório econômico e social de uma estrutura que visa o capital.

Esse processo simbólico foi sofrendo transformações por meio dos eventos esportivos de grande escala, e nesse sentido, apresenta características da sociedade moderna que codifica a realidade por meio dos diversos meios de comunicação. Embora a mídia afirme ser efetivamente parceira do fenômeno esportivo, ela traz consigo várias contribuições por meio do desenvolvi-

mento da ciência e da tecnologia da informação, facilitando o acesso das pessoas aos bens culturais que historicamente vem sofrendo modificações durante os tempos.

Por meio desses apontamentos, buscando aprofundar conceitualmente a definição da mídia, para tanto recorreremos a Santaella (1996, p. 31), que explica a relação entre comunicação e informação, apontando que:

[...] onde quer que uma informação seja transmitida de um emissor para um receptor, tem-se aí um ato de comunicação. Não há, portanto, comunicação sem informação. Mas não há também transmissão de informação sem um canal ou um veículo através do qual essa informação transite, assim como não há comunicação ou ligação entre emissor e um receptor se estes não compartilharem, pelo menos parcialmente, do código de através do qual a informação se organiza na forma de mensagem.

Essas relações se tornam relevantes no sentido de mostrar que a comunicação se concretiza a partir do momento que existe a informação e que ambas se estabelecem a partir da comunicação entre emissor e receptor, as quais neste estudo vêm merecendo destaque sendo reafirmadas como veículos de comunicação. Diante dessas referências, cabe à escola, fazer uma análise criteriosa sobre esses recursos midiáticos e sobre os conhecimentos que estes postulam na sociedade por meio do fenômeno esportivo.

Entretanto, antes de discutirmos sobre como a mídia se evidencia, quais são os meios mais desenvolvidos e como o esporte se relaciona com esses recursos, é necessário compreendermos o seu conceito, e para isso corroboramos com as ideias de Lima (2003, p. 113) quando diz que mídia é:

O conjunto de instituições que utilizam tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário



tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa.

O conjunto dos meios de comunicação que fazem parte da mídia é utilizado para a divulgação de informações como fonte de entretenimento, e ainda, a presença da lógica comercial traz como características a produtividade e a lucratividade dos seus processos informativos. Observamos também, a relação com o processo imaginário da sociedade, devido aos aspectos culturais e simbólicos que a mídia apresenta, pois segundo Ferrés (1996), a televisão é também considerada um reflexo da realidade que, com uma forma específica, faz da vida um espetáculo.

Nesse sentido, percebemos que os meios de comunicação são extremamente envolventes, pois influenciam e exercem um fascínio sob as pessoas, veiculam informações, reproduzem temas, conteúdos e formatos diante do processo comunicacional. “Utilizam marcas do imaginário as quais são instituídas e modificadas por eles, combinando informações sobre as necessidades materiais e simbólicas do grupo-alvo, como seus anseios, suas crenças e suas fantasias” (FINCK, 2010, p. 115).

Os meios de comunicação podem ser veiculados por meio de jornais, revistas, rádio, televisão, computador, cartazes, pôsteres, e inclusive, no trânsito por meio de ônibus, táxi, metrô, entre outros (FERRÉS, 1996).

Como princípio de discussão, acreditamos que seja necessário na escola o debate referente aos diversos veículos de comunicação, trazendo como foco da mediação, a reflexão e a associação de medidas necessárias para os cuidados na utilização qualitativa dos meios de comunicação.

Considerando o esporte espetáculo nesse processo, como produto diante dos diversos recursos midiáticos, temos a televisão como o recurso que mais se estabelece no campo das informações e dos interesses mercadológicos, pois “transforma’ pessoas comuns em figuras populares (heróis, artistas, jogadores, políticos, modelos e até os fora da lei) da noite para o dia, tornando-as, muitas delas idolatradas, mitificadas” (FINCK, 2010, p. 115).

Esses aspectos se concretizam devido ao predomínio exercido pela produtividade e a lucratividade dos meios de comunicação relacionados ao esporte, principalmente o de rendimento. Em outras palavras, Santaella (1996) nos mostra que, inevitavelmente, o esporte na mídia é sempre mediado pelos olhares interessados dos diversos meios, dentre os quais se destaca a televisão, a mais híbrida de todas as mídias, “que absorve e devora todas as outras mídias e formas de cultura” (SANTAELLA, 1996, p. 42).

Destacamos por meio dessas análises que o esporte e a mídia são parceiros nos diversos negócios que essa relação pode proporcionar, tais associações apresentam-se por meio de exposições esportivas de grande escala, temáticas diversas e comercialização de produtos tendo como espelho o fenômeno esportivo.

Diante desses pressupostos, percebemos que o esporte se apresenta como uma empresa, o qual é usado como produto para a comercialização em ampla escala. Por meio de tais evidências, identificamos que a televisão pode apresentar-se por meio de recursos televisivos fechados e abertos, o que, nesse caso, se caracteriza pela intencionalidade de redes por assinatura, as quais potencializam a divulgação do esporte, fazendo

com que as pessoas se apropriem desses recursos para desfrutar dessas programações.

“A televisão colabora com a divulgação deste cenário, por ter como característica a possibilidade de reunir som, imagem, movimento e cor, elementos significativos quando se busca transmitir emoção para o público [...]” (FINCK, 2010, p. 117). Nessa linha de análise, considerando a televisão como uma fonte estimuladora de consumo, corroboramos com Betti (1998, p. 36) quando diz que esse veículo de comunicação

Além de estimular o consumo de produtos esportivos, (vestuário, equipamentos etc.) utilizando o esporte como conteúdo ou associando-o a outros produtos por meio do anúncio publicitário, tornou o próprio telespetáculo esportivo um produto de consumo comparável às telenovelas e aos programas de auditório.

Dessa maneira, percebemos que quando o foco da programação televisiva é o esporte, comparado a outros programas, alcançam uma maior audiência de público, pois além de proporcionar o telespetáculo, incitam as pessoas ao consumo de bens e produtos que deixa em pauta as novas formas de comportamento e de conduta que o corpo dissemina na contemporaneidade. Dessa forma,

os esportes que não se adaptarem à televisão estarão fadados ao desaparecimento: da mesma forma, as televisões que não souberem buscar o acesso aos programas esportivos, jamais conseguirão sucesso financeiro e de público (Nuzzman, 1996, apud PIRES et al., 2011, p. 15).

Diante dessa configuração, esse sucesso entre a mídia e o esporte se concretiza devido à multiplicidade de pessoas que, diante desse processo de mercantilização, identificam-se como receptores dos elementos adaptados para o consumo idealizado

como processos advindos da indústria cultural. Caracterizada em vários estudos como cultura de massa, a televisão, para Bourdieu (1997, p. 51), “leva ao extremo essa condição na medida em que sofre mais do que todos os outros universos de produção cultural a pressão do comércio, por intermédio do índice de audiência”.

Devido a essa expansão, percebemos que esse recurso chega ao seu limite de desenvolvimento, pois consegue transformar quase tudo a seu modo, ocasionando nas pessoas certa confusão, pois muitas vezes são misturados fatos reais com produções fictícias (FINCK, 2010). Sobre essa realidade, sabemos que são várias as formas de compreensão do público sobre os anúncios da publicidade, no entanto de acordo com Ferrés (1996, p. 42):

O espectador tem consciência que aquilo a que está assistindo é ficção, mas vive as sensações como se fosse realidade. E isso ocorre porque ele precisa ser enganado. Precisa alimentar sua fantasia, a sua imaginação. Precisa aceitar as mentiras como se fossem verdadeiras, porque, envolvendo-se emocionalmente, pode elaborar e liberar os seus próprios conflitos internos.

Considerando os aspectos evidenciados até então, acreditamos que no processo de ensino aprendizagem do esporte, os alunos possam vir a identificar esses mecanismos de contradição, e que a partir de análises, não alimentem fantasias proporcionadas pela emoção do espetáculo esportivo, mas sim que tenham a consciência e o reconhecimento do que realmente se evidencia por trás dos bastidores do campo esportivo.

É fundamental percebermos, portanto, que com o grande avanço tecnológico e com a expansão da televisão como agência que dissemina o espetáculo esportivo, essas discussões necessitam ser ampliadas e contextualizadas na escola, pois a intenção não é ignorar a presença da mídia, mas refletir sobre suas influências e destacar suas contribuições para o ensino da Educação Física

na escola, priorizando uma leitura crítica e consciente sobre esses recursos. Para que possamos fazer essas intervenções, torna-se necessário compreender, segundo Ferrés (1996, p. 10), que:

Hoje a televisão tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações.

Esses aspectos referentes à mídia televisiva são importantes e necessários para o processo de ensino na escola, pois mostram a legitimidade da instituição escolar em aprofundar os saberes sobre o esporte enquanto conteúdo pedagógico. Assim, cabe a ela organizar, selecionar e sistematizar o conteúdo científico a ser desenvolvido, e que o professor sempre esteja relacionando esses elementos durante o processo educativo, ou seja, que ele desenvolva suas aulas com a ideia da práxis, “que é a prática refletida e teorizada, pois “a teoria sem a prática é oca, e a prática sem a teoria é cega”” (WINTERSTEIN, 1995, p. 39), ambos são termos dialéticos necessários para o processo de ensino e aprendizagem escolar.

Outro aspecto relevante que merece nosso destaque é que a sociedade contemporânea, com a evolução das Tecnologias de informação e comunicação - TIC's<sup>6</sup>, proporciona para a comunidade uma ampla bagagem de conhecimentos por meio dos diversos veículos de informação, diante disso, torna-se necessário que a escola reconheça essa transformação, desenvolvendo uma ação comunicativa e uma contraposição de saberes no contexto

---

<sup>6</sup> Essa terminologia envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos e digitais, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros (SILVA; SANTOS, 2009, p. 94).

educacional, fazendo com que informações alienantes e fragmentadas possam se tornar conhecimentos científicos que contribuam para uma reflexão mais crítica sobre os recursos midiáticos existentes na atualidade.

Contribuindo com essas discussões, esperamos que as ações pedagógicas na escola estejam sendo direcionadas para a crítica do esporte da mídia, e concordando com as palavras de Betti (2001, p. 3), num exercício de imaginação e esperança, o que deveríamos ler, ouvir e olhar se houvesse um outro lado o do esporte na mídia:

- a cobertura de várias modalidades esportivas, inclusive as que ainda são predominantemente amadoras;
- a presença de informações/conteúdos científicos (biológicos, socioculturais, históricos) sobre a cultura esportiva;
- análises aprofundadas e críticas a respeito dos fatos, acontecimentos e tendências nas várias dimensões que envolvem o esporte atualmente (econômica, administrativa, política, treinamento, tática, etc.), considerando o passado, o presente e o futuro;
- as vozes dos atletas (profissionais e amadores) enquanto seres humanos integrais, e não apenas como máquinas de rendimento, nos falando sobre a experiência global de praticar esporte;
- uma maior interação com os receptores, considerados indivíduos singulares, instaurando um verdadeiro processo de comunicação.

Essas são algumas afirmações que se tornam relevantes e que merecem destaque por parte dos pesquisadores, professores e estudantes que buscam uma análise mais criteriosa a respeito do esporte evidenciado nos diversos meios de comunicação.

De acordo com o que já discurremos, para o ensino do

esporte, são necessárias a habilidade e a competência de, por meio da seleção, organização e sistematização dos conteúdos, haver a relação do universo cultural com o movimento corporal no contexto da Educação Física.

No entanto, vale ressaltar que durante esse processo é indispensável uma reflexão sobre os discursos acerca do esporte que a mídia veicula nesse contexto de incorporação, pois ao fazê-lo, transmite também mensagens sobre corpo, saúde, entre outros, propiciando a constituição de informações sobre estes assuntos por parte da população. Porém,

devemos ressaltar que nem sempre tais discursos apresentam a totalidade dos fenômenos abordados, reduzindo-os a concepções fragmentadas, de fácil entendimento e por isso mesmo, limitadas (MENDES, 2006, s/p).

A partir das diversas discussões desenvolvidas no campo acadêmico sobre a mídia, não podemos negar sua contribuição para o processo de ensino no contexto escolar, para isso, é preciso educar-se para ela, saber como utilizá-la diante desse processo, para assim proporcionar uma educação/conhecimento por meio dela. Assim, para que seja possível almejar essa relação qualitativa entre os veículos de comunicação e o ensino do esporte, antes de tudo a escola e a Educação Física, nesse contexto dos megaeventos, devem buscar estratégias para que esses conhecimentos sejam coerentes com a realidade dos alunos e que sejam significativos para a sua formação por meio do que aprendem.

A partir dessa visão, o andamento das atividades pode ter mais qualidade, um maior significado para os alunos mediante uma ação comunicativa e reflexiva sobre a mídia em questão, pois diante dessas análises “Não se renuncia ao espetáculo, pelo contrário, ele é utilizado para fins educativos, como ponto de partida para um trabalho crítico” (FERRÉS, 1996, p. 99).

Para isso, como reflexão e exigências de ação, de acordo com Finck (2010, p. 122) a fim de que “possamos fazer intervenções de forma competente e responsável, e nos posicionar perante a televisão, devemos ter conhecimentos sobre esse meio de comunicação e sua linguagem”.

Nesse sentido, evidenciamos a necessidade de o professor buscar estratégias condizentes para a utilização dos meios de comunicação no desenvolvimento das aulas de Educação Física, no sentido de atender as necessidades e expectativas dos alunos, visando à apropriação do conhecimento de maneira significativa e reflexiva.

## 2.3 Considerações finais

Nesse cenário em que se apresenta o esporte como um conhecimento multicultural, torna-se relevante destacarmos algumas considerações que são indispensáveis para sua reinvenção no contexto da escola. Sendo assim, o debate sobre os megaeventos esportivos e seus legados educativos que foram os propósitos deste texto, devem instrumentalizar os alunos a compreenderem o fenômeno esportivo de forma mais ampla a partir de suas diversas dimensões e formas de manifestação.

A partir desses amplos empreendimentos esportivos, necessitamos refletir sobre as perspectivas propositivas e analíticas do desporto competitivo, a fim de caracterizar os objetivos e os benefícios dos megaeventos, assim como, analisarmos as reais possibilidades de organização e de logística dessas propostas, pois se exige uma reestruturação de vários aspectos nos campos sociais para atender essa demanda de um evento de larga escala, como alimentação, transporte, comunicação, hospedagem, segurança, turismo, logística de aeroportos, capacitação e formação



continuada, entre outros.

Essas questões são significativas para a compreensão do esporte na atualidade, sendo necessário na escola, explorarmos esse momento a partir de estratégias didático-metodológicas inovadoras que sejam capazes de impulsionar a criatividade, o debate, o diálogo e a reflexão durante o processo de ensino e aprendizagem.

Diante dessa exposição, esperamos que esse texto possibilite novas reflexões e discussões acerca do esporte enquanto fenômeno e conteúdo da Educação Física escolar, pois a proposta não tem a pretensão de constituir-se num estudo conclusivo. O intuito é assegurarmos um processo de ensino e aprendizagem que considere o esporte como uma construção social por meio de suas diversas formas de intervenções e de suas características multiculturais, para que à luz de uma perspectiva crítica, ele seja ressignificado no contexto da escola.

## Referências

ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n. 3, 2003. p. 87-101.

BETTI, M. Educação Física e Sociologia: novas e velhas questões no contexto Brasileiro. In: CARVALHO, Y. M. de; RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-169.

\_\_\_\_\_. Esporte na Mídia ou esporte da Mídia? In: **Revista Motrivivência**, ano XII, n. 17, Educação Física, Esporte, Lazer e Mídia. Florianópolis: UFSC, 11 set. 2001.

BRASIL. Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil** [internet]. Brasília: Senado Federal; 1988 [citado em: 19 dez. 2008]. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf).

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EICHBERG, H. Problems of future research in sports sociology: a revolution of body culture. **International Review for the Sociology of Sport**, 30: 1-19, 1995.

- FERRÉS, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FINCK, S. C. M. **A Educação Física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação**. Curitiba: IBPEX, 2010.
- LIMA, V. A. **Sete teses sobre a relação Mídia e Política**. Mimeo: Campinas, 2003.
- MEZZAROBBA, C. et al. Quadro teórico – conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático – esportivo. In: PIRES, G. L. (Org.). **O Brasil na copa, a copa no Brasil**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.
- MENDES, D. S. Formação continuada de professores de Educação Física: uma proposta de educação para a mídia e com a mídia. In: **III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**, Anais eletrônicos... Santa Maria: 20 a 23 set. 2006.
- MORAES, D. **Planeta mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- PIRES, G. L. et al. Quadro teórico – conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático – esportivo. In: PIRES, G. L. (Org.). **O Brasil na copa, a copa no Brasil**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.
- RUBIO, K. O legado educativo dos megaeventos esportivos. In: **Revista Motrivivência**, ano XXI, n. 32/33, p. 71-88, jun./dez. 2009.
- SANTIN, S. Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios – contradições. In: **Revista Motrivivência**, ano XXI, n. 32/33, p. 332-334, jun./dez. 2009.
- SANTAELLA, L. **A cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.
- SOUZA, J.; MARCHI JR, W. Os “legados” dos megaeventos esportivos no Brasil: algumas notas e reflexões. In: **Revista Motrivivência**, ano XXII, n. 34, p. 245-255, jun. 2010.
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WINTERSTEIN, P. J. A dicotomia teoria-prática na Educação Física. In: **Anais III Semana de Educação Física**. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, p. 38-45, 1995.

## MEGAEVENTOS ESPORTIVOS - ENTRE A CAMISA DA CASA OU DO ADVERSÁRIO: EM QUE TIME JOGAR?

*Clóvis Marcelo Sedorko<sup>7</sup>*

*Diego Petyk de Sousa<sup>8</sup>*

*Os megaeventos esportivos, para começar dizendo o óbvio, são as maiores invenções geradas pelo avanço científico e tecnológico, pela ganância econômica e pela sede de poder, durante o século XX (SANTIN, 2009).*

A escolha da cidade do Rio de Janeiro para sediar as Olimpíadas em 2016 consolidou uma década de megaeventos esportivos no Brasil, iniciando com os Jogos Pan-Americanos em 2007, os Jogos Militares em 2011, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo de Futebol em 2014 (eventos estes já realizados) e terminando com os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em 2016. A realização de eventos esportivos dessa magnitude ocasiona grandes expectativas no que diz respeito à construção de possíveis legados para os países e cidades que sediam esses eventos, legados atrelados, sobretudo ao âmbito econômico e social, que são apre-

---

<sup>7</sup> Mestre em Educação (UEPG), especialista em Esporte Escolar e Educação Física Escolar (UEPG), graduado em Licenciatura (UEPG). Docente do quadro próprio do magistério da Seed/PR e da Faculdade Sant'Ana, no município de Ponta Grossa, nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física. Pesquisador integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores – Gepefe (UEPG/CNPq).

<sup>8</sup> Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG), especialista em Esporte Escolar (UEPG), graduado em Licenciatura em Educação Física (Unespar/Paranavaí). Professor da Rede Municipal de Ensino da cidade de Ponta Grossa/PR e membro do Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade (UEPG/CNPq).

sentados como as principais justificativas para legitimar os altos recursos empregados na realização desses espetáculos esportivos.

Os defensores dos megaeventos esportivos no Brasil entendem que os benefícios para as cidades-sede e o país como um todo compensam todo o investimento financeiro empreendido, visto que muitas instalações, estruturas e equipamentos oriundos da cooperação entre as instâncias do poder público e a parceria com o setor privado poderão ser utilizados posteriormente pela população, que também poderá, em tese, usufruir do planejamento urbanístico resultante. Os benefícios da realização dos megaeventos no curto prazo ficariam por conta dos recursos financeiros injetados na economia em decorrência desses eventos. Os efeitos em longo prazo estariam ligados à construção de instalações esportivas de nível internacional e o reconhecimento da cidade e do Estado em razão da intensa e continuada exposição na mídia, além de benefícios para a comunidade, como a criação de novos postos de trabalho, treinamento de pessoal e projetos de remodelação da cidade (REPPOLD FILHO, 2008).

Nessa ótica, defende-se ainda que durante o processo de preparação dos megaeventos também seriam oportunizados inúmeros benefícios econômicos para as cidades-sede e para o país, em virtude de sua projeção no cenário esportivo mundial, como no caso da indústria do turismo. Outro discurso apresentado que visa legitimar os altos investimentos diz respeito à melhoria da qualidade de vida da população, que seria proporcionada pela transformação da mobilidade urbana e pela inserção na população do hábito da prática de atividades físicas e esportivas.

No entanto, Preuss (2006) entende que os países e cidades que se sujeitam a pleitear a vaga para sediar eventos esportivos devem, sobretudo, avaliar criticamente se essa será a melhor maneira de empregar os recursos públicos. Desse modo, eventos esportivos como o campeonato Europeu de Futebol (Eurocopa),

realizado em Portugal, no ano de 2004, e os Jogos Olímpicos de Atenas, ocorridos na Grécia no mesmo ano, têm provado que existe ainda a possibilidade de legados negativos, em detrimento de resultados positivos. Souza e Pappous (2013, p. 44), destacam alguns pontos centrais sobre legados dos megaeventos esportivos:

Se por um lado a preparação de uma cidade ou país para hospedar um evento desta magnitude pode motivar e acelerar ações que promovem a construção de um legado, por outro lado, a pressão em torno da preparação para o evento pode prejudicar o planejamento das ações, levar à criação de estruturas desnecessárias e, impedir a otimização de recursos públicos que poderiam de outra forma ser utilizados para o bem estar da população como um todo no longo prazo.

Os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, exemplificam bem esses apontamentos, pois muitas das instalações esportivas construídas para o referido evento foram subutilizadas, e os esperados benefícios provindos do evento não foram concretizados. Entende-se que a convicção do governo brasileiro e o apoio do setor das comunicações e ainda dos dirigentes esportivos em relação ao legado dos megaeventos esportivos esteja superestimando os impactos positivos e subestimando os impactos negativos desses eventos, pois grande parte da literatura apresenta evidências preocupantes acerca dessa temática. Nesse contexto, esse estudo de cunho bibliográfico tem como objetivo apresentar alguns dos principais apontamentos elencados pela literatura no que se refere à existência de legados negativos relacionados ao âmbito socioeconômico e oriundos da realização de megaeventos esportivos, no intuito de contrapor o discurso e o entusiasmo exacerbado do governo brasileiro quanto aos aspectos positivos dos espetáculos esportivos.

Observando os legados resultantes de megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, já

realizados em outros países, pode-se questionar a natureza desse legado, e projetar resultados não muito animadores para o Brasil no que diz respeito aos reais benefícios desses eventos para a maior parte da população.

### 3.1 Aspectos socioeconômicos da hospedagem de megaeventos esportivos

Ao abordar a temática *megaeventos esportivos*, primeiramente, deve-se definir sobre o que está se falando. Para Tavares (2011, p. 15) o uso do termo *megaeventos esportivos* tem sido genericamente empregado como sendo sinônimo de grandes competições esportivas. Por outro lado, Almeida, Mezzadri e Marchi Junior (2009) ao realizarem um levantamento bibliográfico em relação ao referido termo, recuperam formulações referentes ao alcance do mercado e da mídia.

Nesse sentido, os referidos autores demonstram as diferenciações dos eventos a serem realizados no Brasil, segundo as proposições em relação ao alcance do mercado e da mídia:

[...] os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo possuem mercado e mídia globais, considerados por isso megaeventos; os Jogos Militares tem impacto de público internacional em menor proporção, com maior ênfase da mídia nacional; e os Jogos Pan-Americanos têm impacto de mídia internacional em menor proporção, porém com público regional. Ou seja, num intervalo de dez anos, o país sediará sete grandes eventos esportivos, sendo somente dois considerados megaeventos: a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos (ALMEIDA; MEZZADRI; MARCHI JUNIOR, 2009, p. 180).

Como se pode observar na fala dos autores, os eventos como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas apresentam espaço

e repercussão global no aspecto econômico e midiático, assim, pode-se observar nesse cenário todo um contexto de articulação entre esses setores ou *campos*, de acordo com a concepção de Bourdieu (2003). A noção de campo representa para Bourdieu (2003) um espaço social de dominação e de conflitos. Espaço este que apresenta relativa autonomia, e que possui regras particulares de organização e de hierarquia social, existindo sob os mais diversos tipos. Relativa autonomia porque, de acordo com o autor, existem propriedades universais que regulam os aspectos funcionais dos mais variados campos. O esporte (que em tese se constitui na razão principal dos referidos megaeventos), na perspectiva de Bourdieu (2003; 2004), também se constitui em um campo, o *campo esportivo* que do mesmo modo apresenta regras gerais comuns a outros setores. Bourdieu (2003; 2004) observa a importância de se considerar o campo esportivo como um componente de um sistema social mais abrangente, já que ele não é limitado a si mesmo, e sim inserido em um sistema maior de consumos e práticas compostas por eles mesmos.

O fato de se considerar o campo desportivo como um espaço de relativa autonomia não necessariamente implica em se desconsiderar a influência de outros segmentos em seu contexto. De acordo com Bourdieu (2004, p. 210-211) o:

[...] espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele [...] não se pode estudar o consumo esportivo [...] independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral.

Nessa perspectiva, fica claro que o campo esportivo também se encontra permeável às ações e influências de estru-

turas mais gerais, estejam elas ligadas a dinâmica econômica, política, cultura ou social.

A compreensão dessa dinâmica geral comum entre os campos é pertinente, pois contribui para o entendimento de todo o contexto que permeia a realização desses megaeventos esportivos no Brasil. O governo se utiliza do discurso de legados, de possíveis benefícios gerados essencialmente na esfera econômica e social em contraposição ao investimento empreendido para justificar o interesse em sediar esses espetáculos esportivos, porém, em virtude dos altos custos diretos e indiretos necessários para viabilizá-los, pode-se questionar se essas justificativas compensam realmente todo o investimento realizado. Estudos têm demonstrado que na maioria das vezes o legado predominante é negativo para a maior parte da população, sendo os reais benefícios concentrados em determinados setores e grupos empresariais. Reppold Filho (2008) ao analisar a questão da regeneração urbana e dos direitos do cidadão, no caso dos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996, coloca que as comunidades carentes e com menor capacidade de organização política foram as parcelas da população urbana que mais perderam com os megaeventos esportivos. Para o autor:

Os jogos Olímpicos de Atlanta constituíram um modelo bem sucedido de planejamento e organização em vários aspectos, mas mal sucedidos em especial quanto aos direitos do cidadão. O evento não provocou o impacto esperado na regeneração urbana, especialmente nas áreas empobrecidas da cidade. O deslocamento da população não aconteceu da forma prevista. As comunidades mais pobres se distanciaram do chamado "Anel Olímpico", ficando desalojadas e sem atendimentos e benefícios prometidos. A situação atingiu mais diretamente à comunidade negra. Segundo estimativas, houve o deslocamento de 68 mil pessoas, das quais de 22 mil eram pro-



prietárias de imóveis. De cada 20 pessoas deslocadas, 19 eram negras (REPPOLD FILHO, 2008, p. 178).

Refletindo sobre o caso de Atlanta 1996, nos seus aspectos negativos como exemplo na questão dos direitos humanos, pode-se especular sobre as consequências negativas da Copa do Mundo de futebol e dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro para a maior parte da população, pois já se observam inúmeras denúncias de violação dos direitos humanos. No Dossiê “Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil”, observa-se que mais de 170 mil pessoas foram ou estão sendo prejudicadas no direito a moradia, devido às obras de regeneração urbana que visam atender aos interesses do lucro e do capital. A Copa do Mundo e as Olimpíadas são megaeventos monopolizados pelas duas maiores entidades mundiais do gênero: A Fifa (Federação Internacional de Futebol Associado) e o COI (Comitê Olímpico Internacional), que sob a bandeira e o discurso da promoção do esporte e do desenvolvimento dos governos e ainda da disseminação de valores olímpicos, lucram muitos bilhões a cada edição. Esses lucros exorbitantes provêm da imposição dessas entidades no que diz respeito ao investimento nos referidos megaeventos, pois elas exigem que os países e cidades-sede assumam praticamente todos os custos necessários.

Em 2007, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e seu ministro do esporte Orlando Silva discursaram para o país e asseguraram que a Copa de 2014 seria a “copa da iniciativa privada”, pois a imensa maioria dos investimentos seria realizada por este setor (NUNES, 2011). Em relação aos estádios de futebol, o governo havia também garantido que não seria aplicado nem um centavo de dinheiro público na construção e/ou reforma dos mesmos. Pois bem, alguns anos depois desses discursos, observa-se que essas promessas não foram cumpridas e a copa dos investimentos privados se configurou essencialmente na copa dos

gastos públicos. Até o presente momento, já foram gastos mais de 26 bilhões de reais para viabilizar a copa, dos quais 2/3 bancados pelo Estado (SOARES, 2012; DOSSIÊ..., 2013).

Sob o pretexto de melhorias na infraestrutura de transporte, na geração de empregos, nas questões de segurança e aperfeiçoamento de serviços essenciais básicos, e ainda em relação ao aparato jurídico, inúmeras transformações têm sido implementadas pelo governo nos grandes centros urbanos do país. No entanto, entende-se que essas transformações, constantemente realizadas de modo arbitrário, visam simplesmente atender a uma série de exigências das instituições que promoverão os eventos esportivos. Pode-se observar nesse contexto que muitos aspectos da legislação brasileira foram e estão sendo suprimidos em prol das entidades proponentes dos espetáculos esportivos. A Lei Geral da Copa, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, em 5 de junho de 2012, se constitui num grande prejuízo para nossa soberania. A imposição de leis de exceção, a suspensão da exigência de licitações; a arbitrária restrição comercial às marcas patrocinadoras da Copa; a violação dos direitos humanos; a remoção arbitrária de famílias e comunidades pobres; a falta de informações transparentes; a precarização do trabalho; o endividamento público acima do que autoriza a Lei de Responsabilidade Fiscal; o fomento à especulação imobiliária, entre outros abusos absurdos, são exemplos de legados negativos já experimentados e vivenciados pela população brasileira devido à realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas (DOSSIÊ..., 2013).

Exemplos pelo mundo de abusos e desrespeito ao cidadão não faltam. Costa (2003) sintetiza e exemplifica alguns dos impactos sociais negativos em cidades que sediaram os Jogos Olímpicos nos últimos 25 anos, iniciando por Seul, na Coreia do Sul, em 1988, até as Olimpíadas de Londres, em 2012. De acordo com a referida autora, na cidade de Seul, cerca de 9% da popu-

lação total foi despejada para dar lugar às obras de infraestrutura olímpica. O aumento dos preços dos imóveis, a falta de transparência nos processos decisórios e a repressão aos protestos da população constituem-se em outros exemplos de impactos sociais negativos do referido evento.

Na Olimpíada de Barcelona, em 1992, a especulação imobiliária do mesmo modo foi uma consequência do evento. Muitas pessoas foram obrigadas a deixar a cidade devido ao preço inacessível da habitação. A participação limitada nas tomadas de decisões por parte dos grupos mais atingidos também se soma ao legado negativo (COSTA, 2013, p. 168).

Em Atlanta, as Olimpíadas de 1996 deixaram um triste registro em relação à violação dos direitos do cidadão. Aproximadamente 30 mil pessoas foram removidas para longe do anel olímpico, ficando desalojadas em prol da “limpeza urbana” almejada pelos organizadores. Segundo Reppold Filho (2008) essa situação atingiu diretamente à comunidade negra, pois a cada 20 pessoas desalojadas, 19 eram negras. Nas Olimpíadas de Sidney, no ano 2000, os desalojamentos ocorridos e os altos custos de manutenção de estruturas como o estádio olímpico são exemplos de impactos negativos provindos do referido evento (ZIMBALIST, 2010; COSTA, 2013). Em 2004, na cidade grega Atenas, centenas de comunidades foram desalojadas em virtude da preparação da cidade para os Jogos Olímpicos, contudo, muitas das áreas construídas para o evento raramente foram utilizadas nos anos anteriores (COSTA, 2013). O elevado investimento realizado pelo governo grego para sediar as Olimpíadas agravou ainda mais a crise econômica que se instalava no país naquele período e que já dura uma década. Como nas demais cidades-sede, os prejuízos oriundos dos gastos desmedidos em espetáculos esportivos foram e estão sendo socializados com o povo grego, que enfrenta drásticas medidas de austeridade impostas pelo governo, diferente-

mente dos lucros gerados pelo vultoso investimento de recursos públicos, que são sempre monopolizados e normalmente beneficiam grandes construtoras e empreiteiras, veículos midiáticos e grupos econômicos muito específicos.

Segundo Costa (2013), nas Olimpíadas de Pequim, em 2008, mais de 1 milhão de pessoas foram removidas por conta das obras olímpicas. A ausência de clareza nas tomadas de decisões e a violenta repressão contra a população compõem o legado negativo deixado pela realização desse megaevento esportivo. Os possíveis legados dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, de certo modo ainda estão sendo computados, mas já é possível observar algumas consequências negativas, como a brutal distorção do mercado residencial imobiliário, que beneficia determinados interesses econômicos e torna os espaços urbanos menos acessíveis para a população mais pobre (COSTA, 2013).

Em relação às edições da Copa do Mundo de Futebol, pode-se observar que o contexto não difere muito dos Jogos Olímpicos no que diz respeito à falácia de governos e das entidades promotoras quanto aos possíveis legados para o país anfitrião e suas cidades sedes. A situação conjuntural dos países que já sediaram esses megaeventos pode até ser diferente, porém, é comum que os resultados projetados como legados sejam excessivamente otimistas.

Os idealizadores da Copa dos Estados Unidos, em 1994, projetavam lucros de 4 bilhões de dólares para as cidades sedes, no entanto, estudos realizados após o evento revelaram prejuízos entre 5 e 9 bilhões de dólares para as cidades (BAADE; MATHESON, 2004).

Quanto à Copa de 2002, organizada pelo Japão e pela Coréia do Sul, pode-se observar que os custos com a infraestrutura ultrapassaram em muito as estimativas iniciais de investimentos, sendo os maiores prejuízos observados no Japão, também pelo

fato de não existir um planejamento estratégico eficiente para a utilização posterior dos estádios da copa, já que eles geram despesas anuais de cerca de 5 milhões de dólares ao governo japonês (DIEESE, 2012). A realização da Copa da Alemanha, em 2006, de acordo com Proni e Silva (2012), não ocasionou um impacto econômico tão significativo para aquele país como se estimava de início, e os custos para organização e preparação do evento acabaram sendo maiores do que se esperava. Segundo os referidos autores, a copa não significou necessariamente melhorias para a população como um todo, pois a Alemanha, sendo a maior potência econômica da Europa e um dos países mais desenvolvidos do mundo, já apresentava infraestrutura adequada.

Em relação à Copa da África do Sul, em 2010, é possível identificar um cenário ainda pior no que diz respeito ao legado negativo do referido evento no âmbito socioeconômico. O país africano, considerado subdesenvolvido, apresenta elevado nível de pobreza e desigualdade social, com uma taxa de desemprego consideravelmente elevada (BRANSKI et al., 2013). O investimento em infraestrutura urbana necessário para viabilizar a copa foi muito elevado comparado com os países desenvolvidos que sediaram o evento, essencialmente nos estádios. Segundo Branski et al. (2013), foram construídos cinco novos estádios e reformados outros cinco para a copa, totalizando um custo de 2,3 bilhões de dólares, bancados basicamente pelo governo sul-africano. De acordo com Proni e Silva (2012), apenas o estádio *Soccer City*, em Johannesburgo, apresenta condições de gerar dividendos que pagam seus custos. Os outros nove restantes geram prejuízos que são cobertos com dinheiro público. Entende-se que o emprego desses recursos na manutenção de instalações esportivas subutilizadas constitua-se em uma forma de *violência simbólica* contra a imensa maioria da população, que carece de serviços básicos como educação, saúde e transporte.

O termo *violência simbólica* foi desenvolvido por Bourdieu e Passeron (1982) para descrever os meios pelos quais a classe dominante impõe seus ideais e sua cultura à classe dominada. É uma espécie de imposição arbitrária, apresentada de maneira disfarçada e velada aos indivíduos que sofrem essa violência, de modo que as verdadeiras relações de força e os verdadeiros ideais são ocultados. Esse tipo de violência baseia-se na fabricação de crenças (coletivas) que induzem os indivíduos no processo de socialização, fazendo-os perceber o mundo e suas relações de acordo com certos critérios e padrões preestabelecidos. No entendimento de Bourdieu e Passeron (1982), esses critérios e padrões imperantes são sempre preestabelecidos pela classe dominante, que visa continuamente legitimá-los e mantê-los para que a interiorização dessa cultura dominante possa também favorecer a reprodução e legitimação das relações no mundo do trabalho.

Se compararmos o discurso do governo e entidades promotoras da copa da África do Sul, (que visavam legitimar os altos investimentos de bilhões de recursos públicos, prometendo um novo país, com redução das desigualdades sociais), com o legado resultante pode-se perceber como o população foi enganada. Proni e Silva (2012) relatam que os sul-africanos, iludidos pelas propagandas do governo, acreditavam realmente que esse megaevento traria melhorias significativas para a qualidade de vida da população, ocasionada pela criação de centenas de milhares de empregos e pela utilização do legado em infraestrutura. No entanto, o que se constata é que as melhorias em infraestrutura beneficiaram apenas segmentos mais abastados da população, e os principais recursos financeiros foram apropriados pelo segmento empresarial (PRONI; SILVA, 2012). Quanto à geração de empregos, a expectativa do governo era de que aproximadamente 695 mil empregos diretos e indiretos poderiam ser criados, sendo que 280 mil deles seriam mantidos após o evento. Contudo,

o que se observou foi uma redução geral de 4,7 % de empregados naquele país somente no primeiro trimestre anterior a realização da copa do mundo, essencialmente na indústria da construção, onde os postos de trabalho criados desapareceram logo que os projetos foram encerrados (PRONI; SILVA, 2012, p. 5).

Observando esses dados referentes aos legados das copas do mundo, pode-se identificar que nem mesmo em países desenvolvidos estes justificam o grandioso emprego de recursos públicos. Branski et al. (2013) entendem que, ao contrário do que defende e propaga a Fifa, a copa do mundo não assegura ao país anfitrião um legado positivo, sendo que análises mais críticas dão conta de comprovar esse excesso de otimismo. Proni e Silva (2012), do mesmo modo, entendem que o cenário projetado para a realização de um evento esportivo tende a ser demasiadamente otimista. Para os autores:

Além da desconfiança gerada pelos interesses (políticos e econômicos) envolvidos em tais projeções, as experiências anteriores têm demonstrado que estimativas ex-ante são quase sempre super estimadas. Avaliações feitas posteriormente à realização de uma Copa do Mundo não tem encontrado evidências que comprovem os números divulgados anteriormente pelos governos ou empresas diretamente comprometidas com a realização do megaevento. Ao contrário: fica evidente que as projeções de impactos econômicos muito positivos serviram apenas para justificar os elevados investimentos públicos (PRONI; SILVA, 2012, p. 6).

Diante desse quadro, acredita-se que, assim como nos demais países anfitriões que receberam megaeventos esportivos, a maior parte da população do Brasil também inevitavelmente sofrerá as consequências dos legados negativos. Até mesmo pelo fato de já vivenciar alguns dos efeitos danosos dos referidos eventos esportivos, como na questão da violação dos direitos do cidadão.

## 3.2 Os megaeventos esportivos no contexto brasileiro

No contexto brasileiro, pode-se perceber a instalação do mesmo cenário preocupante observado nos outros países que sediaram megaeventos esportivos, já que as experiências negativas desses antecessores foram e estão sendo ignoradas pelo governo brasileiro.

O advento da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos tem gerado consequências drásticas para a população mais pobre dos grandes centros urbanos. Dados do Dossiê “Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil” (2011) revelam que aproximadamente 170 mil pessoas foram e estão sendo removidas de suas residências de modo arbitrário, sob o pretexto de melhorias na mobilidade urbana, da própria preservação das comunidades em situação de risco, e ainda de melhorias nas condições de vida dessas pessoas. No entanto, entende-se que o objetivo real dessas remoções seja “limpar” os espaços urbanos para os grandes projetos imobiliários e para os interesses do capital.

Como citado anteriormente, experiências passadas têm mostrado que os inúmeros projetos de reurbanização adotados pelos países e cidades-sede na preparação dos megaeventos esportivos acabam resultando na violação dos direitos humanos, como é o caso do direito à moradia. São inúmeras as denúncias de remoções não indenizadas e/ou com indenizações pífiás. Comunidades inteiras foram e estão sendo realocadas para conjuntos habitacionais produzidos pelo Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), que apresentam péssima qualidade, localizados em regiões bem afastadas daquelas que receberão os benefícios dos investimentos públicos dos referidos eventos, regiões que carecem de serviços públicos e infraestrutura urbana (DOSSIÊ..., 2013).

Outra consequência danosa para a população diz respeito à mercantilização do espaço público, que favorece a especulação



imobiliária e pressiona a população mais pobre para as periferias das cidades, impedindo o direito de acesso a habitação ao mesmo tempo em que beneficia determinados interesses econômicos.

De 2007 até o momento, o custo da moradia no Brasil, de modo geral, teve um aumento infundado e muito superior ao da inflação do mesmo período. Além disso, os salários da imensa maioria dos trabalhadores não acompanharam esse elevado “crescimento do mercado imobiliário”, fato que evidencia um cenário de bolha imobiliária sem precedentes no País, que certamente trará consequências nefastas para o Brasil e, sobretudo e como sempre, para a população mais humilde.

Outras denúncias referem-se às condições lastimáveis de trabalho dos operários distribuídos pelos diversos canteiros de obras da copa espalhados pelo país. Até o momento, oito trabalhadores perderam a vida em obras de construção e/ou reforma dos estádios (BBC BRASIL, 2014), fato que revela o descaso dos responsáveis pelas obras com as normas de segurança e pela integridade dos funcionários. Os casos de abusos contra os trabalhadores são evidenciados desde o início das obras nos estádios, onde se “observa-se um padrão de crescente precarização, conduzido por empresas e consórcios contratantes – sob a omissão dos órgãos fiscalizadores – e pelo próprio Estado” (DOSSIÊ..., 2011, p. 31). Entre os problemas identificados estão: os baixos salários pagos aos trabalhadores; a precariedade das condições de segurança; a ausência de pagamentos de horas extras trabalhadas; a inexistência de benefícios como planos de saúde, auxílio alimentação e transporte; o acúmulo de tarefas que sobrecarregam os trabalhadores, as jornadas de trabalho excessivamente prolongadas e a pressão exercida nos trabalhadores em relação a cronogramas e prazos apertados para o término das obras (DOSSIÊ..., 2011; DOSSIÊ..., 2013).

Como parte do acordo entre o governo brasileiro e a Fifa quanto ao prazo de entrega dos estádios da copa, ficou acordado que as obras deveriam iniciar no máximo em janeiro do ano de 2010, para serem concluídas até dezembro de 2012, a tempo de servirem ao torneio teste da Copa das Confederações de 2013. No entanto, em virtude dos inúmeros problemas atrelados aos projetos nas questões econômicas, sociais e ambientais, ainda existiam estádios em obras dias antes do início do evento. O estádio da abertura da copa, o Itaquerão<sup>9</sup>, é um exemplo que ilustra bem a incompetência do governo brasileiro e das empreiteiras responsáveis pela preparação do Brasil para sediar tais megaeventos, pois recebeu o jogo de abertura do mundial mesmo sem ter sido concluído a tempo, e apesar da constante pressão da Fifa sobre o governo e de todas as críticas quanto ao atraso das obras.

Nesse sentido, entende-se que infelizmente, no Brasil, essa “pressão” acabou favorecendo as próprias construtoras, pois:

[...] contribuiu para os atropelos legais, aportes adicionais de recursos públicos, irregularidades nos processos de licenciamento de obras e inconsistência e incompletude de alguns projetos licitados sem qualquer segurança econômica, ambiental e jurídica. Mais que isso: serviu como pretexto para as violações de direitos dos trabalhadores nas obras dos estádios e dos projetos de infraestrutura. A conjugação entre a magnitude das obras e os cronogramas supostamente apertados para realizar os empreendimentos já tem resultado em más condições de trabalho e na superexploração dos operários, a despeito das cifras milionárias destinadas às obras (DOSSIÊ, 2011, p. 33).

Diante desse quadro, pode-se projetar um cenário preocupante para a população brasileira, considerando que os atrasos das

<sup>9</sup>O Itaquerão é um estádio privado que foi construído na cidade de São Paulo para sediar sete (7) partidas da Copa do Mundo. Foi uma das obras privadas que mais recebeu volumes vultosos de recursos públicos para a Copa, cerca de 420 milhões de reais e uma das mais atrasadas no cronograma de entrega da Fifa (SEGALLA, 2013).

obras articulam-se com as leis que visam garantir mais agilidade nos contratos e execuções (ausência de licitações), que por sua vez se aliam a fatores como a corrupção, (infelizmente intensa no Brasil) e a ganância de empresas e entidades como Fifa e o COI.

Segundo Costa (2013), os custos sociais para sediar esses espetáculos esportivos são muito grandes e se relacionam à falta de transparência nas tomadas de decisão (seja no aspecto da transformação do tecido urbano e/ou no emprego dos recursos públicos que beneficiarão setores privados), às formas sutis de criminalização da pobreza e à repressão às manifestações de protesto. Outro aspecto lamentável diz respeito às alterações nas leis do país, requeridas pelas entidades promotoras dos referidos eventos esportivos, como é o caso da Lei geral da Copa. Essa “imposição” aceita pelos nossos governantes contraria princípios constitucionais, submetendo o Brasil aos interesses da Federação Internacional de Futebol Associados, instituindo um estado de exceção entre os brasileiros (LOPES, 2011; ARANTES, 2012; COSTA, 2013).

A Lei Geral da Copa visava assegurar à Fifa (e seus patrocinadores) a proteção da exploração dos direitos comerciais do evento, a captação e transmissão de som e imagem e direitos de propriedade industrial (PRONI; SILVA, 2012, p. 9), para tanto, instituiu áreas de restrição comercial que podiam chegar a dois quilômetros do entorno dos estádios. Visava ainda assegurar vistos de entrada e trabalho para membros da Fifa, a venda de ingressos, entre outros. Proni e Silva (2012, p. 9-10) relatam que outras leis e Medidas Provisórias (MP) foram aprovadas para que os acordos do governo brasileiro com as entidades promotoras dos megaeventos esportivos fossem cumpridos, entre as quais os autores destacam:

- Lei de Isenção Fiscal (Lei nº 12.350, de dezembro de 2010). Tratou da isenção de tributos federais nas importações de mercadorias ligadas a organização e realização do evento;

- Regime Diferenciado de Contratações (Lei nº 12.462, de agosto de 2011). Objetivou acelerar os procedimentos de contratações públicas atreladas aos eventos;
- Decreto presidencial (Decreto nº 7.578, de outubro de 2011). Tratou da regulamentação de medidas tributárias que diziam respeito à organização da copa;
- Medida Provisória 496. Visou possibilitar o endividamento das cidades-sede acima do que permite a constituição;
- Medida Provisória 497. Tratou de mudanças nas leis tributárias que favoreceram a isenção fiscal nas obras relacionadas à copa.

Diante desse cenário, pode-se admitir que o governo brasileiro empreenda um grande esforço para cumprir as determinações das entidades promotoras da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos quanto ao âmbito da legislação, mesmo contrariando a nossa Constituição e a vontade da população. Cabe citar ainda o Projeto de Lei (PL 728/2011) que, elaborado por alguns senadores, versava sobre a questão dos protestos e manifestações no período de realização da Copa do Mundo. De acordo com a proposta, ficariam caracterizados como terrorismo os eventuais protestos da população no período de realização do evento, com punição de até 30 anos de cadeia. Considera-se lamentável essa proposta. Não basta toda a humilhação imposta à população brasileira quanto ao desperdício de recursos públicos em eventos privados. Não são suficientes ainda as violações dos direitos do cidadão, oriundas da realização dos megaeventos esportivos. Parece que não é suficiente a vergonhosa impunidade que se observa em meio à classe política, na qual políticos condenados assumem mandatos, em que a corrupção é uma constante. É revoltante esse contexto em que determinados segmentos políticos “zombam” do povo com propostas imorais que tentam calar a indignação da população. É repu-

diante observar também como alguns ídolos<sup>10</sup> do esporte têm se manifestado opinando sobre a realização da Copa do Mundo com o intuito de minimizar todos os abusos.

O repúdio dos brasileiros quanto ao desperdício de dinheiro público, essencialmente com as obras dos estádios, pode ser observado durante as inúmeras manifestações e os protestos realizados no período da Copa das Confederações (no mês de junho de 2013) e durante todo o desenrolar do Mundial, em 2014.

E não é para menos. Os custos com as reformas e construções dos estádios ultrapassaram a cifra de R\$ 8 bilhões de reais, valor 285% maior que o previsto pelo Governo Federal em 2007, no ano em que o Brasil foi escolhido para sediar a copa (SALGADO, 2013). Em países desenvolvidos, como a Alemanha e os Estados Unidos, muitas instalações esportivas já existiam antes da realização do Mundial, assim, pode-se observar que os custos para reformas e/ou eventuais novas construções não foram tão elevados como no Brasil. Na Alemanha, por exemplo, dos 12 estádios utilizados na copa, 11 já existiam, sendo que as reformas e construção de um novo estádio (o Allianz Arena) somaram cerca de 1,9 bilhões de dólares, dos quais 60% foram arcados pela iniciativa privada e pelos clubes (BRANSKI et al., 2013).

Já no Brasil, o discurso inicial do governo foi de que não seriam investidos recursos públicos nos estádios da copa, porém, de acordo com Konchinski (2012), aproximadamente 95% dos gastos com os estádios seriam pagos com dinheiro público.

Apesar de todo o escandaloso investimento nas doze arenas da copa, estima-se que pelo menos sete delas terão sérias dificuldades para se sustentar após o evento, transformando-se em elefantes brancos subutilizados (PRONI; SILVA, 2012; BRANSKI et

---

<sup>10</sup> Os ex-atletas de Futebol Ronaldo Luís Nazário de Lima (Ronaldo) e Edson Arantes do Nascimento (Pelé), favoráveis à realização da Copa do Mundo do Brasil, vinham apresentando declarações polêmicas sobre os gastos do governo com o referido evento e sobre as manifestações e protestos realizados pela população brasileira contra o elevado emprego de recursos públicos nas obras da Copa.

al., 2013). Estádios localizados em cidades que não apresentam tradição no futebol, com clubes de pequena expressão, não terão capacidade de gerar receitas suficientes para arcar com os custos de manutenção, logo, acredita-se que esse ônus será assumido pelo Estado, constituindo-se em mais um “ralo” do dinheiro público.

Dentre os estádios que não apresentam boas perspectivas de sustentabilidade após a realização da copa estão: a Arena do Amazonas (localizada na cidade de Manaus); a Arena das Dunas (cidade de Natal); a Arena Pantanal (Cuiabá); a Arena Pernambuco (Recife); o Castelão (Fortaleza); e Estádio Nacional (Brasília) e o estádio Fonte Nova (Salvador).

No entendimento de Proni e Silva (2012, p. 18), o investimento em estádios representa um custo de oportunidade para a população, pois se constitui em obras dispensáveis, “que servem mais aos interesses da FIFA, patrocinadores e construtoras do que às demandas das populações residentes nas cidades-sede”. Quanto aos resultados positivos esperados pelos defensores dos megaeventos esportivos no Brasil quanto à formação de uma sociedade mais ativa fisicamente, dados da literatura tem revelado que não necessariamente a realização de espetáculos esportivos apresenta impacto na redução do sedentarismo entre a população dos países e cidades-sede.

Souza e Pappous (2013), ao efetuarem um levantamento bibliográfico acerca dessa temática, concluíram que não existem evidências científicas suficientes para correlacionar o aumento nos níveis de atividades físicas com a realização de megaeventos esportivos. Se pensarmos que a imensa maioria dos futuros praticantes de atividades físicas e eventuais atletas passa pelas escolas, e que estas, muitas vezes não apresentam condições mínimas para que a disciplina de Educação Física possa ser desenvolvida de modo satisfatório (basta observar que aproximadamente 30% das escolas públicas brasileiras não possuem espaços destinados

a prática de Educação Física, segundo dados do Ibope), pode-se visualizar como é difícil concretizar essas projeções otimistas.

De acordo com Bracht e Almeida (2013, p. 138)

a realização de megaeventos num país pode não impulsionar a prática esportiva por parte da população – uma das razões para isso está ligada ao fato de que as instalações esportivas, construídas para esses eventos, não se prestam ao uso da população em geral.

A respeito dessas considerações, Souza e Pappous (2013, p. 52-53) se posicionam do seguinte modo:

Quando pensamos na construção de um legado esportivo positivo para o Brasil, a partir da realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, sabemos que o país precisa muito mais do que a criação de estruturas e programas que possibilitem e incentivem práticas de atividades físicas esportivas. O país necessita de mudanças estruturais em diferentes áreas como, por exemplo, saúde, nutrição, condições de trabalho e habitação, e disponibilidade de tempo para o lazer. Sem estes quesitos fica difícil, se não impossível, o engajamento da população nestas práticas.

No entendimento das referidas autoras, é necessário que o país elabore um planejamento que esteja integrado a metas mais abrangentes de desenvolvimento, caso contrário, ao término da realização desses eventos, pode-se constatar que eles “contribuíram tão somente para promover gastos públicos e a riqueza de empreiteiros, políticos e empresários de áreas estratégicas ligadas aos megaeventos” (SOUZA, PAPPOUS, 2013, p. 53).

### 3.3 Considerações finais

Diante do contexto apresentado, entre algumas experiências observadas no cenário mundial e o caso brasileiro, acredita-se que não é possível assegurar um cenário virtuoso para o Brasil mediante a realização dos megaeventos esportivos. Todos os argumentos otimistas apresentados pelo Governo Federal para justificar os gastos com os eventos sob o âmbito socioeconômico parecem não ser suficientes para legitimá-los, na medida em que direcionam os benefícios para uma minoria de contemplados (como as elites econômicas e determinados grupos empresariais) em detrimento da imensa maioria da população que não usufruirá do “legado” prometido.

Acredita-se que esse contexto de megaeventos esportivos e megainvestimentos públicos em obras privadas e/ou obras que não poderão ser desfrutadas pelos segmentos mais pobres de nossa sociedade revele um cenário de violência simbólica contra o povo brasileiro. Como exposto por Bourdieu e Passeron (1982), esse tipo de violência é caracterizado por uma imposição arbitrária, que é apresentada aos indivíduos por meio de medidas disfarçadas, que acabam por ocultar as reais intenções inerentes a tais imposições. Essas imposições veladas podem ser visualizadas nas remoções arbitrárias das famílias e comunidades inteiras, efetuadas pelo governo sob o pretexto de melhorias nas condições de vida, mas que escondem o intento de realizar uma “limpeza urbana” nas cidades. Como exemplo, o caso da comunidade vila autódromo, na baixada de Jacarepaguá, localizada próximo a Barra da Tijuca, na cidade Rio de Janeiro. Caso que mostra a coalizão entre o poder público e as grandes empresas imobiliárias, contra a comunidade.

Também pode ser identificada nos discursos e ações que visam deslegitimar as manifestações e protestos de indignação



da população contra os abusos a violação dos direitos humanos. Pode ainda ser observada pela especulação imobiliária, que torna mais cara a moradia e monopoliza os espaços públicos. A suspensão “temporária” de garantias constitucionais configura-se do mesmo modo uma forma de violência simbólica, pois remete a noção de que tudo pode ser permitido no Brasil para que os megaeventos esportivos sejam realizados.

Entende-se que o governo e os idealizadores desses megaeventos esportivos no nosso País, estejam de certo modo, se aproveitando da paixão nacional que o povo brasileiro tem pelo futebol e os esportes para justificar a idealização desses espetáculos esportivos, no intuito de incutir na população uma visão de mundo que reconheça como legítimos os vultosos investimentos de recursos públicos para sua viabilização.

A violência simbólica ainda pode ser visualizada nas promessas dúbias de um legado esportivo positivo para o Brasil, que viria como consequência da Copa do Mundo e das Olimpíadas, legado este que proporcionaria ainda um impacto considerável no nível de praticantes de atividades físicas. No entanto, entende-se que as ações empreendidas na prática não contemplam a maior parte das pessoas, já que os altos investimentos estão sendo centralizados no âmbito do esporte de rendimento, em detrimento do desporto educacional e de lazer.

## Referências

ARANTES, A. B. A soberania nacional frente aos comandos da Fifa no país sede da Copa do Mundo de 2014: Brasil. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 97, fev. 2012. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11157&revista\\_caderno=9](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11157&revista_caderno=9)>. Acesso em: 21 mar. 2014.

BAADE, R.; MATHESON, V. The Quest for the Cup: Assessing the Economic Impact of the World Cup. **Regional Studies**, v. 38, p. 343-354, 2004.

BBC BRASIL. **Queda no Itaquerao eleva a 8 número de mortes em estádios da Copa.** Março de 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/03/140328\\_itaquerao\\_acidente\\_pai.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/03/140328_itaquerao_acidente_pai.shtml)>. Acesso em: 21 mar. 2014.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia.** Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 131-143, jan./jun. 2013.

BRANSKI, R. M. et al. Infraestruturas nas Copas do Mundo da Alemanha, África do Sul e Brasil. **Cad. Metrop.** São Paulo, v. 15, n. 30, p. 557-582, jul./dez. 2013.

COSTA, G. Sedar megaeventos esportivos vale à pena? **Revista O Social em Questão**, ano XVI, n. 29, p. 159-178, 2013.

DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos). Copa do Mundo 2014: algumas considerações sobre a realização do evento no Brasil. **NOTA TÉCNICA n. 110.** Disponível em: <[www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br)>. Acesso em: 28 mar. 2014.

LOPES, M. A. R. **Promotor acusa governo de ceder soberania à Fifa.** 2011. Disponível em: <<http://www.alagoasnoticias.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

**DOSSIÊ da articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa. Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Brasil.** Rio de Janeiro. 8 de julho de 2011. Disponível em: <<http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2012/01/DossieViolacoesCopa.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

**DOSSIÊ do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro.** Maio de 2013. Disponível em: <[http://comitepopulario.files.wordpress.com/2013/05/dossie\\_comitepopularcoparj\\_2013.pdf](http://comitepopulario.files.wordpress.com/2013/05/dossie_comitepopularcoparj_2013.pdf)>. Acesso em: 18 mar. 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – Ibope. **Educação Física nas escolas Públicas Brasileiras.** Relatório de Pesquisa. Março de 2012. Disponível em: <[http://senna.globo.com/institutoayrtonsenne/quem\\_somos/publicacoes/educacao\\_fisica\\_escolas\\_publicas/Relatorio.pdf](http://senna.globo.com/institutoayrtonsenne/quem_somos/publicacoes/educacao_fisica_escolas_publicas/Relatorio.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2014.

KONCHINSKI, V. Dinheiro público paga 97% dos estádios da Copa, mas governo não controlará nenhum. **UOL esporte**, 2012. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/28/governo-paga-91-dos-estadios-da-copa-mas-nao-controlara-nenhum-apos-torneio.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

NUNES, A. Os brasileiros caíram no conto da Copa. **Veja**, 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto-os-brasileiros-cairam-no-conto-da-copa/>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

PREUSS, H. Lasting Effects of Major Sporting Events. **Institute of Sport Science**, Germany, 2006. Disponível em: <<http://www.idrottsforum.org/articles/preuss/preusso61213.html>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

PRONI, M. V.; SILVA, L. O. Impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014: projeções superestimadas. **Texto para Discussão**. Instituto de Economia/Unicamp, Campinas, n. 211, out. 2012.

REPPOLD FILHO, A. R. Regeneração Urbana e Direitos do Cidadão: o caso dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996. In: DA COSTA, L.; et al. (Orgs.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

SALGADO, D. Custo dos estádios da Copa 2014 dispara e chega a R\$ 8 bilhões. **Portal 2014**. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/12106/CUSTO+DOS+ESTADIOS+DA+COPA+2014+DISPARA+E+CHEGA+A+R+8+BILHOES.html>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

SANTIN, S. Megaeventos esportivos no Brasil: benefícios e contradições. **Revista Motrivivência**, ano XXI, n. 32-33, p. 332-334, jun./dez. 2009.

SEGALA, V. Itaquerão é obra privada da Copa com maior volume de recursos públicos. **UOL esporte**, 2013. Disponível em: <<http://viniussegalla.blogosfera.uol.com.br/2013/09/09/itaquerao-e-obra-privada-da-copa-com-maior-volume-de-recursos-publicos/>>. Acesso em: 21 mar. 2014.

SOUZA, D. L.; PAPPOUS, S. Legados esportivos de Megaeventos esportivos: uma revisão de literatura. **Revista Motrivivência**, ano XXV, n. 41, p. 42-56, dez, 2013.

TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul./set. de 2011.

ZIMBALIST, A. Is it worth It? Hosting the Olympic Games and other mega sporting events is an honor many countries aspire to - but why? **Financeand Development**, march, 2010.



## **ANÁLISE CRÍTICA DE RELATÓRIOS E DISCURSOS REFERENTES ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS ABRANGENDO OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: O ONTEM E HOJE<sup>11</sup>**

*Luciano de Lacerda Gurski<sup>12</sup>*

O esporte é um fenômeno relativamente recente. Para alguns autores, ele surgiu na Inglaterra, no século XIX, fruto da revolução industrial, e, por esse motivo, sua forma carrega os princípios e valores da sociedade capitalista (BRACHT, 2005; GEBARA, 2002).

Fruto da modernidade, em menos de um século, o esporte ganhou força mundial, angariando poder econômico e político. Talvez uma das maiores expressões de seu poder se manifeste por meio dos megaeventos esportivos.

Para Bracht (2005), a comparação de resultados de forma rápida e eficiente, aliado às regras comuns de disputa para todos os participantes, ofereceu ao esporte a possibilidade de se tornar uma vitrine das disputas políticas e ideológicas, em uma lógica

---

<sup>11</sup> Este trabalho não representa como resultado de uma pesquisa bibliográfica sistemática, pretendemos apenas fazer levantamento de alguns dados a título de sugestão de discussões a serem feitas na Educação Física escolar. Por isso, os artigos foram selecionados a partir da análise de um jornal de grande circulação no Estado do Paraná, em alertas disponibilizados pela ferramenta de notícias do portal Google com a palavra-chave "megaeventos" e outros que se apresentaram de diversas fontes ao longo da composição deste trabalho.

<sup>12</sup> Mestre em Educação (UEPG/PR), especialista em Mídias Integradas na Educação (UFPR) e Educação e Inclusão (FIC/PR), professor da Rede Pública Estadual do Estado do Paraná e do Centro Universitário UniBrasil, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

semelhante a que os Jogos Olímpicos da Grécia antiga oportunizaram; a disputa no esporte, ao invés da disputa na guerra.

Nesse sentido, Proni (2002), ao analisar a produção de Brohm, destaca as críticas que se faziam ao esporte em meados do século XX: a escravidão do atleta, a obsessão pela vitória a qualquer preço, a utilização política dos eventos, a prioridade para a formação de campeões, a comercialização predatória e a influência crescente da publicidade (PRONI, 2002).

Brohm (1976), fiel à sua formação marxista, identifica na gênese do esporte a própria formação da sociedade capitalista, entendendo este como instrumento de disseminação da ideologia burguesa. Nesse sentido, é de se esperar que os eventos esportivos ainda estejam conciliados com a ideologia burguesa.

Não por acaso, a Copa do Mundo de Futebol é considerada o maior e mais importante evento do planeta, e a Fifa (Fédération Internationale de Football Association) possui mais países federados que a ONU (Organização das Nações Unidas). Não obstante, esse evento movimentava um montante financeiro capaz de alterar a realidade de países de primeiro mundo, sendo a movimentação financeira maior que o PIB (produto interno bruto) de muitos países (CAMARGO; ESPÓSTIO, 2011).

Aliado ao poder econômico, encontra-se o poder político que se associa a estes megaeventos. Nesse sentido, Proni (2002), ao discutir a reflexão de Brohm (1976), destaca entre as críticas ao esporte o seu uso político. De fato, o esporte tornou-se arena privilegiada para a disputa ideológica, como pode ser observado na tentativa de Hitler ao usá-lo como instrumento para divulgar a suposta superioridade da “raça” ariana e os embates entre os países capitalistas e socialistas na busca por melhores resultados nos Jogos Olímpicos.

Nesse cenário, o Brasil se candidatou e foi eleito para sediar os dois maiores megaeventos esportivos da atualidade: a Copa do

Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. Esse fato, que à primeira vista poderia significar motivo de orgulho e uma chance do País “se mostrar” para o mundo, ocasionou uma forte contraposição, surgida principalmente entre a classe popular, diante dos custos e das políticas conduzidas para que tais megaeventos se efetivem.

Como exemplo, temos as manifestações que ocorreram por conta da Copa das Confederações Fifa de 2013, evento que foi um teste para avaliar a capacidade do país em sediar grandes eventos. Manifestações numerosas e até mesmo violentas ocorreram na capital do país e em outras cidades, colocando em cheque os objetivos de se sediar tais eventos.

Ao longo deste trabalho, serão apresentados alguns dados obtidos dos Relatórios do Tribunal de Contas da União (TCU), Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro (TCMRJ) e artigos jornalísticos e acadêmicos obtidos ao longo do ano de 2013, mas que podem ter sido produzidos anteriormente a essa data, com o objetivo de auxiliar na reflexão sobre os megaeventos nas aulas de Educação Física escolar, a partir da análise do legado dos Jogos Pan Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro, e dados de outros megaeventos realizados, como a Copa do Mundo de Futebol realizada na África do Sul de 2010 e as perspectivas para os megaeventos que ocorrerão no Brasil.

#### 4.1 O ontem...

Em 2007, realizavam-se no Rio de Janeiro os Jogos Pan Americanos. Esse evento tornou-se emblemático não apenas por sua importância esportiva em nível mundial, mas também pela infraestrutura construída, que em boa parte foi realizada com financiamento público, como se pode observar na tabela 1:

TABELA 1: INVESTIMENTOS PAN-AMERICANOS RIO DE JANEIRO 2007

**Tabela 1 : Gastos Totais em infra-estrutura e Custeio**

	Infraestrutura	Custeio			Total	
		Federal	Estadual	PCRJ		CO-RIO
<b>Gastos Totais</b>	2.111.953	989.120	35.943	256.341	177.941	3.571.297
<b>Impactos na:</b>						
• <b>Produção (R\$ mil)</b>	5.258.121	3.510.717	124.752	886.616	499.777	10.279.982
• <b>Valor Adicionado (R\$ mil)</b>	2.524.690	1.939.200	70.612	502.055	274.183	5.310.739
• <b>Massa salarial (R\$ mil)</b>	471.194	727.465	26.847	191.137	75.614	1.492.256
• <b>Emprego (equivalente-homem-ano)</b>	82.351	67.636	2.237	15.890	10.841	178.955
• <b>Arrecadação de impostos indiretos (R\$ mil)</b>	168.720	81.461	2.909	20.688	12.837	286.595

FONTE: TCMRJ, 2009.

Podemos constatar na tabela 1 que houve o investimento dos diversos entes federados, cabendo ao governo federal os maiores gastos. Contudo, pode-se afirmar que esses investimentos se justificam pelos ganhos materiais e imateriais que os eventos esportivos podem oportunizar.

Nesse sentido, para além do investimento financeiro, o relatório do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro (TCMRJ, 2009) chama atenção para os elementos intangíveis, como o ganho cultural para a sede, “não se pode subestimar os ganhos que o processo de organização dos Jogos induziu em termos de mobilização social e política das comunidades locais” (TCMJRJ, 2009, p. 17) ao mesmo tempo em que demonstra que esses investimentos do setor público geraram impacto positivo na economia.

Como exemplo, para melhor entendimento do conteúdo da tabela, pode-se afirmar que os gastos efetuados em infra-estrutura causaram um impacto de R\$ 5,25 bilhões na produção (especialmente na construção civil e no comércio) e o montante despendido pelo Governo Federal (aproximadamente R\$ 990 milhões) causou um impacto



de R\$ 3,5 milhões na produção (sendo a Administração Pública o setor mais beneficiado). (TCMJRJ, 2009, p. 17).

Entre as obras que mais se destacaram, estão o Parque Aquático Municipal Maria Lenk, o velódromo municipal, Estádio Olímpico Municipal João Havelange e a arena multiuso.

Esses espaços foram criados para a exploração da iniciativa privada, sob as condições que o relatório do TCMRJ analisou em uma auditoria realizada no ano de 2008.

Segundo esse documento, o Estádio Olímpico Municipal João Havelange passou a ser administrado pela Companhia Botafogo S. A. Esta vem mantendo a conservação geral do empreendimento, embora tenham sido encontrados problemas com vazamento de água e acabamentos. O referido documento relata ainda, que o acordo que cedeu o direito do uso estipulou um pagamento mensal de R\$ 36.000,00, os quais não estavam sendo quitados até o mês de maio de 2009, gerando um débito total de R\$ 362.100,39 reais. Contudo, foi detectado que a companhia responsável realizou ações sem a devida autorização, como a inserção de placas de publicidade e a realização de modificações no prédio. Esse fato corrobora com a tese de que os estádios construídos para os megaeventos esportivos não são sustentáveis sob o ponto de vista de seu uso, gerando os “elefantes brancos”. Essa expressão refere-se a um bem valioso, mas não justificado sobre o uso que se faz dele. Segundo o portal de contas abertas,

Juntos, os estádios de Brasília (DF), Cuiabá (MT), Manaus (AM) e Natal (RN) devem custar, segundo dados do Portal da Transparência, R\$ 2,8 bilhões. Uma parcela será financiada pelos BNDES, mas os governos estaduais entrarão com recursos próprios, ou seja, da sociedade. Em Brasília, todo o montante (R\$ 1,2 bilhão) provém do governo do Distrito Federal. Em Manaus serão R\$ 183,4 milhões, em Mato Grosso R\$ 233,9 milhões e em Natal R\$ 17,0 milhões (DUTRA, 2013 s/p).

Segundo Dutra (2013), seria necessária a realização de 96.385 jogos, considerando o público pagante do primeiro jogo da final do campeonato regional, para saldar os custos do Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília.

A estrutura sendo subutilizada e com a manutenção cara acaba sucumbindo, já existindo o debate de em quanto tempo estas obras serão demolidas. De fato, o estádio Green Point, construído para a Copa da África do Sul, tem um custo de manutenção de 10,5 milhões de reais por ano, arcados pela prefeitura local, que devido a sua subutilização, chegou a discutir sua demolição (RANGEL, 2013).

Para Merguizo e Conde (2013), o Pan de São Paulo, da década de 1950 do século passado, deixou um legado mais ativo que o Pan do Rio de Janeiro. Um exemplo é o velódromo nacional, construído em pinho siberiano tratado na Irlanda, sob um custo de 14 milhões de reais, será demolido, com sua estrutura transferida para Goiânia, e no lugar será construído outro com um custo estimado de 80 milhões de reais. Entre as justificativas está a não adequação às normas olímpicas, devido às pilastras de sustentação que impedem a visão de juízes e o número limitado de assentos na arquibancada.

Já o parque aquático Maria Lenk, que custou aos cofres públicos R\$ 85 milhões, além de apresentar problemas de estrutura e acabamento menos de 5 anos após sua conclusão, e que já foi apontado até como foco de mosquito da dengue, também não estaria adequado à receber muitas das provas aquáticas olímpicas. Já era sabido que antes de ficar pronto para os Jogos Pan-Americanos o Maria Lenk não serviria para a natação olímpica. Não haveria condições de ampliar a capacidade de 6.500 torcedores para 15 mil, como exige o Comitê Olímpico Internacional (COI). Além disso, o parque aquático não é coberto. Se o Pan o local recebeu a natação, o nado sincronizado e os

saltos ornamentais, e, 2016 só lhe restará o pólo aquático (FILIPO; GISMONDI, 2013, s/p).

Além dos custos aos cofres públicos e políticas levadas a cabo, tendo em vista a realização desses eventos que afeta a população, sobretudo a mais carente. No Rio de Janeiro, diante da expulsão dos moradores de diversas comunidades, sob o pretexto dos megaeventos, e que ocorreram um desacordo com acordos internacionais de direitos humanos, foi criado o “Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro”, que entre outras ações vêm denunciando em páginas da internet e na elaboração de documentos as violências sofridas pela população. Segundo esse movimento:

Hoje o que assistimos é a ampliação da escala de violação de direitos, principalmente às comunidades pobres que estão no caminho das pretensões da prefeitura: Porto Maravilha, Porto Olímpico, estacionamento do Estádio do Maracanã, Transcarioca, Transoeste, etc. Remoções e despejos forçados têm sido uma rotina em diversas comunidades e ocupações espalhados no Rio de Janeiro. Além disso, sabemos que a velocidade dos programas de urbanização de algumas favelas com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e as UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora) fazem parte de um conjunto de ações para que a cidade passe uma imagem e uma sensação de “ordem e progresso” para investidores e aqueles que visitarem a cidade (COMITÊ POPULAR COPA E OLIMPIADAS RIO, 2013, s/p).

Os moradores têm sido cadastrados, e sob as ameaças e propostas abaixo do valor de mercado, têm sido pressionados a aceitar a indenização da prefeitura, que em alguns casos fica abaixo dos R\$ 7 mil reais. No cartão de identificação dado pela prefeitura há o símbolo da copa. Segundo o comitê:

A população mais pobre do Rio de Janeiro vive hoje numa cidade sem lei. É como se um cartão com a marca olímpica desse superpoderes aos agentes públicos municipais para passar por cima da Constituição Federal, dos acordos internacionais assinados e ratificados pelo Brasil, e pelas recomendações das Nações Unidas (COMITÊ POPULAR COPA E OLIMPIADAS RIO, 2013, s/p).

A exclusão social ocasionada pelos megaeventos acontece também pela valorização das áreas próximas e afetadas pelas obras. Com o encarecimento dos impostos, do valor do aluguel e do custo de vida, famílias mais pobres se veem obrigadas a mudarem do lugar onde moram.

Sob a justificativa das obras para esses megaeventos, moradores acusam os poderes públicos de promoverem uma limpeza social, já que muitos dos espaços desocupados ficarão subutilizados pelas obras, como demonstra uma reportagem da Agência Brasil:

Segundo a líder comunitária, para a construção de uma ponte, seria necessária a remoção de apenas sete casas. Retirar toda a comunidade da beira da lagoa, na sua opinião, é uma “limpeza social”. “A ponte só vai passar em sete casas. Para que eles querem tirar todo mundo?” Segundo ela, a remoção é uma estratégia para beneficiar empreendimentos imobiliários de luxo na região (VIEIRA, 2011, s/p).

Entre os argumentos favoráveis para a realização dos megaeventos estaria seu legado, os benefícios das estruturas e melhorias construídas para os eventos. Confusos são os dados indicados pela análise do TCU, os quais demonstram que em muitos casos essas estruturas acabam subutilizadas e não oportunizando benefícios à população. Muitas das obras se dão no entorno ou nos corredores de passagem para as sedes dos eventos e pontos turísticos, não sendo estes os locais mais utilizados pela

grande população. É preciso questionar também como se divide a renda gerada por esses eventos, pois se há um acréscimo na economia, é preciso investigar o quanto desse acréscimo chega à grande população, e quanto se concentra nas mãos dos grandes empresários e da iniciativa privada.

## 4.2 O amanhã...

Se o legado dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro não atingiu os objetivos esperados, o que esperar dos próximos megaeventos? Teria o país aprendido a administrar para que os mesmos problemas e equívocos não aconteçam?

Preocupado com a transparência e as críticas, o TCU criou um portal, intitulado “Portal da Copa” para acompanhamento dos investimentos e ações realizadas em função do evento da Copa do Mundo – Fifa 2014, bem como vem lançando relatórios de acompanhamento.

No relatório publicado em 11 de setembro de 2011, afirma que os investimentos para a Copa do Mundo – FIFA 2014 estão estimados em 33 bilhões de reais, divididos entre os entes federados e a iniciativa privada, dos quais R\$ 17,3 bilhões de reais são recursos da União e empréstimos dos bancos oficiais, sendo divididos em R\$ 11,5 bilhões para os estádios e mobilidade urbana e R\$ 5,8 bilhões de reais para a reforma e ampliação de aeroportos e portos. “Esse valor não incluía outras prováveis despesas, como desenvolvimento da infraestrutura voltada para o turismo, investimentos em segurança e em saúde, além da aquisição de equipamentos e da promoção de eventos” (BRASIL. Tribunal de Contas da União, 2011, p. 8). Segundo esse documento:

A julgar pela experiência dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, existe o risco de que a despesa

total venha a ser muito superior à inicialmente prevista, principalmente em função de deficiências no planejamento e do conseqüente atraso na execução das obras, o que pode gerar correria e descontos nas etapas finais de preparação da Copa (BRASIL, 2011, p. 8).

De fato há relatos na mídia de obras que já custaram mais do que o previsto. O Tribunal de Contas do Estado do Paraná (TCE-PR) detectou sobre preço de R\$ 372 mil nas obras da Arena da Baixada, estádio do Clube Atlético Paranaense, o qual será sede de jogos da Copa do Mundo – FIFA 2014 tiveram, portanto, um aumento de preço de R\$ 265 milhões. Parte dos custos desta obra é custeada pelo poder público por meios da concessão de potencial construtivo, numa parceria entre os governos estaduais e municipais, que achou nesta estratégia uma maneira de contornar o imperativo legal de repasse de verba pública para uma obra privada.

### 4.3 Implicações dos megaeventos esportivos para a prática pedagógica da Educação Física escolar

A escola certamente não passará incólume à influência dos megaeventos esportivos. Na disciplina de Educação Física, a influência do esporte se faz sentir a muito em sua história, a ponto de usualmente a Educação Física e o esporte serem confundidos. Para Bracht (1992), a escola e o esporte são sistemas independentes, mas que se influenciam mutuamente. O perigo para a Educação Física escolar é que o sistema escolar se sobreponha aos objetivos dessa disciplina:

[...] a Educação Física assume os códigos de uma outra instituição [a instituição esporte], e de tal forma que temos então não o esporte da escola e sim o esporte na escola,

o que indica a sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva. O esporte é um prolongamento da própria instituição esportiva. Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. Utilizando uma linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio ambiente (esporte) não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior (BRACHT, 1992, p. 22).

Se entendermos o papel da escola como propõem as teorias críticas, entre elas, na Educação Física escolar, a concepção crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), seria papel da instituição propiciar reflexões e discussões sobre as consequências dos megaeventos esportivos, de forma a ampliar a compreensão dos alunos sobre esse tema, permitindo-os posicionarem-se criticamente frente à grande influência midiática e política que ocorre. Para o Coletivo de Autores (1992, p. 48):

Sendo uma produção histórico-cultural, o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a ela inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar.

Os megaeventos esportivos no Brasil proporcionarão o ápice na divulgação e promoção do esporte, por meio de vários veículos divulgadores, entre eles, a mídia. O papel do profissional de Educação Física nesse contexto consiste em mediar as informações, inserir valores pertinentes à prática desportiva consciente, incen-

tivar a apreciação das modalidades esportivas, entender o cunho político por trás da organização de megaeventos.

Na afirmação de Grunennvaldi e Kunz (2013), o momento socioesportivo atual, os resultados negativos das representações de atletas nos megaeventos, frustram a população, a mídia passa a exercer influência na cobrança de resultados que a escola deveria fomentar melhores desempenhos esportivos, o que supostamente, evitaria tais resultados. A perspectiva do Brasil “fazer bonito” nos megaeventos que serão sediados no país gera responsabilidade para escola, e como em momentos passados a escola poderá ser convocada novamente para estabelecer propostas pedagógicas para a promoção de talentos para atuar em megaeventos esportivos.

Na afirmação acima, a citação de Grunennvaldi e Kunz (2013), e de Aguiar (1982), refere-se aos propósitos do desporto na Educação Física escolar, podendo ser utilizados para desenvolver a prática desportiva de alta competição.

Essa perspectiva contraria a produção científica em Educação Física escolar, que destaca, sob as diferentes perspectivas, que o papel dessa disciplina não é formar atletas, e que a simples reprodução do modelo esportivo pode ser danosa para a formação dos alunos, entre outros motivos, pela repetição de gestos estereotipados, robotização dos movimentos, especialização motora prematura, desrespeito às individualidades, à exacerbação da competição, à exclusão e a seleção dos mais habilitados, a não possibilidade de criação de movimento por parte dos alunos, à acomodação e não reflexão crítica quanto ao fenômeno de origens sociais e históricas específicas, notadamente de cunho capitalista (COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 1994, 2002; TANI et al., 1988; HILDEBRANT; LANGING, 1986; ASSIS, 2001; CAPAROZ, 1997).



A complexidade social e política que envolve os megaeventos exige que sua reflexão e debate continuem sendo desenvolvidas. Nesse sentido, este estudo não pretendeu trazer respostas às muitas questões que aí se impõe, mas sim auxiliar com esse debate. Com a dinâmica social, novos fatos e desdobramentos devem surgir, e estes devem ser tematizados nas aulas de Educação Física na escola, tendo em vista a formação de nossos alunos, não como consumidores, mas como agentes sociais capazes de influenciar nessa realidade.

#### 4.4 Considerações finais

Os megaeventos esportivos comportam uma série de interesses e influenciam a vida de muitas pessoas, mesmo aquelas que não tenham interesse imediato na prática esportiva. O legado que os mesmos deixam vão além das questões materiais, são antes de tudo sociais e econômicos. O investimento para sua realização impacta também outras áreas como educação e saúde.

Em nome de sua realização, efetiva-se uma assepsia social, aproveitando as obras de infraestrutura para modificar a aparência e deslocar moradores pobres para longe dos olhos dos turistas, de forma a poder explorar o espaço urbano de acordo com interesses de mercado.

Há também o legado imaterial, histórico, difícil de quantificar e avaliar quanto à sua extensão.

Todas essas questões, e outras, que circundam os megaeventos esportivos, são temas a serem tratados pela escola, inclusive pela disciplina de Educação Física, de forma a possibilitar a compreensão mais ampla por parte dos alunos quanto às influências do fenômeno esportivo na dinâmica social. Tão importante quanto aprender a praticar um esporte é compreender as consequências sociais desse esporte.

Só por meio da observação, constatação, estudo, debate, aprofundamento da reflexão, é que será possível ao aluno compreender a realidade de forma mais ampla, e, assim, ter mais condições de agir e modificá-la.

## Referências

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, Chancela Editorial CBCE, 2001.

BANDA B. **TCE detecta sobrepreço no valor de R\$ 372 mil em obras da Copa**. Disponível em: <<http://www.bandab.com.br/jornalismo/tce-detecta-sobrepreco-no-valor-de-r-372-mil-em-obras-da-copa/>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. Ijuí: Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Aprendizagem social e Educação Física**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **O Tcu e a Copa de 2014**. Brasília: TCU, 2011.

BROHM, Jean-Marie. **Esporte, um grande negócio**: a lei da selva, 2000. Disponível em: <[http://diplo.uol.com.br/2000-06,a1774?var\\_recherche=esporte](http://diplo.uol.com.br/2000-06,a1774?var_recherche=esporte)>. Acesso em: 20 dez. 2007.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como exercício de convivência. Dissertação (Mestrado) - Unesp. Campinas, 1999.

CAMARGO, C. A.; ESPÓSITO, E. E. **Copa da África** - estudo de caso. Universidade do Futebol. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.universidadedofutebol.com.br/\\_adm/Files/pdf/Copa%20da%20C3%81frica%20-%20Estudo%20de%20Caso\(1\).pdf](http://www.universidadedofutebol.com.br/_adm/Files/pdf/Copa%20da%20C3%81frica%20-%20Estudo%20de%20Caso(1).pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

CAPARROZ, F. **Entre a Educação Física da escola e a Educação Física na escola**: a Educação Física como componente curricular. Vitória: Ufes, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COMITÊ POPULAR COPA E OLÍMPIADAS RIO. Apresentação. Disponível em: <<https://comitepopulario.wordpress.com/apresentacao/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. **Largo do Tanque**: mais uma remoção sumária para as Olimpíadas do Rio de Janeiro. Disponível em COMITÊ POPULAR COPA E OLÍMPIADAS RIO: <<http://comitepopulario.wordpress.com/2013/02/24/largo-do-tanque-mais-uma-remocao-sumaria-para-as-olimpiadas-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

DUTRA, M. **O drama dos elefantes brancos da Copa**. Disponível em <<http://www.contasabertas.com.br/WebSite/Noticias/DetalheNoticias.aspx?Id=1645&AspxAutoDetectCookieSupport=1>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

FILIPO, L.; GISMONDI, L. **Legado do Pan**: quase sem torneios. Maria Lenk será fechado para obras. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/05/legado-do-pan-quase-sem-torneios-maria-lenk-sera-fechado-para-obras.html>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

GEBARA, A. História do Esporte - Novas Abordagens. In: M. PRONI; R. LUCENA. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GRUNENVALDT J. T.; KUNZ E. Educação Física Escolar e megaeventos esportivos: quais suas implicações? **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 19-32, jan./jun. 2013.

HILDEBRANDT, R. L.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Tradução de Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

KUNZ, E. **Didática da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MERGUIZO, M.; CONDE, P. **Pan de São Paulo, 50, tem mais patrimônio vivo do que Rio-2007**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/04/1265865-sao-paulo-usa-mais-instalacoes-esportivas-de-seu-pan-realizado-em-1963-do-que-o-rio-de-janeiro-sede-da-competicao-em-2007.shtml>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

PRONI, M. W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Editores Associados, 2002.

RANGEL, E. **Estádios abandonados**: o legado da Copa na África do Sul. Acesso em: 19 ago. 2013.

TANI G. et al. **Educação Física Escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

RIO DE JANEIRO. Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro. **Auditoria legado dos jogos pan-americanos – Rio 2007**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Fazenda, abr./mai. 2009.

VIEIRA, I. **Moradores de comunidades desalojadas para obras da Copa e Olimpíadas protestam contra remoções**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-12-01/moradores-de-comunidades-desalojadas-para-obras-da-copa-e-olimpiadas-protestam-contraremocoes>>. Acesso em: 20 ago. 2013.



## O PROGRAMA SEGUNDO TEMPO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

*Daiane Grando<sup>13</sup>*

*Ilma Célia Ribeiro Honorato<sup>14</sup>*

Tendo em vista, que o esporte hoje está presente em diversos âmbitos e é praticado com diferentes objetivos de acordo com o contexto histórico e social, entendemos ser de extrema importância discutir sobre o fenômeno e suas relações com a Educação Física escolar em sua perspectiva educacional.

Fomentar uma prática esportiva para todos é o objetivo de algumas ações governamentais. Entre elas está o Programa Segundo Tempo (PST), que visa à democratização do esporte educacional de qualidade, voltado para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade social (BRASIL, 2008).

Assim, o objetivo é refletirmos sobre as possíveis limitações e contribuições do PST para a Educação Física escolar, principalmente em tempos de megaeventos esportivos. Sabemos que o

---

<sup>13</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), docente do Departamento de Educação Física da Faculdade Guairacá (Guarapuava-PR), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

<sup>14</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), professora da Rede Pública Estadual de Ensino (Seed/PR), docente do Departamento de Educação Física da Faculdade Guairacá (Guarapuava-PR), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

esporte na escola sofreu e vem sofrendo influências do momento histórico pelo qual perpassa o País. O esporte conquistou seu espaço nas aulas de Educação Física há muitos anos, e permanece como prática principal na escola, na medida em que é compreendido dentro e fora dela como fenômeno social.

Partindo disso, podemos dizer que o esporte como fenômeno social sofre influências de normas e valores ideológicos que estão explícitos na luta de classes. É a partir desse princípio que se faz pertinente compreendermos os fundamentos e as estratégias que o poder dominante utiliza para obter o consentimento ativo das massas por meio de sua “auto-organização” na sociedade civil (Carnoy apud NÉSPOLI, 2012).

É a partir dessa hegemonia pautada em alguns ideais sociais que podemos destacar as influências dos dominantes sob os dominados, hegemonia esta que busca indicar os rumos que a sociedade deve seguir. Isso está ligado aos aspectos políticos bem como culturais e históricos que influenciam diretamente na formação humana.

Desse modo, são estabelecidas estratégias para disseminar concepções sociais voltadas para os interesses do capital por meio do fenômeno esportivo. Assim sendo, o “esporte deve, pois, ser entendido como um aparelho ‘privado’ de hegemonia, *locus* em que visões de mundo são elaboradas, difundidas e disputadas, essencial na luta pela hegemonia.” (DUARTE, 2012, p. 301).

Ao inclinarmos para a história, percebemos a utilização do esporte como ideologia do governo militar, que em meados de 1964 buscou difundir visões de mundo na tentativa de ascensão do país como potência esportiva (DARIDO, 2003). Tais intenções revelavam uma forma de reprimir as críticas à ditadura militar que comandava o País. As aulas de Educação Física, que até então eram regidas com práticas militaristas, passam a ser conduzidas por meio do esporte. Segundo o Coletivo de Autores (1992), o

esporte da escola torna-se o esporte na escola, por meio dele, a ênfase se dá na busca pelos mais habilidosos, transformando a prática esportiva em atividade de exclusão.

Por meio da influência do esporte moderno com suas raízes na cultura europeia, o esporte passa a ter um caráter voltado a regras rígidas com tempos, espaços, códigos predeterminados, padronizados e que deveriam ser seguidos e até mesmo fiscalizados pelo poder estatal. Foi e ainda é possível, por meio do esporte, um fenômeno em que a população como um todo aprecia, influenciar a aceitação passiva de ideias e concepções de um poder coercitivo de impor formas de ser e pensar socialmente.

Ao observarmos as aulas de Educação Física nos dias atuais, percebemos que, após quase 50 anos, as marcas da ditadura militar ainda permanecem vivas na escola. As exclusões dos menos habilidosos, advindas do período supracitado, são motivo de desmotivação dos alunos para as práticas esportivas, e até mesmo da participação deles nas aulas.

Pensar o esporte escolar hoje é compreender que a sociedade civil deve ser um extenso e complexo espaço público, composto por identidades coletivas, com iniciativa própria, compostas por sujeitos capazes de construir sua própria cultura e seus valores e que possam ter autonomia em relação ao poder estatal (SEMERARO, 1999). É levar o aluno a ter acesso ao esporte como uma prática social e fazer com que este seja compreendido como fenômeno polissêmico que possui diferentes objetivos de acordo com o âmbito em que é vivenciado.

Em negligência a outros conteúdos da Educação Física, em algumas realidades a abordagem do esporte limita-se à repetição de movimentos mecânicos preestabelecidos ou táticos em busca de um maior rendimento esportivo. Cabe assim, no contexto escolar, definir com clareza os objetivos do esporte dentro

de suas múltiplas facetas, superar resquícios históricos que não contemplam uma ação voltada para a coletividade.

Reconhecer a possibilidade de construção de identidades no esporte imerso em uma educação que leve à transformação de ideias que vá além de uma recepção passiva de informações, isto é, saber fazer uso da capacidade do esporte difundir socialmente filosofias, valores, gostos, assim como foi e é utilizado quando imerso em ideologias, levando a uma progressiva transformação (COUTINHO; TEIXEIRA, 2003).

Há uma gama de classificações, metodologias e pressupostos teóricos que podem levar o professor à compreensão dos atuais objetivos do esporte educacional. Assim, o intuito de trabalhar com o esporte, levando em consideração a multiplicidade de contribuições que esse conteúdo pode trazer, possibilitam o incentivo à inserção de programas voltados ao esporte para além da carga horária das aulas de Educação Física no âmbito escolar, como é o caso do Programa Segundo Tempo, atualmente vinculado ao Programa Mais Educação<sup>15</sup>.

Assim, o intuito é pensarmos esses programas e, no caso específico, o PST como algo imerso em pensamentos hegemônicos e contra hegemônicos no seio da sociedade civil e a relação que este busca com o meio educacional por meio de seus pressupostos, objetivos e ações no âmbito escolar.

## 5.1 Programa Segundo Tempo e Educação Física escolar: uma relação possível

As políticas de incentivo ao esporte na escola datam a década de 1970, com o intuito da incorporação do esporte escolar ao

---

<sup>15</sup> O Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral (BRASIL, p. 7, 2011).



sistema esportivo nacional. Nessa direção, a escola foi considerada a base da pirâmide esportiva e o foco era aliar o componente curricular, Educação Física, ao esporte de rendimento, para que o país alcançasse legitimidade social (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

A prática do esporte nesses moldes nas instituições escolares fez com que a Educação Física fosse considerada um meio para fomentar o espírito patriótico, desvelando atletas que iriam defender o País, ganhar competições e elevar o *status* da nação.

Esse primeiro marco histórico de inserção do esporte na escola não estava pautado em uma perspectiva democrática e/ou com características educacionais. Apenas após a efervescência de um viés crítico direcionado à Educação e à Educação Física por volta de 1980, as práticas pedagógicas se voltam lentamente a direcionar suas ações para outra concepção de educação e de uma escola para todos.

Pensar em uma escola de cunho democrático deve levar à compreensão de que a Educação Física tem papel fundamental mediante esse objetivo. O esporte como conteúdo nas aulas ou em atividades desenvolvidas em contraturno deve estar voltado para um viés educacional, preconizando processos de ensino e aprendizagem que não sejam excludentes.

Assim, é possível pensarmos uma educação voltada para uma reforma intelectual e moral, que reconhece na escola e na cultura as principais formadoras da consciência coletiva. Consciência esta que leva a participação social ativa das classes menos privilegiadas, construindo fundamentos éticos e políticos de consenso, assim, os homens se tornam sujeitos reais de sua história (SEMERARO, 1999).

Essa visão progressista em relação ao sujeito e a sociedade está atrelada à cultura como também à educação, e a forma que essa relação se dá no seio social pode sim estar vinculada às prá-

ticas esportivas educacionais para que ocorra a práxis, ou seja, os sujeitos, a partir de suas experiências, possam vir a ser e pertencer ao meio social.

Partindo dos pontos elencados, é possível destacarmos o papel das instituições sociais e principalmente da escola como ferramenta para produção de cultura, partindo de um viés crítico. É crucial levar à conscientização de que a natureza humana é mutável, assim como não é fixa e abstrata, e isso deve ser posto em constante reflexão (COUTINHO, 2007).

Diante da atual conjuntura social, existem diversos projetos sociais no âmbito formal ou informal na área da Educação Física, os quais fazem uso do esporte utilizando suas dimensões educacionais visando à formação humana. Esses projetos são implantados com o intuito de superar as desigualdades sociais geradas pelo crescimento econômico e pela má distribuição de renda, as quais acarretam diversos tipos de exclusão.

O Programa Segundo Tempo (PST) é um desses programas e tem como objetivo ocasionar uma mudança na qualidade de vida de crianças e adolescentes, ocupando seu tempo ocioso, por meio de práticas esportivas educacionais, práticas que contribuam para um desenvolvimento integral (BRASIL, 2008).

Ao analisarmos as finalidades do PST, compreendemos que o atendimento socioeducativo visa que o socioeducador e o socioeducando (assim denominados nas Diretrizes do PST) sejam parceiros na construção do saber, assim a história, a política e a cultura dos agentes são valorizadas, acreditando que é preciso interpretar e ser agente de transformação do mundo em que vivemos, sendo agentes da transformação por meio da participação coletiva e solidária no processo social, político e econômico (BRASIL, 2009).

Essa interpretação é possível a partir da compreensão de que o ser humano é um ser total e que as mais simples atividades

são determinadas por concepções de mundo e, conseqüentemente, têm um conhecimento atrelado a elas (GRAMSCI, 1981). Por meio da prática esportiva, conseqüentemente, estaremos em contato com o conhecimento e com processos de desenvolvimento humano por meio da coletividade.

O esporte na escola tem como desafio fortalecer uma nova forma de pensar o esporte, superando a tradição de uma prática voltada para gestos e repetição de ações irrefletidas, que por muito tempo levaram a um engessamento docente na elaboração e efetivação de estratégias para o ensino do fenômeno esportivo (ARAÚJO et al., 2012).

Democratizar o acesso às práticas esportivas de caráter educativo faz com que possamos pensar em novas perspectivas para o encaminhamento teórico-metodológico do esporte nas diversas esferas sociais. Colombo et al. (2012) cita que as orientações teórico-metodológicas do PST têm como pressuposto o homem como um ser histórico, e as relações sociais, as quais não são diretas, mas mediadas.

É por meio dessas ações mediadas da relação com o outro que o indivíduo se constitui homem. “A universalidade do indivíduo não se realiza já no pensamento nem na imaginação está viva em suas relações teóricas e práticas” (MARX; ENGELS, 2009, p. 48). É na escola, por meio da Educação Física escolar, que podemos zelar pela formação do indivíduo e fazer com que este se compreenda como parte de um contexto no qual é capaz de intervir.

Entendemos assim, que a inserção de programas como o PST no âmbito escolar pode instigar ainda mais práticas voltadas para a democratização, não só do esporte em sua esfera prática, mas também de conhecimentos historicamente construídos e enraizados culturalmente por meio dele e das diversas práticas corporais.

Percebemos que o esporte é um fenômeno com diferentes fins e características, e isso varia de acordo com o contexto em que é inserido. Dentre esses contextos:

[...] entendemos que a manifestação do esporte escolar é aquela que se apresenta com fins educacionais no espaço/ ambiente institucionalizado e formalizado da escola. Este estaria relacionado ao esporte educacional, entendendo que a perspectiva educacional do esporte não se limita ao espaço da escola, estando presente em outros contextos, como por exemplo, no PST (STAREPRAVO et al., 2012, p. 137).

O esporte como uma manifestação social, inserido no PST, pode fazer uso do esporte educacional tanto na escola como fora dela, na esfera não formal. Nesse viés, o esporte é visto como ferramenta de transformação social, capaz de, por meio de seus princípios, intervir na realidade das crianças e adolescentes.

Esse objetivo de transformação social, muitas vezes considerado utópico, já foi compreendido de forma equivocada pela mídia, que cita exemplos de atletas que venceram a pobreza, vendo assim o esporte como forma de ascensão social. Porém, a transformação não pode ser compreendida apenas nesse sentido e não está pautada por um sucesso individual, como no exemplo citado (BENDRATH, 2012).

A transformação está no sentido de por meio do esporte desenvolver princípios socioeducativos, dentre estes, podemos destacar: inclusão; participação; cooperação; coeducação e o princípio da corresponsabilidade (TUBINO; GARRIDO; TUBINO, 2006). Visando uma formação embasada em tais princípios (Barbieri, 2001, p. 144 apud TUBINO, 2010, p. 3) nos mostra que:

[...] um dos sentidos atribuídos ao esporte que, como uma atividade humana – mediante o desenvolvimento integral do ser humano, de sua individualidade e de sua socializa-

ção, da preservação de sua saúde, do desenvolvimento da auto-estima, do autoconhecimento e do fazer-se no mundo – se manifesta nos sistemas formais de ensino como fora deles, tendo como seus princípios constitutivos a totalidade, a cooperação, a participação, a coeducação, o regionalismo e a emancipação, e como última finalidade a formação do homem e da cidadania.

Pensar as práticas esportivas na escola a partir desses princípios faz com que o aluno seja compreendido em sua totalidade, e que o professor possa superar a visão tradicional e meramente motriz da Educação Física. Sabemos das dificuldades em atrelar essas finalidades a ações concretas nas práticas pedagógicas, mas precisamos explorar os benefícios do esporte a partir dessa perspectiva.

Buscando esse desdobramento e visando estreitar os laços entre esporte e educação, o PST, até então desenvolvido em espaços comunitários, ampliou em 2010 seu eixo de intervenção, buscando uma parceria com o Ministério da Educação, junto ao Programa Mais Educação, atuando também no contexto da educação escolar (GOELLNER et al., 2012).

Essa parceria faz com que se ampliem as discussões e práticas atreladas ao esporte educacional e possamos desvelar as contribuições do esporte para a formação humana e também as possíveis barreiras para que isso se efetive.

Essa relação entre o Ministério do Esporte e o Ministério da Educação é citada por Bracht (2013) como algo que inicia a pouco mais de uma década, por meio do programa esporte na escola, o qual tinha o objetivo de incitar o desenvolvimento à revalorização das práticas esportivas escolares. O intuito era que essas ações viessem a contribuir para o futuro esportivo do país, mais especificamente nas Olimpíadas de Sydney no ano 2000, e o insucesso do Brasil veio a responsabilizar a Educação Física escolar pelo fracasso.

Bracht (2013) salienta então que, o PST, em tempos de megaeventos esportivos, pode trazer além de suas contribuições, que são inúmeras, algumas implicações para a Educação Física escolar, tendo em vista que os megaeventos esportivos fazem parte do contexto social, e conseqüentemente, influenciam nas diversas esferas sociais, inclusive nas práticas pedagógicas do professor de Educação Física.

## 5.2 Programa Segundo Tempo na escola: Educação Física e esporte em tempos de megaeventos esportivos

O atual contexto está fortemente influenciado pelos megaeventos esportivos, os quais terão o Brasil como país sede nesta década. A Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo Fifa (2014), Copa América (2015) e os Jogos Olímpicos (2016) tendem a influenciar diretamente nas diferentes práticas sociais, inclusive provocar efeitos significativos na Educação Física escolar (MASCARENHAS, 2012).

Já indicamos que a Educação Física, por meio de projetos que buscam fomentar as práticas esportivas no âmbito escolar, pode ser atrelada às intenções hegemônicas que partem dos interesses políticos e ideológicos presentes na tensão constante entre dominação e emancipação.

Mascarenhas (2012) explicita que os jogos resultam de decisões e opções do governo brasileiro, que acarretam uma série de ações que são legitimadas e desencadeadas na relação entre estado e sociedade civil. Os agentes sociais passam a ser mobilizados em torno desse projeto de nação que, para além de um “projeto esportivo”, está vinculado a um modelo político e econômico.

A sociedade civil esmiuçada por meio de um conjunto de organizações como igrejas, escolas, partidos políticos, organi-

zação material da cultura (mídia), acaba muitas vezes sendo responsável pela difusão de ideologias na preservação de um poder coercitivo de massificação de ideais voltados aos interesses do Estado (COUTINHO, 2007).

Tendo em vista o pensamento de Gramsci Duarte (2007, p. 77), o qual esclarece que a ideologia é nada mais do que uma força que se opera na realidade, é constituída no real e é capaz de modificar a vida humana a partir do momento em que as visões e concepções sociais de mundo resultam em ações práticas no cotidiano do indivíduo.

Partindo disso, a preocupação parte do pressuposto de que o esporte educacional não pode refletir ideologias governamentais, racionalizando ações no âmbito da Educação Física escolar, perdendo de vista suas finalidades. O esporte na escola não pode ser utilizado como ferramenta para mascarar a falta de investimentos ao esporte de rendimento no âmbito não formal. Assim, o intuito não é de formar na escola os possíveis talentos esportivos, função a qual a Educação Física, em um período anterior, foi responsabilizada.

Instigar a democratização do esporte via escola faz parte dos objetivos do PST. Para Bracht (2013), o Estado costuma utilizar o jargão “o esporte educa” ou “o esporte é saúde” com a intenção de massificar a visão de que este “educa por natureza”, e consequentemente, evita que crianças e jovens tenham contato com práticas reprovadas socialmente, como o uso de drogas, violência etc.

[...] nessa compreensão, reproduzida pelo segundo tempo, o esporte aparece como um direito social a partir de uma perspectiva liberal-funcionalista, na medida em que o acesso a ele deve ser ampliado, pois sua prática funciona como elemento de compensação dos efeitos colaterais da globalização econômica (BRACHT, 2013, p. 133).

Nessa perspectiva, o esporte teria um caráter funcionalista, e isso está explícito na proposta do PST, que seria por meio da pers-

pectiva do esporte educacional levar “[...] ao incremento da qualidade de vida, à manutenção e à melhoria da saúde, bem como ao favorecimento do bem estar físico, social e psicológico dos adolescentes [...]” (BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2011, p. 6).

Esses apontamentos revelam que realmente alguns dos objetivos do PST estão pautados nessa funcionalidade e buscam um retorno estatal que não deixa de ser os de muitas outras políticas públicas, tendo em vista as mais diversas práticas corporais no âmbito formal e informal da Educação Física.

Assim, o que não pode ocorrer é que essa funcionalidade aplicada ao esporte, em muitos momentos históricos e mesmo na atualidade, esteja voltada aos interesses estatais na promoção dos megaeventos esportivos.

Não podemos esquecer que os objetivos das práticas esportivas têm relação com o meio em que são praticadas e que apesar de suas diferentes dimensões, educacional, de lazer ou rendimento, estarem entrelaçadas, elas possuem particularidades e objetivos que são prioridade de acordo com o contexto.

É importante indicar que um programa como o PST, voltado para as classes subalternas e desenvolvido nas instituições educacionais, não pode estar desvinculado da proposta pedagógica da escola, das concepções teóricas de educação bem como da realidade social de seus participantes, para que assim consiga formar cidadãos, como explícito em sua proposta.

Tem destaque no texto das diretrizes divulgadas pelo Ministério do Esporte que as práticas de esporte educacional desenvolvidas no interior do PST não sejam pautadas pela seletividade e competição exacerbada, mas devem possibilitar o desenvolvimento integral do indivíduo.

Destacamos que para atingir esse objetivo de desenvolvimento integral, o esporte escolar deve estar voltado à apro-



priação social do conhecimento e de acordo com os pressupostos gramscianos, pode estar ideologicamente voltado para fomentar a subalteridade, ou seja, a manutenção do sujeito em sua atual conjuntura de relegado socialmente, ou para uma dimensão que leve à emancipação e a essa integralidade, sendo que está última só será atingida se expressa em um projeto mais amplo de elevação cultural, a uma condição ético-política superior do sujeito (BEZZERA; PAZ, 2007).

Para que realmente esse objetivo seja prioritário, a Educação Física não pode estar subordinada às nuances esportivas ligadas aos interesses da organização esportiva, como coloca Mascarenhas (2012). O autor ainda comenta que em tempos de megaeventos esportivos, surgem os discursos políticos de valorização da Educação Física, com o intuito governamental de massificar a prática esportiva de rendimento por meio da escola, desqualificando a Educação Física como disciplina pedagógica.

### 5.3 Apontamentos finais

A partir desse ensaio, foi possível evidenciar diversos pontos de discussão sobre a possível relação: esporte, Programa Segundo Tempo, Educação Física escolar e o momento histórico pelo qual perpassa a sociedade civil em tempos de megaeventos esportivos.

O intuito foi instigarmos a reflexão sobre as diversas contradições que esse universo pode abarcar. Percebemos um vasto cabedal de ações que, por meios diversos, acabam influenciando no papel da Educação Física escolar e no meio educacional como um todo.

Assim sendo, o esporte por meio do PST pode ser entendido como um fenômeno educacional, que desempenha diversos papéis na construção da identidade do indivíduo. Desvelamos

que como um conhecimento não está desvinculado de interesses políticos e ideológicos, os quais estiveram e estão em ênfase por meio das políticas governamentais e que desembocam nas instituições públicas sociais, como no caso a escola, a sala de aula, o professor, a Educação Física e o processo de ensino aprendizagem como produto final dessas relações.

Dessa forma, vale ressaltarmos que:

As idéias e as opiniões não 'nascem' espontaneamente no cérebro de cada indivíduo: tiveram um centro de formação, de irradiação, de difusão, de persuasão, houve um grupo de homens ou até mesmo uma individualidade que as elaborou e apresentou na forma política da atualidade (GRAMSCI, 2007, p. 82).

Tendo em vista, que tudo que é feito socialmente e parte dos ideais de um grupo, podemos considerar que em relação aos megaeventos esportivos, as ações governamentais estão voltadas nas diversas esferas sociais aos diferentes grupos (classes sociais), para que o País possa sediar essas competições com "sucesso". Isso pode sim de alguma forma influenciar na Educação Física escolar, a qual tem como um de seus conhecimentos historicamente construídos o esporte, que para além de um conteúdo é um fenômeno social apreciado por todos e que é uma das práticas corporais hegemônicas desse momento histórico.

Por fim, consideramos a necessidade de uma análise mais aprofundada do fenômeno esportivo e as diferentes formas com que este se manifesta na sociedade, seja na aula de Educação Física ou em programas como o PST, que buscam essa associação entre esporte e educação. É necessária uma análise que amplie compreensões no campo da Educação Física escolar, para não nos distanciarmos dos objetivos do campo educacional da democratização e acesso aos conhecimentos da cultura corporal.

## Referências

- BEZERRA, C.; PAZ, S. R. Emancipação e apropriação social do conhecimento em Gramsci: uma reflexão a partir do corpus categorial da filosofia da história. **Trabalho & Educação** - ISSN 1516-9537/Submissões, Soumissions d'articles, Paper submissions - 2013/2014, v. 16, n. 2, p. 13-26, 2007.
- BRASIL, Ministério do Esporte. **Manual do Programa Segundo Tempo**. Brasília: ME/Secretaria Nacional de Esporte Educacional, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Mais Educação** – Passo a passo por Maria Eliane Santos et al. Brasília: MEC – Secad, 2009a. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passopasso\\_maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passopasso_maiseducacao.pdf)>. Acesso em 28 out. 2011.
- BRASIL, Ministério do Esporte. **Programa Segundo Tempo, Piloto Socioeducativo, Diretrizes e Orientações Específicas**. Brasília: ME/Secretaria Nacional de Esporte Educacional, 2008.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CORREIA M. M. Projetos sociais em Educação Física, esporte e lazer: Reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida. **Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ**, v. 4, n. 1, jan./jun., 2008.
- COUTINHO, C. N.; TEIXEIRA, A. P. **Ler Gramsci, entender a realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DARIDO, S. C. **Educação Física Escolar: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DUARTE, F. L. **Tudo que é olímpico desmancha no ar: os Jogos Pan-Americanos Rio 2007**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.
- DUARTE, F. L. **Um Sardo em campo: diálogos pertinentes entre Antonio Gramsci e o Esporte**. Disponível em: <[http://www.nufipeuff.org/seminario\\_gramsci\\_e\\_os\\_movimentos\\_populares/trabalhos/Fabricio\\_Luis\\_Duarte.pdf](http://www.nufipeuff.org/seminario_gramsci_e_os_movimentos_populares/trabalhos/Fabricio_Luis_Duarte.pdf)>. Acesso em: 6 nov. 2013.
- GOELLNER, S. V.; LOMANDO, N. T.; JOB, I.; SOARES, L. S. Memória e Programas Sociais de Esporte e Lazer: O Acervo do Programa Segundo Tempo do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte. **Motrivivência**, ano XXIV, n. 38, p. 108-122, jun. 2012.
- GRAMSCI, A. **A Concepção Dialética da História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 3. ed., v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2009.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Editora Phorte, 2009.



## OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO INSTRUMENTO ALIENADOR NO AMBIENTE ESCOLAR

*Glassiano Machado Coelho<sup>16</sup>*

*Luciano de Lacerda Gurski<sup>17</sup>*

Em tempos de realização de megaeventos esportivos no Brasil, como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas, intensifica-se o debate e o interesse sobre os esportes e sua relação com a educação. Isso se intensifica na medida em que o senso comum percebe o esporte como uma prática corporal essencialmente positiva para a formação humana, oportunizando exemplos de disciplina, superação, respeito, entre outros valores.

Contudo, torna-se necessário analisarmos o esporte, e assim, os megaeventos, de forma mais profunda, quanto aos princípios e condicionantes presentes em sua prática. A sociologia crítica do esporte, cuja produção se intensificou a partir da Segunda Guerra Mundial, ampliou a compreensão sobre o esporte como fenômeno social, relacionando-o à Revolução Industrial e aos princípios capitalistas de rendimento, seleção dos melhores, exclusão, valorização dos resultados acima de tudo, entre outros fatores.

---

<sup>16</sup> Graduado em Licenciatura em Educação Física (UEPG/PR). Especialista em Esporte Escolar (UEPG/PR) e em Educação à Distância (FACEL/PR). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de professores (GEPEFE/UEPG/CNPq).

<sup>17</sup> Mestre em Educação (UEPG/PR), Especialista em Mídias Integradas na Educação (UFPR) e Educação e Inclusão (FIC/PR), professor da Rede Pública Estadual do Estado do Paraná e do Centro Universitário UNIBRASIL, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de professores (GEPEFE/UEPG/CNPq).

Dessa forma, buscamos neste texto analisar as relações do esporte e dos megaeventos esportivos com a educação, indicando traços alienantes que podem estar presentes em sua prática. Para isso, analisamos algumas produções teóricas no campo da Educação Física brasileira e da sociologia, buscando elementos históricos que permitam uma aproximação entre o fortalecimento do esporte no país e seus interesses capitalistas.

Embora o texto esteja permeado por uma tônica mais crítica, não temos por objetivo expurgar o esporte ou condenar sua prática, mas sim entender o processo que o envolve, alguns dos interesses que o mantém, de forma a possibilitar novas compreensões e ações que possibilitem superar a sua atual realidade.

## 6.1 O esporte e sua função disciplinadora

Sabemos que a Educação Física, não com essa denominação, ganha relevância no Brasil graças às influências militaristas, presentes em diversos momentos de sua história. É inevitável falar da história da Educação Física em nosso país sem lembrarmos a participação ativa militar. Para Castellani Filho (2013), a história da Educação Física se funde em muitos momentos com a dos militares. Em meados do século XIX, a Educação Física, revestida nos interesses militares, passou a ser incentivada e praticada de forma sistemática, ganhando destaque no cenário nacional, principalmente com a padronização do modelo francês de ginástica, sendo nessa época editado um manual da prática de atividade física, que foi implantado nas escolas de todo o país, conforme o modelo francês de ginástica.

Dos trabalhos de uma comissão interministerial criada em 1904 para tratar da unificação dos métodos de ginástica na França, resultou o *Manuel d'exercices physiques et de*

*jeux scolaires*, em seguida difundido por todo o país. Em 1919, após a experiência advinda da Primeira Guerra Mundial, esse manual recebeu um complemento que era, na verdade, uma obra inteiramente nova, com o título *Projet de règlement général d'éducation physique*, publicado em 1921 sob o patrocínio do Ministério da Guerra. Em 1927, este foi substituído pelo *Règlement général d'éducation physique (Méthode Française)*, reimpresso em caráter definitivo em 1932 (CASTRO, 1997, p. 1).

Os pioneiros a atuarem no campo da Educação Física iniciaram-se por intermédio dos militares, cujos instrutores utilizavam o método francês como base para o desenvolvimento das atividades, tanto no interior da caserna quanto das escolas. Empenhados em desenvolver principalmente nos jovens uma formação atlética com corpos sadios e fortes, além de disciplina.

Podendo ser observado no trecho a seguir de um artigo publicado em 1938, retratando a hegemonia do exército brasileiro:

[...] Entreguemos ao Exército todos os poderes para que, no setor de Educação Física, ponha em prática, em todo o território nacional, a sua técnica disciplinadora que é, no momento, um evangelho salutaríssimo à nação. Para nos pôr a salvo das tormentas, organizando a nossa defesa, o Exército glorioso precisa de um 'Homem brasileiro', com todas as letras maiúscula, bem maiúsculas. Confiantes, entreguemo-nos a ele, porque só ele dispõe dos elementos necessários a um renascimento de vigor físico indispensável à organização bélica de uma Pátria, ainda que a mais pacífica, como a nossa. Seja o Brasil, todo ele, no tocante à Educação Física, uma Escola de Educação Física do Exército [...] (Castellani Filho, 2013 apud LENHARO, 1986, p. 68).

De acordo com Betti (1997), após o período hegemônico do modelo francês de ginástica, o qual coincidiu com o fim da

Segunda Guerra Mundial, a Educação Física liberta-se do domínio das classes militar e médica, sob o processo de redemocratização do país. Novas ideias, fundamentos, propostas pedagógicas, ocuparam espaços e agitaram as mentes na área da Educação Física.

Assim, o esporte entra em cena, e é nesse momento que este trabalho se situa, procurando investigar sobre os diversos interesses com o emprego do esporte de rendimento na escola. Como por exemplo, em que o esporte foi possivelmente utilizado pela classe dominante a fim de afastar as mentes principalmente dos jovens das questões políticas (BRACHT; CASTELLANI FILHO, 2013; KUNZ, 1994; BETTI, 1997).

Buscamos assim, com este trabalho, investigar a relação do esporte de rendimento e as indústrias, partindo da seguinte problemática: o esporte de rendimento empregado na escola durante meados do século XX era um meio de adestramento do cidadão a serviço futuramente das indústrias?

Objetivamos, por meio da revisão de literatura, construir possíveis interpretações para o fenômeno esportivo, indo ao encontro de Castellani Filho (apud SCHAFF, 1986, p. 16), quando afirma que:

Os períodos de estabilidade, propícios ao sentimento de satisfação do presente, favorecem igualmente o consenso social quanto à imagem tradicional do passado; ao contrário, nos períodos de crise e de oposição, quando a estabilidade é abalada, os homens descontentes com o presente são inclinados a estarem também descontentes com o passado: a História é então submetida a uma reinterpretação na perspectiva dos problemas e das dificuldades do presente [...].

Nesse contexto, este artigo vem em busca de contribuir para as reflexões dos profissionais da área, com um estudo bibliográfico embasado na abordagem histórico-crítica (SAVIANI,



2005), retomando o passado recente de nossa área e observando algumas relações entre esporte e indústria (sistema capitalista).

## 6.2 Os eventos esportivos, a Educação Física escolar e as fábricas

Na modernidade e num sistema capitalista, acreditamos que, para compreender o processo ou o “quebra-cabeça”, como preferiu Castellani Filho (2013), tudo deve ser pensado no desenvolvimento econômico, em outras palavras, na obtenção de lucros, para melhor entender o sistema, seus acontecimentos e seus rumos na história, entendendo ser a forma de produção o fator determinante da ontologia do ser social (MARX, 2008; TONET, 2005).

Nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal (FREIRE, 2011, p. 63).

O esporte moderno está diretamente atrelado ao modo capitalista de produção. Não é simplesmente para despertar a alegria e o ufanismo da torcida brasileira que o governo (a começar pelo ex-presidente Lula) investiu tantos esforços para sediar um dos eventos esportivos mais importantes, expressivos e de destaque no cenário internacional.

Quanto à transformação interna, os Jogos são vistos como uma espécie de catalisador de obras e investimentos, dinamizando a economia e fortalecendo a posição do Rio de Janeiro e do País no mercado mundial. Ainda que superestimados, os impactos sociais e econômicos esperados se articulam ao próprio projeto nacional idealizado pelos intelectuais governistas, o neo-

desenvolvimentismo (MERCADANTE, 2010; POCHMANN, 2009; SOUZA, 2003 et al.).

Trata-se de um projeto ou modelo de desenvolvimento pautado na manutenção da estabilidade e ação distributiva do Estado, este último, um Estado mais forte, induzindo o crescimento e coordenando os investimentos no país a partir de estratégias de planejamento de longo prazo (MASCARENHAS, 2012, p. 1).

Os motivos para esse investimento são variados, desde o fortalecimento político no cenário mundial e regional até os interesses econômicos que estão em jogo. Uma vez confirmado o país como sede, movimentam-se uma série de outros interesses, como as desapropriações de casas pobres em regiões de interesse do mercado imobiliário, sob o pretexto de se realizar obras para os megaeventos, tais acontecimentos, movidos por diversos interesses, são cada vez mais difíceis de justificar sob o ponto de vista das necessidades sociais.

Ao mobilizar a sociedade para os megaeventos, influenciam-se diversos setores da sociedade, até mesmo na educação, quando as escolas são impelidas a realizar projetos, apresentações, trabalhos, nos quais os alunos são levados a estudar e conhecê-los, sendo a disciplina de Educação Física uma das principais afetadas na escola por esse contexto.

### 6.3 O incentivo ao esporte no ambiente escolar

Com a finalidade de abordarmos o esporte no ambiente escolar, nos reportaremos de forma breve ao passado, para compreender melhor o esporte e sua relação com a disciplina da Educação Física no contexto escolar, para então analisarmos com um olhar mais atento o período que estamos vivenciando, diante dos megaeventos esportivos e das constantes implantações de projetos esportivos no ambiente escolar.

Após a Segunda Guerra Mundial (1945), o esporte passa a ficar em evidência no cenário internacional, principalmente com o início da Guerra Fria, pois na disputa pelo prestígio (capitalismo x socialismo), o esporte era uma ferramenta de extrema importância na conquista de mais adeptos para ambos os sistemas.

No Brasil, como de costume, com suas atitudes impregnadas pelo sentimento de colônia eterna, os acontecimentos não poderiam ser diferentes, o esporte passa a ser divulgado e estimulado pelo governo, a fim de se mostrar ao mundo como uma potência esportiva.

A Educação Física no Brasil foi, no final do século XIX, utilizada como ferramenta para a construção da nação brasileira, objetivando a modernização e a inclusão no rol das sociedades civilizadas, buscando para essa construção o sentimento de nacionalismo do povo, que, segundo os representantes políticos da época, podia ser despertado pelo esporte (DECCACHE-MAIA, 2006).

Porém é possível constatar que, ao incentivar a prática esportiva, não se tratava apenas em formar atletas de alto nível, havia algo a mais diante desse interesse que passava despercebido aos olhos do povo e dos profissionais da área. Pois na realidade, em nossa forma de compreender a história da Educação Física, ser destaque no âmbito esportivo se tratava apenas de uma consequência na tentativa de inculcar um sistema ideológico em meio às formas ocultas de dominação e opressão.

A partir dos anos 70 a educação física tornou-se termo da moda, em primeiro lugar, ao servir aos governos civil-burocráticos-militares como aparelho ideológico e repressivo, e, em segundo lugar, porque respaldada no Decreto Lei nº 477/69 e manipulando a ideologia burguesa, através das práticas desportivas, afastava os estudantes e os trabalhadores dos movimentos sediciosos e revolucionários (FREITAS, 2006, s/p).

Contudo, é preciso estarmos atentos para com os discursos que nem sempre se efetivam no cotidiano da maneira ensinada. O fato de um governo, mesmo que militar, incentivar o esporte de rendimento e a seleção dos melhores atletas nas escolas não garante que isso se efetivava no dia a dia escolar, como indica Taborda de Oliveira (2012).

## 6.4 O esporte e a indústria

Ao compararmos o esporte de rendimento com o meio fabril, observamos que suas exigências para ser jogador/trabalhador são semelhantes, e se pararmos para lembrarmos um pouco do momento histórico em que vivíamos na década de 1930, podemos constatar que o Brasil dava início à grande revolução industrial, com o então presidente Getúlio Vargas.

Alguns anos mais tarde, com a proliferação das indústrias, o país passou a necessitar de mão-de-obra adestrada capaz de suportar o difícil trabalho no interior das fábricas, principalmente no seu excesso de rotina e repetições de movimento. Uma das grandes dificuldades que os empresários encontravam (e talvez ainda encontrem) era a difícil tarefa em domesticar os funcionários para a servidão à indústria, com a finalidade de habituá-los com a nova rotina de trabalho, pois a grande maioria tratava-se de retirantes do nordeste rumo aos grandes centros econômicos (São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro), e não estavam acostumados com o novo modelo de trabalho que se iniciava no Brasil, dotado de especificidade e repetições.

O processo de reificação da cultura é também uma das consequências do modo de produção capitalista, de forma que não é apenas a produção de bens materiais que é afetada, mas a própria cultura, como indicam Adorno e Horkheimer (1985).

O esporte moderno, ao ser formatado no seio da Revolução Industrial, incorpora princípios que norteiam a sociedade capitalista, como a valorização da técnica, do resultado, a burocratização, controle do tempo. Por sua vez, (Kunz, 1989 apud ASSIS, 2001, p. 18) descreve os seguintes princípios e tendências que têm determinado as práticas esportivas:

Princípio da sobrepujança: idéia de que qualquer um, qualquer equipe, tem possibilidade de vencer em confronto esportivo. Busca-se a vitória – o sobrepujar o adversário. Princípio das comparações objetivas: chances iguais para todos nas disputas esportivas. Padronização dos espaços, dos locais de disputa e o desenvolvimento de normas e regras universais para os esportes, etc. condicionar-se a prática esportiva nesses locais, condicionando-se também as atividades do movimento, a uma automatismo a repetições mecânicas. Tendência do selecionamento: selecionam-se os alunos pelas suas habilidades / inabilidades esportivas, utilizando-se também critérios de idades, sexo e biótipo físico. Tendência da especialização: para se obter uma boa técnica esportiva e um alto grau de rendimento, reduz-se ao máximo o repertorio de ofertas em relação as modalidades esportivas. Tendência da instrumentalização: diz respeito aos acréscimos da performance, as regras e aos métodos que levam ao sucesso esportivo, ou melhor rendimento.

Dessa forma, podemos traçar algumas aproximações entre o esporte e a atividade fabril:

	<b>ESPORTE DE RENDIMENTO</b>	<b>ATIVIDADE NO MEIO FABRIL</b>
<b>ESPECIALIDADE</b>	Posições fielmente demarcadas são observadas com grande ênfase nos esportes coletivos.	Cada trabalhador efetua uma determinada tarefa, dentro da linha de produção.
<b>PRÁTICA</b>	"A prática leva à perfeição"	Ao longo do tempo, o trabalhador se aperfeiçoa em determinada tarefa, devido sua prática constante de repetição da mesma tarefa.

	<b>ESPORTE DE RENDIMENTO</b>	<b>ATIVIDADE NO MEIO FABRIL</b>
<b>RENDIMENTO</b>	As jogadas necessariamente devem ser objetivas	Aumento da destreza na execução de um único fragmento do processo
<b>AGILIDADE/ VELOCIDADE</b>	O atleta procurara ser cada vez mais ágil	Aumento da produção
<b>EFICIÊNCIA</b>	Baseado em resultados positivos	Procura no processo de produção o menor desperdício possível
<b>REPETIÇÃO</b>	Melhora no rendimento e na execução de determinada tarefa	Qualifica o funcionário tornando-o especialista em determinada tarefa
<b>TÉCNICA</b>	Com o decorrer do treinamento, vai aperfeiçoando o método de execução, buscando novos records	Especifica o trabalhador a desenvolver a tarefa em determinado setor da linha de produção
<b>REGRAS</b>	O respeito às regras é de fundamental importância, sem regras não há desportos. Porém, são ensinadas sem uma reflexão crítica de suas existências, "apenas obediência"	Na linha de produção, as regras são simples, "apenas faça o seu trabalho"

**QUADRO 1: PROXIMIDADES ENTRE OS PARÂMETROS DO ESPORTE RENDIMENTO E OS PARÂMETROS DA ATIVIDADE DO MEIO FABRIL**

FONTE: Os autores

Se no sistema capitalista existem duas formas de aumentar o lucro, a mais-valia absoluta e relativa, isso se reflete na lógica interna do esporte, pois se busca produzir mais no mesmo tempo (mais-valia relativa, no esporte, significa os records) ou a maior quantidade possível (mais valia-absoluta, no esporte representado por pontos, gols e outros indicadores). Assim como só tem relevância na sociedade capitalista aquilo que é quantificável, que possui valor de uso e valor de troca, aquilo que é subjetivo, como a diversão, a beleza, o usufruir, podem não ser considerados relevantes. O esporte moderno nasce justamente de um esforço burguês de instaurar uma corporeidade que reflita a lógica de produção do sistema capitalista. Assim, na busca incessante por lucro no interior das fábricas, observamos que para o trabalhador desempenhar

sua tarefa, em função de se obter o máximo de produção, só é possível com a repetição de uma mesma operação, aumentando a velocidade e precisão por meio da prática, conforme a teoria do Fordismo, embasado em seus princípios de intensificação, de economia e de produtividade. No esporte moderno, principalmente nos jogos coletivos como vôlei, handebol e o futebol, entre outros, também são observados que se dá pela mesma regra, o atleta possui sua função conforme seu biotipo e sua habilidade em desenvolver determinado movimento.

Porém, essas especificações de funções tanto no meio de produção quanto no esporte causam a fragmentação do trabalho e, aliado à heterogestão, se têm uma combinação da qualificação do trabalhador, com alta destreza, precisão e rapidez no desempenho da atividade (KUENZER, 2002).

Tal fato causa a alienação do trabalhador, pois ele não é detentor daquilo que produz, por não conhecer em sua totalidade aquilo que foi produzido com sua participação, e por vender sua força de trabalho ao capital que o explora, oprime e o domina, fazendo com que o ciclo vicioso se mantenha em virtude da manutenção do *status quo*.

[...] no sentido de que as massas populares cheguem a 'inserir-se', criticamente, na realidade. É que o opressor sabe muito bem que esta 'inserção crítica' das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência delas em seu estado de 'imersão' em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como 'situação limite' que lhes parece intransponível (FREIRE, 2011, p. 54).

Assim, o uso do esporte de maneira impensada pode ajudar a reproduzir tais princípios. Sabe-se que no senso comum

o esporte é compreendido como uma atividade essencialmente positiva, pelos seus bons exemplos de superação, disciplina, rendimento cada vez maior, forjando certa aceitação desse processo como natural. Uma vez que se aceita a pirâmide esportiva, na qual um é vencedor perante a derrota de muitos, naturaliza-se a desigualdade, como se fosse “normal” haver apenas um vencedor. Não se questiona, nunca, porque todos não podem ser vencedores, como indica as análises de Brohm (1976).

## 6.5 O uso do esporte para as indústrias

Porém, ao longo do processo de industrialização, surgiram grandes inquietações desencadeando greves por parte dos operários. Diante das revoltas, a classe hegemônica passou a tomar atitudes com a finalidade de acabar com as greves, foram aos poucos incorporando métodos e alguns benefícios, a fim de educar e alienar o trabalhador, como por exemplo: níveis diferentes de salários: perspectiva de crescimento no interior da empresa, conforme a dedicação do trabalhador; vantagens como plano de saúde; associações atléticas da própria empresa.

E neste sentido que a hegemonia, além de expressar uma reforma econômica, assume às feições de uma reforma intelectual e moral, que se dá ao mesmo tempo pela força e pelo consenso. Justificasse desta forma, o controle da fábrica à vida pessoal do trabalhador, regulando seu lazer, seus costumes, sua prática sexual, suas condições físicas e psíquicas, que deverão ser compatíveis com as exigências de racionalização do processo produtivo (KUENZER, 2002, p. 52).

Bracht (2005, p. 15) questiona “Porque exatamente na Inglaterra ‘nasceu’ ou se desenvolve esta forma de cultura corporal de



movimento?”. Seria apenas coincidência que um dos esportes mais populares do mundo tenha surgido no mesmo país que protagonizou momentos decisivos na Revolução Industrial?

O que se tem publicado sobre a origem do futebol é que surgiu ou foi aperfeiçoado na Inglaterra e era inicialmente um esporte da elite, posteriormente, passou a ser praticado pelas classes operárias, surgindo em seguida à formação de times no interior das fábricas, ocorrendo competições com as demais. Embora existam indícios de outras atividades similares ao futebol na história, chama a atenção por que esse futebol, oriundo da Inglaterra, se tornou aquele que ganharia o mundo, conforme indica Gebara (2002).

Uma das explicações, sem dúvida, está na sua aproximação com o formato da sociedade capitalista que se firmava, não sendo coincidência, esse futebol ter sido forjado no mesmo local e contemporâneo à Revolução Industrial.

A burguesia industrial inglesa usou habilmente os princípios educativos do esporte para desenvolver junto à classe proletária valores como disciplina, hierarquia, rendimento. Assim, a regulamentação da prática esportiva dos trabalhadores atendeu aos interesses de doutrinação da burguesia, sob o pretexto da higienização e consequentemente da melhora da saúde (SIGOLI, 2004, p. 114).

Assim, o esporte acompanhou intimamente o desenvolvimento industrial que a Inglaterra passava naquele período, impulsionado pelas fábricas têxteis, e mediante sua força naval e ferroviária, espalhou por todo o globo a prática futebolística.

O crescimento do número de espectadores fez com que o esporte fosse utilizado como forma de alienação dos trabalhadores que aos sábados, após o expediente, dirigiam-se em massa aos estádios para assistir aos jogos das equipes de suas respectivas fábricas. As fábricas fun-

daram diversas equipes constituídas por seus operários. **A disputa esportiva entre as empresas gerou a idéia de fidelidade entre o trabalhador e a fábrica através dos laços de afetividade proporcionados pela tensão emocional provocada nos embates esportivos**<sup>18</sup>. A discussão esportiva desviava a mente dos trabalhadores de problemas empregatícios e de organizações sindicais. Os operários que se destacavam nas equipes esportivas recebiam benefícios, horários para treinar, dias de folga e bonificações (SIGOLI, 2004, p. 114-115).

Talvez, diante desse cenário, a classe hegemônica no Brasil, compreendendo o fenômeno ideológico que o esporte era capaz, por meio do exemplo que a Inglaterra vivenciava, passou então e com ajuda governamental (com suas inúmeras estratégias de explorar/incorporar o esporte na escola) a incentivar toda a massa populacional, realizando uma prática frenética do esporte principalmente nos ambientes escolares.

A ideologia trabalha no campo do imaginário, no sentido de criar explicações que mascarem o real, procurando impedir a percepção da historicidade, a compreensão do político, do social que não cessam de instituir-se a cada momento (CASTRO, 1997, p. 1).

O que facilitou o acesso e a divulgação desse esporte no Brasil, nas primeiras décadas de 1930, foi a aceitação da maioria dos professores de Educação Física, que adotaram o esporte como a moda do momento, pois vinham de uma ditadura do modelo imposto (modelo francês de ginástica), e passam então a trabalhar um conteúdo mais dinâmico, alegre, sedutor e novo para a grande maioria dos alunos, além do que possibilitava ao professor, e agora também técnico, uma chance de ascensão na carreira, caso obtivesse resultados positivos com sua equipe,

---

<sup>18</sup> Grifos nossos.

podendo surgir outras oportunidades de trabalho com remunerações salariais mais atrativas.

O esporte como fenômeno social passou a ser praticado pelos alunos, muito provavelmente sem uma ação reflexiva sobre suas origens e relações sociais. O que Bracht (2005) apontou nesse momento da história da Educação Física como sendo à base da pirâmide esportiva. Pois, o País, na ânsia da obtenção de bons resultados nos jogos internacionais, elege a escola como centro inicial de treinamento, na busca de novos talentos esportivos, tornando-se assim a escola o famoso “celeiro esportivo”.

## 6.6 O esporte, um instrumento alienador?

Não é objetivo, por meio deste texto, denunciarmos o esporte como uma ferramenta alienadora, conservadora e mantenedora do *status quo*, até porque nos faltaria meios e tempo para pôr em prova essa suposta tese, o que faria com que o trabalho fosse arquivado nas prateleiras das teorias do conspiracionismo.

Mas é possível levantar a hipótese de que pela maneira que o esporte veio a ser implantado e praticado no âmbito escolar, principalmente no período da ditadura militar, pode ter contribuído para uma inculcação ideológica, disciplinando, sistematizando, fragmentando e, por fim, colaborando como mais um instrumento de alienação utilizado pela classe dominante, afastando as mentes, em especial as da juventude, do envolvimento político em que o País vivenciava.

O prevalecer do entendimento de saúde em seu aspecto biofisiológico, tão somente, encontra eco na legislação esportiva brasileira, quando ela no inciso I do artigo 5º da Lei n. 6.251/75 – afirma ser um dos objetivos básicos da Política Nacional de Educação de Educação Física e Des-

portos o '[...] aprimoramento da aptidão física da população [...]'. externava-se, dessa forma, a caracterização de uma outra sua faceta, qual seja aquela voltada às questões afetas à '*performance* esportiva', simulacro na Educação Física, da ordem da produtividade, eficiência e eficácia inerentes ao modelo de sociedade com o qual brasileira encontra identificação (CASTELLANI FILHO, 1991, p. 85).

Para Gramsci (apud KUENZER, 1978, p. 50), "a hegemonia vem da fábrica", e é nesse entendimento que observamos a relação entre a fábrica e o esporte. Uma vez que na Revolução Industrial vivenciada pela Inglaterra, o esporte surge para o operário como meio de aliviar as tensões causadas ao longo de um árduo dia de trabalho, além de melhorar suas condições físicas, virtudes que agradavam o capital, pois possivelmente contribuiria para elevar seu desempenho na produção, e também desenvolvia o sentimento de afetividade do trabalhador pela fábrica, ao representá-la nos esportes.

É neste sentido que Gramsci [...] mostra como o capitalismo, no início do século, introduziu, pelo taylorismo, cujo fundamento é a heterogestão, uma forma de organização, relações técnicas e uma concepção de trabalho coerentes com os interesses hegemônicos da classe dominante, e como essa forma estrutural e superestrutural trabalhou no sentido da formação do tipo adequado de homem. A hegemonia vem da fábrica e toda relação hegemônica é uma relação pedagógica, devendo ser entendida não só como direção política, mas como direção moral e cultural (KUENZER, 2002, p. 15).

A constante busca pelo rendimento, pelo máximo de produtividade em um custo cada vez menor, fez com que surgisse na sociedade capitalista a racionalidade instrumental, que objetiva em função da obtenção de lucros, sobre a ideia de ordem, eficácia, resultado, performance, sistema, objetividade etc. (SILVA, 2011).

Então é possível observarmos que o incentivo governamental à prática desportiva teve suas razões, além de desmantelar possíveis mobilizações operárias, o esporte era visto como algo que deslocava o foco das atenções, alienando e descaracterizando as lutas operárias, ficando assim o esporte moderno conhecido como “ópio do povo”.

O que ficou bastante evidente foi à declaração da professora Maria Lenk, cedida em entrevista a Lino Castellani Filho (2013), onde uma das figuras mais marcantes da história da Educação Física relata do pouco (ou quase nada) envolvimento dos professores de Educação Física com o meio político, pois segundo a sua declaração, o esporte causa esse afastamento ou desinteresse pelo assunto.

Então havia a Confederação Brasileira de Desportos Universitários, CBDU, que existe até hoje, composta de associações de desporto de competição, existentes nas Universidades como departamentos dos diretórios acadêmicos, departamentos esses que não tinham nada com política. Então ocorria uma coisa interessante, *porque você também vai perceber que quem está ligado ao esporte raramente se interessa por política*. Eu mesma, se você me perguntar se sou a favor da ditadura ou da democracia, se sou a favor do regime x, y ou z, eu responderei que não me interessa pela forma política, eu me interesse é em saber o que eles já conseguiram fazer m função da Educação Física e do Desporto (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 172).

Para Bracht (2005), as relações entre o esporte e a ditadura militar estão intimamente ligadas, pois segundo ele, no entendimento dos militares que incentivaram o esporte amplamente, tinha-o como algo sem conhecimento, ao contrário da Arte, que provoca uma visão de mundo, algo contido de significado, que liberta. O esporte era limitado de significado de conteúdo, como foi também “interpretado por Adorno como a não liberdade,

pois impregnado da razão instrumental, expressão das relações coisificadas” (BRACHT, 2005, p. 74). Mesmo em uma nova estratégia no jogo, visando proporcionar melhores oportunidades para a vitória, não será entendido como novos significados, pois sua essência ainda é em virtude do objetivo da competição, ou seja, a melhora no rendimento.

## 6.7 E a história se repete...

Talvez seja exatamente isso que a classe dominante (opressora) procurou conseguir com o emprego do esporte na escola, o desinteresse pela política<sup>19</sup>, acalmando os ânimos da juventude. Mas é preciso estarmos atentos, pois se o esporte tem todo esse poder, cabe a nós professores de Educação Física modificarmos esse ideário.

O que podemos observar é que com a chegada dos megaeventos, a Educação Física escolar tempestivamente volta a ficar em evidência, bem como as políticas públicas de incentivo ao esporte na escola, do mesmo modo como ocorreu anos atrás, com a famosa sigla “EPT” (Esporte para Todos) onde eram incentivadas as caminhadas como meio de prática de atividade física, porém em outras situações eram reprimidas violentamente as caminhadas com cunho político (CASTELLANI FILHO, 2013, p. 91).

Se for verdade que a história se repete, o trecho de uma entrevista cedida durante a divulgação do “Programa Atleta na Escola” prova sem maiores discussões essa verdade, até parece um filme retratando o passado entre a ligação do Ministério do Esporte, o Ministério da Educação e não poderia faltar nessa química perfeita nosso saudoso Exército Brasileiro, com sua participação nem um pouco coadjuvante.

---

<sup>19</sup> O interesse na não politização da educação é constante, como se percebe atualmente por meio das ações pautadas pela ONG “Escola Sem Partido”, que tem acusado as escolas de fazerem uma “doutrinação Marxista”, dentro da qual seria ideológica, e, portanto, não ser ensinado na escola, as questões de direitos humanos como a liberdade de orientação sexual, entre outros temas.

A base permanente, onde cada sociedade busca atletas para alto rendimento, é na escola. Acho que essa experiência permite uma aproximação maior entre ministérios do Esporte e da Educação, que eu creio que deva ser o destino do esporte educacional no Brasil”, disse o ministro do Esporte, Aldo Rebelo. As duas pastas vão contar ainda com a cooperação do Ministério da Defesa que, em um primeiro momento, deverá abrir as portas de unidades militares para as competições (BRASIL, 2013, p. 1).

Como ocorreu nos anos de 1970, com a ditadura militar, hoje, a Educação Física novamente se torna palco desse cenário, muitos trabalhos já se têm publicado criticando essa responsabilidade da disciplina em formar atletas (BRACHT, 1992; DAOLIO, 1995; CASTELLANI FILHO, 2013).

É preciso que o professor da área esteja atento para essa nova e ao mesmo tempo velha moda de incentivo ao esporte, o professor precisa compreender claramente que o esporte de rendimento não tem nada de educacional ou de promotor de saúde.

Acreditamos que falar sobre legado dos megaeventos esportivos traduz para o País no “padrão Fifa” a exploração dos operários nas construções e reformas dos estádios, a alienação do proletariado que ainda, em nosso compreender, têm o esporte espetáculo como “ópio do povo”, assim como o carnaval. E não poderia deixar de citar o imenso acúmulo de riquezas pelas grandes empreiteiras, além das redes hoteleiras que estão “sorrendo à toa” com a chegada dos megaeventos esportivos.

## 6.8 Considerações finais

Neste artigo procuramos mostrar que, por meio de aspectos da história da Educação Física, é possível fazermos uma relação entre o esporte e a indústria, que o esporte de alto nível

empregado na escola pode contribuir para a alienação do povo, a fim de controlá-lo para a servidão nas fábricas. Buscamos relacionar também os megaeventos esportivos como meio de incentivar o desenvolvimento econômico, que o mais provável dos legados que os megaeventos podem trazer para o País, além de despertar o ufanismo do povo brasileiro é o enriquecimento absurdo dos grandes empresários, que estão por trás de todo esse acontecimento histórico.

É preciso compreender o esporte enquanto uma produção cultural, e como tal, em constante construção. Se outrora essa construção implicou em aproximar-se da cultura dominante, adequando-se aos princípios capitalistas, pode-se redirecionar para uma nova forma de sociabilidade, que desejamos seja para a construção de uma sociedade justa, igualitária, para todos. Para isso, é preciso compreender de que formas o esporte pode atuar na manutenção do *status quo*. Tornam-se necessárias então mais pesquisas, para que possamos avançar na compreensão desse fenômeno social, o esporte, e sua inserção nas aulas de Educação Física no contexto escolar.

## Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, Chancela editorial CBCE, 2001.
- BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e Educação Física. Campinas, Papyrus, 1997.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica de esporte**: uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Aprendizagem social e Educação Física**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BROHM, Jean-Marie. Sociologie politique du Sport. BERTHAUDE, G. e col. **Sport, culture et repression**. Paris: FM, 1976.
- CASTELLENIL FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 19. ed. Campinas, Papyrus, 2013.



CASTRO, C. "In corpore sano": os militares e a introdução da Educação Física no Brasil. **Antropolítica**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 61-78, 1997.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, F. M. C. História e Educação Física: um ensaio crítico. **VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"**. Unicamp - FE; Campinas. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/F/Francisco%20Mauri%20de%20Carvalho%20Freitas.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/F/Francisco%20Mauri%20de%20Carvalho%20Freitas.pdf)>. Acesso em: 3 ago. 2016.

GEBARA, A. História do Esporte - Novas Abordagens. In: PRONI, M.; LUCENA, R. **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e Introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MASCARENHAS, F. **Megaeventos esportivos e Educação Física**: alerta de tsunami. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39-67, jan./mar. 2012.

KUENZER, A, Z. **Pedagogia da fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVA, C. A. F. Expectativas da mídia sobre o legado das Olimpíadas de 2016: racionalidade instrumental e substantiva. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 939-957, out./dez. 2011.

SIGOLI, M. A: DE ROSE JR., D. A história do uso político do esporte. **R. Bras. Ciênc. e Mov.** 12(2): 111-119, 2004.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento**, Revista da Escola de Educação Física da UFRGS. v. 18, n. 4, out./ dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32108/23453>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.



## OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS COMO ELEMENTOS INSTIGADORES NA MUDANÇA DE PARADIGMAS RELACIONADOS À SAÚDE EM ESCOLARES

*Fabiana Leifeld<sup>20</sup>*

*Luciano de Lacerda Gurski<sup>21</sup>*

A educação consiste na base de formação das pessoas de uma sociedade, essa formação está vinculada aos conhecimentos e valores adquiridos ao longo da vida, portanto, a formação de um indivíduo depende também dos procedimentos educacionais adotados. A disciplina de Educação Física presente nas escolas brasileiras desempenha um papel complementar nesse processo, seus conteúdos e sua metodologia necessitam vincular-se à realidade do educando e aos acontecimentos da atualidade.

O Brasil celebrou recentemente três importantes megaeventos mundiais, a Copa do Mundo de Futebol 2014, Olimpíadas e as Paraolimpíadas, em 2016, que envolveram diversos setores da sociedade. A economia do País esteve envolvida, pois, investimentos financeiros foram destinados à infraestrutura (rees-

---

<sup>20</sup> Mestre em Educação (UEPG/PR), graduada em Licenciatura em Educação Física (UEPG/PR), especialista em Educação Física escolar (UGF/RJ). Atualmente é professora de Educação Física da rede municipal de ensino fundamental na cidade de Carambeí/PR. Atua como tutora on-line no curso EAD no Curso de Licenciatura de Educação Física oferecido (UEPG/PR). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

<sup>21</sup> Mestre em Educação (UEPG/PR), Especialista em Mídias Integradas na Educação (UFPR) e Educação e Inclusão (FIC/PR), professor da Rede Pública Estadual do Estado do Paraná e do Centro Universitário UNIBRASIL, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de professores (GEPEFE/UEPG/CNPq).

truturação urbana, construção de estádios e de alojamentos); a profissionais (aperfeiçoamento, aprendizagem de novos idiomas, contratação); à segurança (reforço e ampliação na segurança); ao transporte (ampliação dos transportes públicos); aumento da economia gerado pelo alto fluxo de turistas no País; em saúde (reforço, melhoramento, ampliação nas redes públicas de saúde, divulgação de atividades físicas para benefícios na saúde).

Analisando esse contexto, surge um questionamento: as mudanças que acontecerão para a realização dos megaeventos esportivos vão perdurar após os eventos, ou serão apenas para atender às exigências das comissões organizadoras (Fifa e Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e das Paraolimpíadas)? Questões que, no ambiente escolar, podem ser direcionadas para reflexões coletivas orientadas pelo professor, de forma que instigue nos educandos a criticidade e uma avaliação geral sobre os reflexos e as consequências que os megaeventos esportivos podem proporcionar no país sede.

Assim sendo, a escola pode contribuir para uma análise criteriosa sobre a realização dos megaeventos esportivos, neste estudo especificamente, a repercussão que tais megaeventos poderão propiciar para a área da saúde, entre eles os efeitos que estes poderão proporcionar para influenciar no estilo de vida das pessoas, contribuindo assim para a melhora na qualidade de vida dos educandos e da sociedade em geral.

## 7.1 A Educação Física na escola

No contexto escolar, a disciplina de Educação Física apresenta a característica da teoria e da prática, que trabalha com conteúdos relacionados à cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) ou cultura corporal de movimento (BRASIL,

1998). Embora não exista consenso quanto ao objeto de estudo dessa disciplina na escola, têm-se optado por definir os conhecimentos por ela tematizados em esporte, ginástica, dança, jogos, lutas (COLETIVO DE AUTORES, 1992; PARANÁ, 2008). A saúde não é um conteúdo, mas um tema que pode ser abordado em sua relação com os conhecimentos da Educação Física. Segundo o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998, p. 34), este seria um tema transversal, assim sendo:

A Educação Física dentro da sua especificidade deverá abordar os temas transversais, apontados como temas de urgência para o país como um todo, além de poder tratar outros relacionados às necessidades específicas de cada região. Sobre cada tema este documento traz algumas reflexões para serem tratadas pela área, com a intenção de ampliar o olhar sobre a prática cotidiana e, ao mesmo tempo, estimular a reflexão para a construção de novas formas de abordagem dos conteúdos.

### Quanto à saúde

As relações que se estabelecem entre o tema transversal Saúde e a Educação Física são quase que imediatas e automáticas ao considerar-se a proximidade dos objetos de conhecimento envolvidos e relevantes em ambas as abordagens (BRASIL, 1998, p. 36),

e ainda:

No entanto, como apontado de forma acertada e inequívoca no documento de Saúde, a mera informação tem se mostrado insuficiente para a alteração ou construção de comportamentos favoráveis à proteção e à promoção da saúde do educando, e cabe à Educação Física escolar a responsabilidade de lidar de forma específica com alguns aspectos relativos aos conhecimentos procedimentais, conceituais e atitudinais característicos da cultura corporal de movimento.

Para esse documento ainda, seria um dos objetivos da Educação Física escolar “conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” (BRASIL, 1998, p. 7).

Já para as Diretrizes Curriculares da Educação Básica Educação Física - DCE (PARANÁ, 2008), a saúde é tematizada na Educação Física como um elemento articulador:

Visando romper com a maneira tradicional como os conteúdos têm sido tratados na Educação Física, faz-se necessário integrar e interligar as práticas corporais de forma mais reflexiva e contextualizada, o que é possível por meio dos Elementos Articuladores. Tais elementos não podem ser entendidos como conteúdos paralelos, nem tampouco trabalhados apenas teoricamente e/ou de maneira isolada (PARANÁ, 2008, p. 53).

Embora sejam documentos diferentes, com propostas teóricas e políticas diferenciadas, ambos destacam que o tema saúde deve ser abordado e relacionado com os conhecimentos da Educação Física escolar, e que este e outros temas devem ser relacionados aos conhecimentos específicos da área, aumentando a compreensão e a relação que estes possuem com a sociedade de uma maneira geral.

Assim, os conhecimentos da Educação Física escolar podem interagir com outros assuntos, como política, ética, cidadania, caráter social, entre outros, que podem ser relevantes dependendo do contexto que impera em determinado momento, entre eles, a realização dos megaeventos esportivos que foram sediados no país.

A disciplina de Educação Física possui como compromisso o estímulo à aquisição de comportamentos favoráveis ao amparo e aperfeiçoamento de elementos para melhora do estilo de vida das

peças, inclusive no que se refere à saúde. Assim sendo, no processo pedagógico, utiliza-se como meio a cultura do movimento para atingir tais objetivos, pois seus componentes estão relacionados aos assuntos pertinentes à saúde e à qualidade de vida.

No sistema de ensino brasileiro, a Educação Física, em alguns casos, fica reduzida apenas à execução de exercícios físicos ou de algumas modalidades esportivas, geralmente desprovidas de objetivos e planejamento, com a ausência de uma metodologia de ensino fundamentada e sem adotar alguma forma de avaliação sensata, o que Darido (2005) denomina de uma abordagem recreacionista. Dessa forma, prevalece a Educação Física voltada apenas para a prática alienada, sem reflexão, sem relação com os acontecimentos atuais que emergem na sociedade, influenciando para determinar uma educação excludente e pouco expressiva nos conceitos para aquisição de qualidade de vida.

Permeando a história da Educação Física escolar, constata-se que a área teve diversas crises e conflitos de identidade profissional, que acabaram gerando a fragmentação nos objetivos da disciplina, originando algumas atuações profissionais distorcidas e sem fundamento. Por meio de estudos e conscientização profissional, questões foram fortalecidas sobre a complexidade das ações humanas vigentes no domínio dessa área tão ampla do conhecimento humano, consolidando a importância da Educação Física no contexto escolar, responsável em contribuir para formação de indivíduos críticos, participativos, autônomos e conscientes dos acontecimentos atuais.

Temas como saúde e qualidade de vida podem representar grandes aliados à disciplina, representando uma nova visão da Educação Física, tornando-a fator primordial na formação de indivíduos completos, desenvolvendo uma sociedade com uma melhor expectativa e qualidade de vida. Utilizar-se de questões pertinentes aos megaeventos esportivos nas aulas de Educação

Física condiz para uma ampliação de alternativas para o professor, com o propósito de inserir valores de incentivo aos hábitos saudáveis, além da reflexão sobre as consequências da execução de um megaevento esportivo no país para a população local.

Nesse novo aspecto, a Educação Física requer multi e interdisciplinaridade em suas atividades educacionais, para um trabalho holístico, retirando a visão de homem fragmentado, considerando os processos sociais, tecnológicos, culturais, econômicos e políticos. Nesse cenário, saúde e qualidade de vida aliadas às questões pertinentes aos megaeventos esportivos formam elementos essenciais na contribuição na formação dos educandos, ao serem abordados dentro do universo de conteúdos da Educação Física escolar.

## 7.2 Os megaeventos esportivos

O legado social dos megaeventos esportivos, para ser detectado, é baseado “no plano de desenvolvimento geral em longo prazo de uma cidade, onde se entende a infra-estrutura física” (Preuss apud RUBIO, 2007, p. 24). Todo megaevento esportivo requer estruturas específicas, as quais irão interferir, por um determinado período de tempo, de forma positiva ou negativa, na qualidade de uma localidade, sendo que um grupo específico de fatores de localidade a determina como uma área que poderá ser para “residências, indústrias, feiras, congressos, eventos e também como uma área para o turismo (Preuss apud RUBIO, 2007, p. 24).

O termo “megaeventos” para o senso comum geralmente segue associado às grandes competições esportivas, Hall (apud TAVARES, 2011, p. 17) resume o contexto do referido termo dizendo que a



[...] grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã.

Portanto, os megaeventos esportivos teoricamente proporcionam evolução, crescimento, divulgação, melhorias nas infraestruturas e nos serviços públicos, porém, na rotina da sociedade, surge um questionamento, será que esses fatores influenciarão positivamente nas vidas das pessoas, ou apenas favorecerão uma parcela pequena da sociedade?

A intenção seria que os megaeventos esportivos pudessem influenciar na prática de atividades físicas para a promoção da saúde, incentivar as crianças no âmbito escolar a apreciar e praticar esporte, entre outros. Estes seriam objetivos positivos em relação às grandes competições, porém, na prática, as circunstâncias geralmente são outras, os megaeventos beneficiam políticos, empresários e pessoas com grande poder aquisitivo.

Observam-se em discursos de autoridades governamentais os benefícios, principalmente da Copa do Mundo de Futebol 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, argumentos e previsões sobre a geração de empregos e renda, o aumento da indústria do turismo, a projeção internacional do país e da cidade e a melhoria da qualidade de vida da população. A dúvida consiste em, tais megaeventos esportivos realmente são benéficos à sociedade?

Outra questão relacionada à movimentação financeira do país no período da Copa do Mundo de Futebol 2014 consiste na exigência da Fifa (Federação Internacional de Futebol e Associados), que exigiu que cada estádio com um raio de 2 km fosse de uso exclusivo, ou seja, nenhum tipo de vendedor ambulante, ou qualquer outro tipo de serviço fosse fornecido nos arredores do estádio, ocorrendo a privatização de um espaço público (DOSSIÊ

DO COMITÊ POPULAR DA COPA E OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO, 2013, p. 38).

No âmbito escolar, a influência que os megaeventos esportivos podem proporcionar aos educandos poderá ser de cunho reflexivo, o professor, diante desse contexto, deve adotar uma postura que retrate um posicionamento político e contextualizado, com argumentos sólidos e concretos sobre o tema. Enfocando argumentos que levem à reflexão dos educandos em diversas questões que englobam a realização de um megaevento esportivo. Pois fatos e acontecimentos afirmam que a realização de um megaevento apenas reforça as questões de exclusão social, favorecendo empresas privatizadas e aumentando os gastos orçamentários do poder público.

Na afirmação de Figueiras (2008 apud TAVARES, 2011, p. 20), o relato de alguns pontos positivos na realização de um megaevento:

A realização com êxito dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos 2007 torna inequívocos os diversos benefícios que podiam ser alcançados e que deveriam ser revertidos para toda a sociedade na cidade sede, no Estado e no País. A infra-estrutura, o conhecimento, a tecnologia, entre outras áreas mobilizadas para a realização de um grande evento poderão potencialmente viabilizar o acesso de camadas significativas da população às políticas públicas em diversas áreas.

Reconhecer que os megaeventos esportivos podem estruturar possibilidades para uma cidade e, porque não dizer, para um país, é entender que há diversos conhecimentos que são adquiridos, os quais devem ser difundidos e articulados a esses acontecimentos. Os megaeventos esportivos podem ser um importante catalisador de melhorias no estilo de vida dos educandos e de toda uma sociedade, porém, um posicionamento crítico deve

estar sendo incentivado, principalmente em relação à prestação de contas dos investimentos que estão e estarão sendo realizados para a concretização desses eventos.

Tavares (2011, p. 27) elenca os impactos que os megaeventos esportivos podem proporcionar na saúde, a partir de uma revisão de literatura realizada pelo New Zealand Tourism Research Institute (2007):

- Existem evidências de que os sistemas de monitoramento e controle da saúde pública são criados ou ampliados durante os megaeventos;
- Não existem evidências de que os eventos geram aumento no nível de atividade física ou na participação esportiva;
- Existem dificuldades de estabelecer ligação entre um megaevento e a participação esportiva de massa. Existe a necessidade de mais pesquisas nesta área;
- Atividade física e participação esportiva não são provavelmente afetados a menos que o megaevento seja envolvido em uma estratégia de desenvolvimento de longo prazo. As organizações esportivas estão sempre despreparadas para capitalizar as oportunidades geradas pelo evento.

De modo mais específico, notou-se, porém, a inexistência de menções relativas a impactos na educação de um modo geral e na Educação Física escolar particularmente. Isso sugere que é dada pouca atenção na literatura internacional aos impactos educacionais (TAVARES, 2011).

Portanto, pode-se observar impactos e legados em pequena proporção dos megaeventos esportivos para a Educação Física escolar, para a apreciação e promoção de saúde. Cabendo aos profissionais da área instituir questões aos megaeventos em suas aulas, desenvolver projetos, atividades, leituras e reflexão de notícias

relacionadas ao tema para fomentar ideias, reflexões e discussões aos alunos, orientando-os para exercitar um comportamento de hábitos saudáveis e de questionamentos sobre as questões obscuras relacionadas à realização dos megaeventos esportivos e quem realmente serão os beneficiários desses eventos.

### 7.3 O esporte no contexto educacional

O esporte, também denominado por alguns autores de esporte moderno, tem sua origem pontuada na Inglaterra, no século XIX, sendo fruto da ascensão da burguesia ao poder e da Revolução Industrial, trazendo em sua prática valores próprios da sociedade capitalista que se firmavam (Bracht, 2005 apud MARQUEZ et al., 2008, p. 1).

De acordo com Bracht (2005), no princípio da evolução dos esportes, o objetivo consistia em racionalizar e institucionalizar os trabalhadores e a sociedade de um modo geral. Por meio dos jogos, foi criada uma identificação com o coletivo e com regras fixas, com o objetivo de domesticar por meio da ludicidade, com intuito de que a população se adequasse aos padrões de vida da civilização. Na origem do esporte moderno, houve a esportivização dos jogos praticados pelas massas populares, adotando um caráter competitivo, de racionalização, desvinculado do caráter lúdico inerente ao jogo.

De acordo com Huizinga (1980), o esporte altera a característica do jogo correspondente à espontaneidade, afirma ainda que o esporte tecniciza o jogo. O jogo apresenta uma essência ingênua e descomprometida com a seriedade e normas, o esporte já apresenta a característica da competição de seguir regras impostas e preestabelecidas, e em tempos remotos sua origem esteve associada à manipulação do Estado sobre os passos da

massa popular e controle das ideias.

O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica. Assim, o esporte deve ser analisado nos seus variados aspectos [...]. Sendo uma produção histórico-cultural, o esporte subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a ela inerentes (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 70).

No âmbito político, Bracht (2005) afirma que o esporte também exerceu influência, apresentando duas vertentes, uma no modelo corporativista (imposição das regras feitas pelo Estado), e outra no modelo neocorporativista (intervenção voluntária). Portanto, a princípio, o esporte apresentou basicamente valores políticos de manipulação de massa, sendo sua prática desprovida de questões relacionadas à melhoria da saúde e de qualidade de vida.

Em uma análise, ao longo do século XX, observa-se que o esporte esteve presente como conteúdo principal nas aulas de Educação Física, sendo que no processo de ensino e aprendizagem, contudo, houve certa distorção nos valores educacionais, reduzindo assim sua prática à performance técnica. Principalmente no momento da Tendência Tecnicista, os conteúdos da Educação Física escolar ficaram restritos à prática dos esportes, desprovidos de valores educacionais, sendo que o objetivo era a performance dos alunos e seu respectivo rendimento. Darido e Neto (2005) identificam que essa influência se apresenta mais forte na Educação Física brasileira nas décadas de 60 e 70 do século passado, período marcado pela ditadura militar. Só com o fim da ditadura militar e a saída de profissionais para cursar pós-graduação no exterior é que novas perspectivas para a Educação

Física escolar começaram a ser debatidas, embora, mesmo hoje, ainda existam muitos professores que atuam de forma que pode ser considerada tecnicista.

Kunz (1989 apud ASSIS, 2005, p. 19), ao analisar o que entendemos por esporte, identifica alguns princípios gerais presentes nos esportes:

*Princípio da sobrepujança:* idéia de que qualquer um, qualquer equipe, tem possibilidade de vencer em confrontos esportivos. Busca-se a vitória – o sobrepujar o adversário.

*Princípio das comparações objetivas:* chances iguais para todos nas disputas esportivas. Padronização dos espaços, dos locais de disputa e o desenvolvimento de normas e regras universais para os esportes etc. Condiciona-se a prática esportiva nesses locais, condicionando-se, também, as atividades do movimento, a um automatismo, a repetições mecânicas.

*Tendência de selecionamento:* selecionam-se os alunos pelas suas habilidades/inabilidades esportivas, utilizando-se também critérios de idade, sexo e biotipo físico.

*Tendência da especialização:* para se obter uma boa técnica esportiva e um alto grau de rendimento, reduz-se ao máximo o repertório de ofertas em relação às modalidades esportivas.

*Tendência da instrumentalização:* diz respeito aos acréscimos na performance, às regras a aos métodos que levam ao sucesso esportivo ou melhor rendimento.

Para Adorno (apud MEZZAROBA, 2006, p. 3) o esporte é ambíguo:

[...] seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado,

ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do fairplay, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.

O esporte pode contribuir no processo de formação dos alunos nas aulas de Educação Física, desde que trabalhado de maneira pedagógica, instrutiva e formativa, pode auxiliar a desenvolver um caráter de formação de valores, socializador, de conhecimento e de formação de caráter. Enquanto um fenômeno social e cultural, mesmo àqueles que não se interessam e não são imediatamente influenciados, torna-se necessário que seja estudado e compreendido em suas possibilidades e limitações. O esporte na perspectiva educacional pode proporcionar momentos de prazer e bem-estar; pode ser o elemento na socialização e inclusão de pessoas deficientes; pode adotar um papel articulador no processo de ensino e aprendizagem, desenvolvido por meio da interdisciplinaridade; pode executar um fator social de combate às drogas e más condutas; pode ser o agente responsável pela paz na escola, combatendo os altos índices de violência física e estrutural. Portanto, são inúmeras as possibilidades em que o esporte pode assumir papel formativo dentro do contexto escolar.

Percebe-se que na atual conjuntura dos fatos, o esporte já não representa uma atividade alienante, visto que muitas pessoas aproveitaram o cenário da Copa das Confederações de 2013, em que o mundo estava voltado para o País, para realizar manifestações, reivindicando o combate à corrupção, melhorias na saúde, educação, tarifas de transporte público, recusa à PEC 37<sup>22</sup>, enfim,

---

<sup>22</sup> Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, projeto legislativo brasileiro que se aprovado, o poder de investigação seria exclusivo das polícias federal e civil, retirando essa responsabilidade

cobrando uma posição dos políticos ante a tantos gastos visando à reforma de estádios de futebol, melhorias na urbanização para a Copa do Mundo de Futebol Fifa (2014). Foi uma atitude inusitada da população, uma vez que, esperava-se que as pessoas assumiriam o papel patriótico, vestindo a bandeira do País para acompanhar o evento futebolístico, já que os brasileiros são fascinados pelo futebol, mas a maioria agiu de forma antagônica, aproveitaram os holofotes do evento para deflagrar sua insatisfação, e utilizando-se das redes sociais, organizaram e realizaram as manifestações em todas as regiões do país.

## 7.4 Aspectos sobre a saúde

O conceito de saúde vem sofrendo alterações ao longo do tempo. Uma das definições mais atuais é a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), segundo a qual "Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças" (OMS, 1948).

A definição apresentada pela OMS (1948) inclui ainda aspectos de qualidade de vida, estado de saúde, estilo de vida, satisfação de vida e estado mental (FASSIO; ROLLERO; DE PICCOLI, 2012).

Saúde é, portanto, muito mais do que ausência de doenças, e se relaciona às condições de vida das pessoas. Ela também não é estável, é um estado a ser alcançado, mas numa condição mutável na qual ninguém ou nenhuma população estará completamente saudável ou ausente de doenças. Segundo a carta de Otawwa (OMS, 1986, s/p):

Para atingir um estado de completo bem-estar físico, men-



tal e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global.

Ainda, segundo a OMS, são pré-requisitos para a saúde:

As condições e os recursos fundamentais para a saúde são: Paz – Habitação – Educação – Alimentação – Renda – ecossistema estável – recursos sustentáveis – justiça social e equidade O incremento nas condições de saúde requer uma base sólida nestes pré-requisitos básicos (1986, s/p).

Muitas vezes, o conceito de saúde confunde-se com o de qualidade de vida. O conceito mais aceito sobre qualidade de vida é definido pela OMS (1986), em que descreve como sendo “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”, estando relacionado a aspectos individuais (saúde física e mental), interpessoais (relações sociais) e contextuais (ambiente) em que o indivíduo está inserido.

Na literatura, não existe consenso na forma de medir a qualidade de vida de uma população, por haver diversas definições para o termo, além de seu caráter multidisciplinar e subjetivo, sendo então direcionada a estudos específicos, como por exemplo, qualidade de vida relacionada à saúde (DANTAS; SAWADA; MALERBO, 2003).

Um fator determinante na ausência de qualidade de vida das pessoas corresponde à intensidade na realização de ativi-

dades físicas. Bevan e Reilly (2011) indicam que crianças em idade pré-escolar requerem, em média, 60 minutos de atividade física de intensidade moderada a intensa todos os dias para que haja um gasto energético satisfatório. Nos adultos, percebe-se que a prioridade em uma sociedade neoliberalista está voltada aos valores consumistas, em ocupar a maior parte do seu tempo com as questões profissionais, deixando o lazer, a alimentação e a família em um plano secundário, refletindo no comportamento das crianças (SLATER, 2002).

Vários estudos são realizados empenhados em orientar as práticas alimentares e físicas, com a tentativa de melhorar aspectos relacionados à saúde das pessoas (BELIK, DOMENE, 2012). Entretanto, as pessoas muitas vezes possuem consciência dos males que sua rotina despreocupada com os aspectos saudáveis proporciona, e continuam por comodismo, falta de interesse e falta de tempo. Em relação às crianças, observa-se que, já a partir dos dois anos de idade, elas são suficientemente desenvolvidas cognitivamente para aprender sobre boas escolhas tanto no âmbito alimentar quanto no que se refere aos exercícios físicos. Por isso, é importante que se utilize da curiosidade por novos conhecimentos que essa faixa etária apresenta para inserir noções de um estilo de vida saudável (BEVAN; REILLY, 2011).

Contudo, estudos conhecidos como epidemiologia crítica alertam para o discurso da culpabilização do indivíduo, ou seja, responsabiliza-se o indivíduo por condições que são externas à sua vontade. Em uma sociedade capitalista, na qual a força de trabalho é cada vez mais explorada, muitas pessoas dedicam suas energias às atividades produtivas, de forma que nos momentos de não trabalho acabam por escolher atividades que lhes poupem energia, pois esta precisa ser usada em sua máxima medida na atividade laboral.

Segundo Camponogara, Kirchof e Ramos (2008), o desen-

volvimento da promoção de saúde, como campo conceitual e de prática, auxilia na busca de explicações e respostas mais integradoras, pois este já corresponde a um conceito vinculado a valores como qualidade de vida, saúde, equidade, solidariedade, democracia, e também visa assegurar a igualdade de oportunidades para conhecimento e controle dos fatores determinantes da saúde e proporcionar capacitação das pessoas sobre ambientes favoráveis, habilidades para viver melhor e oportunidades para fazer escolhas mais saudáveis.

## **7.5 Articulação entre os megaeventos esportivos e a promoção de saúde no âmbito escolar**

Os megaeventos esportivos são fontes inesgotáveis de reprodução de valores culturais e de projeção da dinâmica social, podem ainda estimular de forma direta na evolução de infraestrutura física, sendo gerador econômico direto e indireto em diversos setores. Os megaeventos esportivos têm um forte potencial na divulgação de campanhas, marcas e ideias, influenciando pensamentos e comportamentos, principalmente dos adolescentes e jovens.

Percebe-se que há um cunho político e manipulador na organização dos megaeventos esportivos, descaracterizando seu real sentido. O objetivo principal seria o de democratizar o acesso à cultura do esporte de forma a promover a prática de atividades físicas; nas crianças e adolescentes estimular o desenvolvimento integral, como fator de formação de cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social.

Para a educação, os megaeventos esportivos podem estimular a articulação de assuntos relacionados aos benefícios da execução frequente de atividade física, gerando a relação com

os hábitos saudáveis que conseqüentemente proporcionam uma melhor performance física às práticas de esportes. Dentro do contexto educacional, o professor pode estar projetando seu discurso pedagógico com o objetivo de que o aprendizado esteja voltado à análise minuciosa dos megaeventos esportivos, estimulando os alunos a acompanharem os gastos por meio do Tribunal de Contas da União (TCU); instigar os questionamentos voltados às áreas de lazer para promoção de prática esportiva, que infelizmente, em alguns projetos de construção e ampliação de estádios, extinguiu áreas de lazer que eram frequentadas pelas comunidades locais.

Abordar nas aulas de Educação Física os megaeventos esportivos proporciona possibilidades de reflexões a partir de questões pertinentes aos aspectos atuais. Veiculando assuntos relacionados à saúde, analisando o treinamento dos atletas, dos métodos utilizados, realizando um questionamento sobre até que ponto a preparação dos atletas corresponde a algo saudável, pois os treinamentos exigem um grande esforço, horas de preparo de condicionamento físico. Elucidar os alunos sobre a prática que alguns atletas submetem seu organismo às drogas, para obter êxito a qualquer preço, resultando em conseqüências gravíssimas que serão refletidas em seu corpo com o passar dos anos e em curto prazo, provavelmente, a desclassificação e eliminação de provas e competições. Essas questões podem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física, proporcionando reflexões, críticas e apontamentos sobre o esporte espetáculo e sua comercialização.

No aspecto de divulgação dos esportes por meio dos megaeventos, podem ser trabalhadas as questões pertinentes aos efeitos dos esportes para a sociedade. Analisar as questões, avaliar se essa divulgação proporciona maior consciência nas pessoas para a realização de atividades físicas em prol dos benefícios para sua respectiva saúde e mudança de paradigmas. Proporcionar um melhor entendimento dos alunos sobre os esportes

para que ocorra a apreciação deste, incentivando dessa forma sua execução, pois quando as pessoas entendem uma determinada questão, evento ou situação, podem participar de uma melhor maneira e com maior criticidade.

No domínio educacional, dada sua abrangência, o esporte corresponde a um partidário primordial para efetivar ações voltadas ao fomento de saúde, promovendo a capacidade de discernimento para decisões favoráveis à sua saúde, tornando as pessoas capazes de criar ambientes saudáveis para o incremento de qualidade de vida, pautada no respeito na construção de uma cultura da saúde. Para isso, exige-se um investimento na formação e qualificação dos docentes para impulsionar as ideias da adoção de hábitos saudáveis.

No exercício da docência, utilizando os megaeventos esportivos nas aulas de Educação Física, o professor poderá proporcionar a construção de atitudes voltadas para melhoria do estilo de vida, a consciência da importância da prática de atividades físicas para melhoria na saúde. Desde que orientada com argumentos plausíveis, argumentando juntamente com os educandos sobre o reflexo da execução que os megaeventos esportivos podem proporcionar à sociedade na questão da saúde, sendo: promover a aquisição de hábitos alimentares saudáveis, por meio da análise do desempenho físico dos atletas participantes dos eventos, das vantagens e benefícios ao adquirir uma alimentação balanceada, evitando os produtos industrializados os quais serão comercializados nos estádios; possibilitar reflexões sobre as consequências da ingestão dos alimentos *fast-food*, tão populares para as crianças e jovens, elucidar as quantidades exorbitantes de gordura presentes nesses lanches e os efeitos no corpo humano; promover programas que incentivem às práticas alimentares mais saudáveis, como o consumo de frutas, verduras, legumes e a diminuição na ingestão de açúcares e gorduras.

Portanto, abordar sobre os megaeventos esportivos no contexto escolar pode ser uma ferramenta relevante, que poderá influenciar e estimular a atenção dos jovens, possibilitando a inserção de valores, despertando-os para boas condutas e práticas saudáveis, visando à melhoria no estilo de vida, de forma imediata, influenciando os hábitos de seus familiares em longo prazo, construindo uma sociedade consciente e preocupada com seus hábitos de vida.

## 7.6 Considerações finais

A realização de megaeventos esportivos em um país gera assuntos polêmicos e proporciona investimentos financeiros em diversos setores. No contexto escolar, mais precisamente na disciplina de Educação Física, esses assuntos podem ser contestados e analisados criticamente, o incremento de ideias que favorecem a prática de atividades físicas. Um trabalho pedagógico voltado para os megaeventos esportivos pode ser desenvolvido nas aulas de Educação Física, entre as inúmeras possibilidades, apontam-se as seguintes: abordar a história ao longo dos tempos; o cunho político que o evento tem e exerce na sociedade; as modalidades esportivas, suas regras, os principais atletas; a adaptação de regras dos esportes para que as pessoas possam praticá-los nos momentos de lazer, entre outros. Enfim, o professor de Educação Física pode proporcionar inúmeras abordagens sobre os megaeventos esportivos na escola, considerando o contexto e a realidade da comunidade.

A possibilidade que os megaeventos esportivos oferecem em relação à promoção da saúde para os escolares é possibilitada a partir de uma prática pedagógica consciente e contextualizada, partindo da realidade dos educandos, relacionando os fatos atuais

com os conteúdos da disciplina, proporcionando assim uma melhor assimilação dos conhecimentos e a capacidade de criticidade.

O País presenciou momentos de contestação e insatisfação da população, mobilizada e motivada pelos altos gastos financeiros providos do orçamento público na realização dos megaeventos esportivos. Há carência em diversos setores que afligem a sociedade em geral, porém o legado adquirido diante da realização dos megaeventos esportivos no País pode ser uma possibilidade para o avanço em diversos setores da sociedade, além de apresentar-se como fonte promotora da saúde, incentivando a prática esportiva e de atividades físicas desenvolvidas no ambiente escolar, a partir do trabalho pedagógico do professor de Educação Física nos espaços escolares.

O desafio respalda-se no equilíbrio dessas questões, repudiar a exclusão social com o provir dos megaeventos esportivos, aproveitar essa oportunidade para exigir de políticos que a mesma qualidade direcionada aos esforços para a realização de um megaevento esportivo no País seja atribuída aos segmentos de serviços públicos como educação, saúde, segurança e moradia para a população. Questões estas que podem ser trabalhadas nas escolas, com o objetivo de formar indivíduos conscientes e responsáveis, os quais serão capazes de discernir de forma crítica sobre temas, assuntos, bem como lutar pelos interesses comuns que beneficiem a maioria, na busca de um mundo mais justo e igualitário.

## Referências

BELIK, W.; DOMENE, S. M. A. Experiências de programas combinados de alimentação escolar e desenvolvimento local em São Paulo - Brasil. **Revista Agroalimentaria**, v. 18, n. 34, p. 57-72, 2012.

BEVAN, A. L.; REILLY, S. M. Mothers' efforts to promote healthy nutrition and physical activity for their preschool children. **Journal of Pediatrics Nursing**, v. 26, p. 395-403, 2011.

- BRACHT V. **Sociologia crítica do esporte** - Uma introdução. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CAMPONOVARA, S.; KIRCHHOF, A.; RAMOS, F. Perspectivas para a qualidade de vida e a promoção da saúde no contexto da sociedade de risco. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 7, n. 4, p. 551-557, 2008.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- COMITÊ POPULAR RIO DA COPA E DAS OLÍMPIADAS. **Dossiê: megaeventos e as violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro**. 2011.
- DANTAS, R. A. S.; SAWADA, N. O.; MALERBO, M. B. Pesquisas sobre qualidade de vida: revisão da produção científica das universidades públicas do estado de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 4, p. 532-538, 2003.
- FASSIO, O.; ROLLERO, C.; DE PICCOLI, N. Health, quality of life and population density: a preliminary study on "contextualized" quality of life. **Social Indicators Research**, v. 110, p. 479-488, 2012.
- HUIZINGA J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Educação Física**. Curitiba: Seed/PR, 2008.
- PREUSS, H. Aspectos sociais dos Megaeventos Esportivos. In: RUBIO, K. (Org.). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 13-35.
- RUBIO, K. O legado educativo dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, EEFÉ-USP, ano XXI, n. 32/33, p. 71-88, jun./dez., 2009.
- SLATER, D. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.
- TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 11-35, jul./set. 2011.
- TUBINO, M. **Estudo brasileiro do esporte-ênfase no esporte educação**. Maringá: UEM, 2010.



## CULTO AO CORPO E AS INFLUÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: MÍDIA E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

*Daiane Grando*<sup>23</sup>

*Marcelo José Taques*<sup>24</sup>

*Mariana Aparecida Ferreira de Camargo*<sup>25</sup>

O esporte como fenômeno da modernidade vem sendo uma ampla ferramenta de debates e discussões sobre várias temáticas, por se tratar de um assunto muito relevante e fazer parte da cultura de adolescentes e jovens nas práticas sociais nas quais estão inseridos. Nesse processo, o culto ao corpo tem sido um fenômeno bastante relevante na atualidade, sendo que a exacerbada valorização por um “corpo perfeito” movimenta um consumo bastante acentuado por suplementos, produtos ligados à aquisição da performance e da melhor forma física. A mídia e os meios de comunicação em muitos momentos estimulam o consumismo por meios da supervalorização de modelos pré-definidos

---

<sup>23</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), docente do Departamento de Educação Física da Faculdade Guairacá (Guarapuava-PR), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

<sup>24</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), docente do Departamento de Educação Física da Faculdade Guairacá (Guarapuava-PR), pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq). E-mail: taques18@yahoo.com.br.

<sup>25</sup> Especialista em Exercício Físico Aplicado a Reabilitação Cardíaca e a Populações Especiais (UGF/RJ). Graduada em Licenciatura em Educação Física (Universidade São Francisco). É professora concursada no Município de Bragança Paulista e na Secretária de Educação do Estado de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq).

de corpo. Essa caracterização representa certa ideologia, a qual define os sentidos e os significados de uma sociedade pautada no consumismo exacerbado e nos preceitos da mercadorização.

No que tange aos megaeventos esportivos, consideramos que o atual momento em que o esporte se apresenta pode ser uma etapa significativa para debates e discussões relacionadas ao corpo no contexto da escola, já que neste artigo, de acordo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica Educação Física (PARANÁ, 2008, p. 54), nos reportamos à temática corpo,

[...] entendido em sua totalidade, ou seja, o ser humano é o seu corpo, que sente, pensa e age. Os aspectos subjetivos de valorização – ou não – do corpo devem ser analisados sob uma perspectiva crítica da construção hegemônica do referencial de beleza e saúde, veiculado por mecanismos mercadológicos e midiáticos, os quais fazem do corpo uma ferramenta produtiva e um objeto de consumo.

A proposta em debate nesse artigo remete à Educação Física na escola pensar em possibilidades de intervenção que possam contribuir para o debate referente aos significados que o corpo evoca na sociedade, no intuito de desvendar concepções simplórias sobre a temática em tese.

Vale ressaltarmos que as discussões aqui estabelecidas estão articuladas à questão esportiva por tratarem dos megaeventos esportivos, considerado um momento *sui generis* em nosso cenário nacional, no entanto, essa prática de compreender o fenômeno corpo em sua totalidade é uma tarefa que deve ser atribuída a todos os saberes que foram historicamente construídos pela humanidade e que se caracterizam como estruturas concretas no contexto da Educação Física escolar consolidada como uma prática pedagógica.

## 8.1 Megaeventos esportivos e mídia: interfaces para o debate sobre o corpo

No cenário contemporâneo no qual o esporte se apresenta como fenômeno polissêmico, a discussão entre os megaeventos esportivos e a questão midiática é um tema que vem sendo abordado por vários pesquisadores, no desígnio de apresentar no escopo do debate as suas influências e os subsídios em relação ao corpo.

Como sabemos, estamos no contexto dos megaeventos esportivos, conceituado por muitos como grandes competições esportivas. No entanto, por meio de outra ótica, ele é apresentado como sendo de “curta duração, porém de preparação longa e por vezes intermitente, sempre operando em escala de milhões de participantes” (DACOSTA; MIRAGAYA, 2008, p. 36).

No entanto, mais do que uma questão de conceitos, são eventos que deixam de ter apenas o foco da prática esportiva e das competições e passam a disputar por relações de poder e a movimentar lucros, inclusive em outros setores, como o turismo, o comércio, transporte, entre outros, sendo a mídia uma interface muito acentuada nesse processo e elemento principal na constituição e compreensão sobre o esporte e o corpo.

Nessa linha de análise, corroboramos com os estudos de Bornhausen et. al. (2012), que afirmam que nos megaeventos esportivos, o esporte deixa de ser prioridade para constituir-se em um fenômeno variado de imagens que são destaques nas mais variadas fontes de comunicação (mídia, internet, produtos impressos, entre outros). Há uma acentuada produção de imagens apresentadas por estes, que se relacionam não mais com os fatores essenciais do evento, ou seja, atletas, espaços e/ou disputas, mas com um paradigma que visa à supervalorização da imagem (corpo, objeto e consumo) em detrimento dos fatores essenciais do evento. Os refe-

ridos autores acrescentam ainda que os megaeventos esportivos são espetáculos de acentuado poder de reunir telespectadores de várias práticas sociais, com possibilidades de expor seus costumes e hábitos articulados a sua cultura. Devido a esses fatores, grandes investimentos são internalizados e a exacerbada busca pelo capital econômico acaba sendo um dos grandes propósitos de alguns agentes que organizam e regem o evento.

Os esportes apresentados nos meios de comunicação social representam um sistema complexo de produção de imagens e símbolos sociais extremamente úteis e importantes para o mercado e para os interesses públicos e privados.

Sob a égide de propósitos distintos, corroboramos com Sarmiento et al. (2011), que afirmam que no megaevento o legado esportivo é comumente deixado de lado, tendo como foco principal a economia, em detrimento de aspectos pedagógicos e educativos do esporte, sendo que essa perspectiva em muitos momentos, ao menos é divulgada. A mídia, muitas vezes, ao destacar algumas notícias, selecionadas de acordo com os próprios interesses, impede a veiculação de outros temas relevantes, restringindo de certa forma a criticidade e a reflexão, em muitos momentos abordados na relação esporte - educação.

Em análise sobre a mídia televisiva, Bourdieu (1997) relata que esta é responsável pela criação do esporte espetáculo, tornando-o produto a ser consumido de forma imediata ou por mediação. O referido autor afirma que a televisão e a mídia transformam as notícias que propiciam, de forma que melhor atenda seus anseios e de seus colaboradores. Para Bourdieu (1997), uma característica interessante é que a televisão induz opiniões e comportamentos, mercadorias e ideias, com o objetivo de influenciar a realidade e o imaginário de indivíduos e coletividades e, para sua representação, selecionam esportes e atletas de maior repercussão perante os telespectadores.

No campo da cultura corporal, a atuação midiática é crescente e significativa na aquisição de novos sentidos e modalidades de entretenimento e consumo. Com o avanço da globalização, as notícias nos apresentam o esporte como negócio rentável, o que intensifica o interesse internacional em sediar os grandes eventos esportivos (BIANCO, 2010).

Os esportes, as ginásticas, as danças e as lutas tornam-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como imagens) e objetos de conhecimento e informações amplamente divulgados ao grande público. É evidente que, na mídia, existe uma participação especial do esporte como notícia, transmissão de eventos ao vivo ou simplesmente como temática, por exemplo, na publicidade (BRASIL, 1998).

Dessa forma, a Educação Física na escola pode ser representativa e empenhada em desmistificar alguns estereótipos e compreensões equivocadas referente ao corpo. Os megaeventos esportivos e a interface midiática podem ser saberes relevantes como fontes de reflexões durante o trabalho pedagógico no contexto da escola, os quais, por suas especificidades, são indispensáveis para a formação crítica e criativa dos alunos referente à questão do corpo em nossa sociedade. Nessa perspectiva, consideramos pertinentes, as afirmações de Silva (2001, p. 86), que destaca:

Os cuidados com o corpo vão se tornando uma exigência na Modernidade, e implicam a convergência de uma série de elementos: as tecnologias para tanto vão se desenvolvendo de maneira acelerada; o mercado dos produtos e serviços voltados para o corpo vai se expandindo; a higiene que fundamentava esses cuidados vai sendo substituída pelos prazeres do 'corpo'; a implicação lógica do processo de secularização com a identificação da personalidade dos indivíduos com sua aparência. Por todas essas circunstâncias, o cuidado com o corpo transforma-se numa ditadura do corpo, um corpo que

corresponde à expectativa desse tempo, um corpo que seja trabalhado arduamente e do qual, os vestígios de naturalidade sejam eliminados.

Essas considerações são pertinentes e nos sinalizam a importância de abordar a temática de forma transformadora, por meio dos saberes inerentes à comunidade acadêmica da área e em especial ao esporte, nesse contexto de debates e olhares sobre esse fenômeno, durante a considerada década do esporte.

Segundo Vaz e Bassani (2013), eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, são de grande interesse comercial, em que o esporte, como um todo, somente apresenta o sentido que possui por causa de sua importância econômica e política como espetáculo de consumo. A mídia impressa e televisiva é, nesse sentido, componente determinante do campo esportivo. A imprensa, além de noticiar o esporte, divulga-o como fenômeno e espetáculo, contudo, o fenômeno isenta a dimensão imaterial de um legado que, para além do desgaste das estruturas físicas, perpetua-se na memória e cultura de um povo. Em outros momentos, a influência midiática acaba difundindo estereótipos e promovendo o culto ao corpo, enaltecendo ideais de que para serem aceitos pela sociedade, os sujeitos devem se enquadrar nos padrões preestabelecidos.

Nesse mesmo formato, Bourdieu (apud DAMO, 2011) define uma nova concepção de mercado, que engloba a comunicação, a mídia e o consumo. O mercado esportivo, em especial o futebolístico, oferta várias mercadorias, são diversos equipamentos esportivos, não sendo necessário ordená-los aos diferentes bens disponíveis, pois os próprios jogadores são responsáveis pela divulgação dos mesmos.

Por meio dessas interfaces sociais, buscamos uma reflexão sobre o corpo, estabelecendo, inclusive, uma análise sobre as concepções de corpo que foram constituídas durante todo o processo

histórico da Educação Física até o debate sobre as perspectivas e tendências contemporâneas que tratam sob essa temática.

## 8.2 Culto ao corpo x mídia

Os apelos contemporâneos para que os sujeitos alterem suas características em busca dos padrões midiáticos projetam os indivíduos no culto ao corpo. Cuidar de si mesmo é um hábito cotidiano. A veiculação excessiva de padrões físicos, produtos e métodos para sua aquisição, movimenta significativamente a economia e multidões associadas a exemplos de sucesso com juventude, beleza e prazeres.

Segundo Dantas (2011), a tecnologia desenvolvida na ciência e os valores sentidos e produzidos na sociedade são responsáveis pela construção do corpo. A indústria do culto ao corpo orienta os métodos a serem seguidos para a conquista do corpo perfeito, e assim atender à exigência da sociedade.

A mídia tem um relevante papel na construção dos ideais e valores do senso comum, que necessitam ser analisados e instigados. Os meios de comunicação veiculam ou produzem notícias, representações e expectativas nos indivíduos com propagandas, informações e noticiários dialéticos. Em igual proporção, estimulam o uso de produtos dietéticos, práticas alimentares saudáveis e de exercícios e instigam os espectadores ao consumo de produtos industrializados, calóricos e gordurosos.

As empresas midiáticas integram um contexto empresarial e um sistema de crenças no qual há uma estreita relação entre uma suposta verdade biomédica e um desejo social e individual: o corpo seria uma espécie de campo de luta que envolve diferentes saberes, práticas e o imaginário social (GOETZ; CAMARGO; BERTOLDO; JUSTO,

O mercado estimula o consumo de dietas, exercícios físicos, tratamento de beleza e cirurgias plásticas para a aquisição do padrão de beleza predominante no contexto social, o qual é associado à juventude, beleza e saúde e agrega a ideologia de um corpo portador de medidas ideais: magro, belo e jovem. A mídia e a publicidade, juntamente com a indústria da corporatria, estimulam e enaltecem a cultura do culto ao corpo na sociedade contemporânea. Cirurgias plásticas, academias de ginástica, alimentos *light/diet* e cosméticos são recursos para a aquisição do tão valorizado “corpo perfeito”, utilizado como instrumento de socialização, competição e poder (KNOPP, 2008; BETTI, 2004; CASTRO, 2010).

Betti (2004) questiona se toda a publicidade envolvendo o corpo e a atividade física conduzirá à prática de exercícios, ou apenas estimulará ao consumo de imagens e informações, mantendo o sedentarismo.

Fonte de economia e entretenimento, o esporte espetáculo organizado pela mídia possui papel fundamental na veiculação de propaganda e *marketing*, assim como na criação de mitos e conceitos (BIANCO, 2010). A mídia é fortemente responsável pela distorção dos conceitos corporais de beleza e feiura, inúmeros programas de televisão divulgam homens e mulheres com corpos musculosos e culturalmente considerados “perfeitos” pela contemporaneidade e sociedade capitalista. São diversos os produtos comercializados para aquisição do corpo propagado, entre eles: redutores de peso, medicamentos para a redução do apetite, esteroides anabolizantes; basta querer e poder. A contemporaneidade propaga o capitalismo exacerbado, tudo é comercializado, inclusive o corpo (CRUZ et al., 2008).

O corpo tornou-se um objeto com valor de troca: produto



social e cultural. O indivíduo com o corpo bem cuidado pode obter melhor performance e aceitação social, tornando a pessoa mais aceitável pela sociedade, porém aqueles que não obtêm o mesmo padrão de corpo podem não possuir as mesmas oportunidades (Castro, 2003 apud KNOPP, 2008).

Caracterizada como consumo cultural, a temática sobre o corpo percorre diversos setores, classes sociais e faixas etárias, baseada em ideais que por vezes focam em questões estéticas, e por outras, na busca da saúde. Sendo diversificada a maneira como perpassa entre os diferentes grupos (CASTRO, 2010). O corpo na atualidade é moldado, ampliado e até mesmo recriado para atender aos padrões adequados ao cenário atual. Uma análise em que o ponto inicial é dado pela ideia de que o contexto cultural apropria-se do corpo biológico para agregar os padrões sociais e transformá-lo em corpo "cultural". A publicidade e o consumo parecem ser responsáveis no culto ao corpo. Diariamente, ditam tendências e métodos acerca da temática corporal e tornam o corpo um objeto passível de consumo. Caracterizando-se uma manifestação cultural e forma de consumo da atualidade (DANTAS, 2011).

Castro (1998), ao questionar o motivo que leva as sociedades contemporâneas a intensificarem a preocupação com o corpo e colocá-la como um dos elementos essenciais na vida das pessoas, justifica, que primeiramente, essa intensificação está ligada à história, que pode ser entendida como as imagens sociais do corpo, o espelho de uma determinada época. Pois a existência de métodos, técnicas de manipulação e cuidados com o corpo não é exclusividade das sociedades atuais; elas existiram em outras épocas e culturas.

## 8.3 Considerações finais

A mídia desempenha um papel essencial na influência dos padrões de beleza e corpolatria, apropriando-se de eventos e fenômenos esportivos tão conceituados e mundialmente divulgados pelo *marketing* esportivo. Eventos que cada vez mais têm se apropriado de atletas para divulgar seus objetivos, dentre eles o culto ao corpo. Porém, no momento em que o fenômeno esporte torna-se fortemente divulgado e almejado, no objetivo e fim dos telespectadores, perde-se o controle do próprio corpo e também o respeito por ele.

Contudo, é necessário que saibamos distinguir entre o que nos é cabível dentro de nossa individualidade e biologiação, e os artefatos da mídia e da indústria do corpo. Somente dessa forma, com criticidade e cautela, **não seremos escravos da contemporaneidade e apreciaremos os esportes e os megaeventos esportivos** com sabedoria e discernimento, apreciando a prática esportiva, e não apenas os produtos, as imagens e o consumo atrelados a elas.

Portanto, cabe também aos educadores e profissionais envolvidos conscientizar seus alunos a respeito do fenômeno esporte, a fim de que se preserve acima dos apelos midiáticos a individualidade de cada um deles.

## Referências

BETTI M. Corpo, cultura, mídias e Educação Física: novas relações no mundo contemporâneo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 10, n. 79, diciembre, 2004.

BIANCO, V. L. O. **O legado dos megaeventos esportivos em questão: as mudanças ou as continuidades na cidade Rio de Janeiro pós-sede**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão** - seguido da influência do jornalismo e dos jogos olímpicos. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BORNHAUSEN, D. A.; MIKLOS, J; SILVA, M. R. (Orgs.). **CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia**. São José do Rio Preto: Bluecom Comunicação, 2012.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental/MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física (Ensino Fundamental)** Brasília: MEC, 1998.
- CASTRO, A. L. Culto ao corpo, modernidade e mídia. **Lecturas Educación Física y Deportes**, año 3, n. 9, Buenos Aires, marzo, 1998.
- CASTRO, A. L. Indústria da beleza: uma abordagem socioantropológica do culto ao corpo na cultura contemporânea. **Latitude**, v. 4, n. 1, p. 54-73, 2010.
- CRUZ, P. P.; N., G; PARDO, E. R; OREQUES, F. Culto ao corpo: as influências da mídia contemporânea marcando a juventude. In: **Fazendo gênero 8 – Corpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008.
- DA COSTA, L.; MIRAYAGA, A. Estado da Arte do Conhecimento sobre Legados de Megaeventos Esportivos no Exterior e no Brasil. In: **Legados dos Megaeventos esportivos**. Brasília, Ministério dos Esportes, 2008.
- DAMO, A. S. **Produção e consumo de megaeventos esportivos** – apontamentos em perspectiva antropológica comunicação, mídia e consumo. São Paulo, ano 8, v. 8, n. 21, p. 67-92, mar. 2011.
- DANTAS, J. B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 11 n. 3, Rio de Janeiro, 2011.
- GOETZ, E. R.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B.; JUSTO, A. M. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, 20 (2): p. 226-236, 2008.
- KNOPP, G. C. A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. **IV ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA.
- SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Florianópolis: UFSC, 2001.
- SARMENTO, J. P.; PINTO, A.; COSTA, C. P.; SILVA, C. A. F. O evento desportivo como factor de desenvolvimento. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 1, n. 1, p. 1-14 jan./jun. 2011.
- VAZ, A. F.; BASSANI, J. J. Esporte, sociedade, educação: Megaeventos Esportivos e Educação Física Escolar. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **Impulso**, Piracicaba, 23(56), p. 87-98, jan./abr. 2013.



## A ABORDAGEM DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DIANTE DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

*Ademir Testa Junior<sup>26</sup>*

*Silvia Christina de Oliveira Madrid<sup>27</sup>*

A Educação Física escolar atravessou épocas de grande influência da prática esportiva. Naquele contexto, as aulas de Educação Física estavam fortemente inclinadas ao aperfeiçoamento das capacidades técnicas e táticas das crianças e jovens em determinadas modalidades esportivas. Era muito comum o estabelecimento da relação de professor técnico e aluno atleta em processos de especialização precoce, sendo a exclusão referência do nível de habilidade motora e física de cada aluno. É possível identificarmos que tais peculiaridades do trato do esporte nas aulas de Educação Física escolar ainda persistem impregnadas nas práticas pedagógicas atuais.

As considerações aqui abalizadas não pretendem remontar a crítica e a negação do esporte como conteúdo das aulas de Edu-

---

<sup>26</sup> Doutorando em Ciências do Movimento Humano (Unimep/SP), mestre em Educação (USAL/AR), docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física das Faculdades Integradas Padre Albino - Catanduva/SP, docente e coordenador do curso de Bacharelado em Educação Física das Faculdades Integradas de Jaú/SP.

<sup>27</sup> Pós-doutora em Educação Física (UFSC/SC), doutora em Ciência da Atividade Física e do Esporte (Unileon/ES), docente no Curso de Licenciatura em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR), coordenadora de curso e docente no Ensino a distância (EaD) da UEPG (PR). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Formação de Professores (Gepefe/UEPG/CNPq- [www.gepefe.com](http://www.gepefe.com)).

cação Física, mas sim apontar para a necessidade da resignificação do esporte enquanto conhecimento no contexto da escola.

## 9.1 Educação Física escolar: o esporte enquanto conhecimento

O esporte é um dos maiores fenômenos sociais dos dias de hoje. No século XX, expandiu-se pelo mundo, enquanto prática, veiculado pelos meios de comunicação, sendo reconhecido e manifestado no âmbito educacional, do lazer e do rendimento. Essas manifestações estão inter-relacionadas, cada qual influencia no desenvolvimento e na veiculação do esporte nos diferentes contextos em que ele é vivenciado pelas pessoas, conforme interesses, necessidades e objetivos pelos quais é praticado.

O esporte é um dos conteúdos da Educação Física escolar, assim como o jogo, as atividades rítmicas e expressivas, a ginástica, as lutas, os conhecimentos sobre o corpo (BRASIL, 1998). As Diretrizes Curriculares da Educação Básica Educação Física – DCE (PARANÁ, 2008) apontam como conteúdos da Educação Física escolar o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas. Vários pesquisadores evidenciam em seus estudos o esporte como o conteúdo desenvolvido de forma predominante nas aulas de Educação Física (BETTI, 1991; MOREIRA, 1992, 2000; KUNZ, 1994; FINCK, 1995, 2010; BRACHT, 1992).

Segundo Neira e Nunes (2009), o esporte é parte que integra o corpo de conhecimentos da Educação Física escolar. Assim sendo, o esporte deve ser reconhecido como objeto de estudo a ser abordado pedagogicamente nas aulas de Educação Física, a partir da sua análise numa perspectiva complexa, bem como dos elementos a ele vinculados.

Os diferentes conteúdos abordados na escola, entre eles o esporte, estão fortemente regulados por diferentes fatores, tais como as percepções do professor sobre o objeto de estudo, as culturas dominantes locais, os objetivos educacionais estabelecidos na escola, entre outros. Para Neira e Nunes (2009), a construção curricular da Educação Física passou por diferentes etapas ao longo da sua história, das quais uma é considerada moderna, e outra, pós-moderna.

De acordo com Neira e Nunes (2009), um currículo moderno constitui-se na ideia de construir uma formação elegida pelos gestores do processo de ensino, que por sua vez, estão regulados pela própria formação e pelas influências ocasionadas pelo processo de citacionalidade, ou seja, de tanto ouvirmos e vivenciarmos os mesmos pensamentos acabamos por nos limitar a reproduzi-los. Todo o processo gera o fortalecimento e a expansão das culturas dominantes. Isso significa que estamos diante de uma sequência de reprodução de pensamentos e ideias das culturas dominantes que perdura por gerações.

Na concepção pós-moderna, Neira e Nunes (2009) afirmam que o currículo representa o espaço não predeterminado de experiências que os jovens podem vivenciar, e assim, aprender. Nesse contexto, o professor assume o papel de estimular as aprendizagens, mas com o posicionamento carregado de imparcialidade.

Todas as ações pedagógicas são carregadas de intencionalidade, afinal, sempre se deseja atingir determinados objetivos. No entanto, a imparcialidade não se refere à desvinculação dos estudos ao futuro desejado para os alunos, mas à valorização de todas as culturas no mesmo nível e plano. Nessa perspectiva, em relação à Educação Física, compreendemos que é preciso reorganizar o pensamento, o discurso e a prática pedagógica utilizada no âmbito escolar, buscando o reconhecimento dos valores de cada artefato da cultura corporal de movimento.

Por isso reconhecemos que se a maior parte das aulas de Educação Física é dedicada à prática esportiva, e não à dança, por exemplo, ocorrerá à contribuição para a formação de uma cultura dominante, a esportiva. Ou se apenas ocorrer nas aulas à reprodução das informações veiculadas nos meios de comunicação, sem análise dos fatores que estão implícitos no discurso social, estaremos contribuindo para o fortalecimento de tal cultura dominante, correspondendo aos interesses de determinados grupos sociais específicos e privilegiados. É por meio desse processo educacional regulado que determinadas modalidades esportivas tornam-se muito mais valorizadas em relação às outras.

É atributo da Educação Física escolar contribuir para o desenvolvimento do posicionamento reflexivo de análise multifatorial da prática esportiva por parte dos jovens, afinal, é no interior das tramas das aulas de Educação Física que se desenrolam as questões inerentes às práticas corporais de movimento. Nesse contexto reflexivo, somado aos megaeventos esportivos que foram e serão realizados no Brasil, emerge o temor de que um novo discurso persuasivo seja proferido, a fim de que as aulas de Educação Física sejam, novamente, o caminho para o desenvolvimento do esporte de rendimento no âmbito nacional. Contudo, o esporte, como um dos artefatos culturais que se constituem em objeto de estudo da Educação Física, necessita ser analisado a partir das suas múltiplas dimensões explícitas e implícitas no jogo de poder, espetacularização, consumismo e demais vertentes a ele vinculadas.

Bracht (1992) refere-se a duas formas de abordagem do esporte no contexto escolar: o esporte na escola, e o esporte da escola. A primeira forma trata da abordagem do esporte como artefato cultural inserido na sociedade, mas não peculiar à escola. Assim, o autor refere-se à inserção do esporte como atributo externo em relação ao âmbito escolar nas aulas de Educação



Física. Nessa perspectiva, Bracht (2009) apresenta como característica principal a reprodução das práticas esportivas dominantes e contemporâneas como elas são apresentadas por meio dos mecanismos de comunicação, privilegiando as práticas de estímulo ao estabelecimento da dominação cultural, sem qualquer análise crítica e desvinculada das buscas por poder.

De acordo com Bracht (2009), o esporte da escola refere-se à abordagem condizente com as expectativas atuais para a Educação Física escolar, em que se cria o esporte peculiar ao âmbito escolar baseado nos princípios fundamentais da educação, buscando a valorização das culturas, considerando-se o processo de educação por meio do movimento, e não na educação do movimento.

Dessa forma, pode ser interessante investir na resignificação da prática esportiva nas aulas de Educação Física escolar, a fim de construir um diálogo sobre o esporte mediante seus múltiplos pontos de análise, tais como: político, social, educacional, econômico, biomecânico, fisiológico, entre outros. Nessa perspectiva, o conhecimento assume seu aspecto de internalidade e subjetividade, ou seja, é compreendido como algo intrínseco ao ser humano e que é construído por cada indivíduo de formas distintas e peculiares.

O conhecimento não pode ser entendido de maneira fragmentada, pois é determinado pela própria transversalidade. No entanto, a Educação Física é apresentada no âmbito escolar como uma das disciplinas da proposta educacional fragmentada. Talvez essa seja uma das razões que explica a pouca capacidade dos jovens em relacionar os estudos das diversas disciplinas. Então, como o professor de Educação Física, imerso no sistema educacional fragmentado, pode desenvolver o trabalho direcionado à análise e ao desenvolvimento da criticidade esportiva, considerando a transversalidade e subjetividade do conhecimento?

Certamente não será possível estimular o desenvolvimento da criticidade sobre o esporte e os megaeventos esportivos nos jovens a partir da consideração da natureza do conhecimento, se não for assumindo, em aula, a postura questionadora e multifatorial destinada à compreensão do fenômeno esportivo. Para tanto, é indispensável que o professor posicione-se reflexivamente e como contínuo aprendiz, que planeja, executa, avalia e depois torna a planejar suas ações ressignificando-as.

Portanto, é importante considerarmos que o esporte, como conteúdo específico das aulas de Educação Física, está vinculado a diferentes temas da esfera social, assim sendo, necessita de uma abordagem ampla, diversificada, fundamentada, contextualizada e significativa.

## **9.2 Algumas possibilidades para o desenvolvimento do esporte nas aulas de Educação Física**

O currículo elaborado e utilizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo apresenta o esporte como um dos eixos de conteúdo da Educação Física, e estabelece também os seguintes eixos temáticos: organismo humano, movimento e saúde – para o ensino fundamental; lazer e trabalho; mídias; contemporaneidade; corpo, saúde e beleza – para o ensino médio.

A ideia norteadora do referido currículo sobre a abordagem do esporte está baseada no conhecimento dos aspectos históricos, técnicas e táticas de determinadas modalidades esportivas coletivas e individuais, organização de eventos esportivos. Após os estudos sobre determinadas modalidades em um bimestre, os cadernos do professor e do aluno, que são partes do currículo, apresentam um eixo temático que deve ser estudado em relação à modalidade estudada definida por bimestre.

É observável que o tempo dedicado ao conhecimento sobre aspectos históricos, regras, técnicas e táticas sobre cada modalidade esportiva é grande em relação aos estudos dos temas sociais que circundam a modalidade. Mas, como citamos acima, no ensino fundamental, há apenas um eixo temático, o qual aponta para os aspectos associados à saúde em relação ao esporte. E no ensino médio, as modalidades esportivas estudadas já podem ser relacionadas com outros quatro eixos temáticos (SÃO PAULO, 2010).

Apesar da adoção do estilo de vida fisicamente ativo e o conhecimento sobre diversas modalidades esportivas estarem propostas no currículo da rede estadual paulista de ensino, um currículo como esse pode favorecer a ascensão e a valorização de outras modalidades esportivas e a ampliação sobre as percepções acerca do esporte como artefato cultural socialmente construído.

É por todas as razões supracitadas e diante da realização dos megaeventos no Brasil que emerge a necessidade de um trabalho bem mais consistente e direcionado sobre o esporte nas aulas de Educação Física. Tal necessidade está justificada pela possibilidade de alienação da população, a partir do estabelecimento de uma relação de dependência entre esporte, educação, política, economia, saúde, consumo, mídias, entre tantos outros.

Pensar o desenvolvimento da autonomia em compreender, apropriar-se, utilizar-se e transformar a prática esportiva, requer a reflexão sobre a metodologia a ser empregada no contexto das aulas de Educação Física na escola. Considerando a especificidade das necessidades da ressignificação do esporte no âmbito escolar, pode ser interessante o estudo do tema por meio da resolução de problemas, em que as situações relativas ao esporte e os temas que o circundam são problematizados durante as aulas, de modo que os jovens sejam estimulados a compreender a problemática e

seguir em trabalhos investigativos na tentativa de solucionar tais problemas (TESTA JUNIOR, 2012).

### 9.3 A temática dos megaeventos esportivos no contexto escolar

O esporte no contexto da Educação Física escolar deve ser analisado enquanto fenômeno multicultural, considerando-se seu valor educativo, como tem se manifestado no âmbito escolar, e quais conhecimentos, contribuições e contradições se fazem presentes na escola, considerando-se principalmente esta década em que o Brasil é país sede de grandes eventos esportivos, em que os megaeventos são e serão foco de muitas discussões.

A partir dessas questões, neste texto, são apresentados os resultados da pesquisa realizada em estágio pós-doutoral na UFSC, no período de março de 2014 a fevereiro de 2015, a qual teve por objeto a análise do esporte enquanto fenômeno multicultural no contexto da Educação Física escolar, considerando-se a realização da Copa do Mundo Fifa 2014.

A pesquisa teve por objetivo analisar o esporte enquanto fenômeno multicultural no contexto da Educação Física escolar, considerando seu valor educativo, suas manifestações, conhecimentos, contribuições e contradições, especificamente em relação à disputa da Copa do Mundo Fifa 2014 realizada no Brasil.

Em função do contexto nacional relativo à disputa da Copa do Mundo Fifa 2014, considera-se que a realização de tal evento esportivo poderá influenciar no trato com o conteúdo esporte na escola. A relevância da pesquisa está em contribuir no âmbito acadêmico com as reflexões e discussões relacionadas à Educação Física e ao esporte no contexto escolar e de formação de professores.

### 9.3.1 Abordagem teórico-metodológica da pesquisa

A pesquisa é descritiva observacional e foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007; CHIZZOTTI, 1995; LÜDKE; ANDRÉ, 1986), que visa valorizar o processo partindo das relações dialéticas entre o mundo real e a subjetividade dos sujeitos.

A pesquisa foi desenvolvida numa escola pública estadual da cidade de Ponta Grossa/PR, tendo como sujeitos oito (8) professores de Educação Física, os quais representam a totalidade de docentes dessa disciplina na referida escola, sendo quatro (04) do sexo masculino e quatro (04) do sexo feminino. A fim de se preservar a identidade dos professores, utilizou-se a seguinte denominação para eles: A, B, C, D, E, F, G, H. A escola foi selecionada de forma intencional, de acordo com os seguintes critérios: a participação da escola em outros projetos desenvolvidos pela pesquisadora; a representatividade da escola nas competições esportivas em nível municipal e estadual; o número significativo de professores de Educação Física que atuam na escola.

Como instrumentos para a coleta dos dados, foram utilizados a observação, o diário de campo e a entrevista semiestruturada. Deu-se início à coleta de dados com as observações das aulas ministradas pelos professores de Educação Física participantes da pesquisa, os dados foram registrados no diário de campo. Na sequência, foi realizada a entrevista semiestruturada, de forma individual, com os oito (8) professores de Educação Física. As entrevistas foram gravadas, e os dados foram transcritos e registrados no diário de campo.

Vale ressaltar que foram realizadas reuniões com os professores participantes da pesquisa, antes e durante seu desenvolvimento, visando à orientação e avaliação para um melhor encaminhamento do processo.

Como técnica de análise e interpretação dos dados coletados, utilizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1997). Esse processo de análise foi discutido e categorizado de acordo com o polo cronológico da exploração de material (BARDIN, 1977).

A princípio, utilizaram-se cinco (05) categorias que foram estabelecidas de acordo com a perspectiva teórica desse estudo, sendo elas: 1) Vínculo com o esporte; 2) Tratamento do esporte na formação acadêmica inicial; 3) Abordagem do esporte nas aulas de Educação Física (objetivos, problematização, conteúdos, metodologia); 4) Participação em competições esportivas escolares; 5) Copa do Mundo FIFA 2014: 5.1 contribuições, influências, repercussão na escola; 5.2 contribuições, influências, repercussão para a Educação Física e o esporte na escola.

### **9.3.2 A Educação Física e o esporte na escola em tempo de megaeventos esportivos: uma análise necessária**

Na entrevista, algumas questões foram direcionadas para traçar o perfil dos professores, a fim de que fosse possível identificar algumas especificidades dos docentes e sua relação com o esporte, tanto em nível pessoal como profissional.

Assim sendo, constatou-se que dos oito (08) professores, apenas uma (G) não é concursada, os demais são todos do Quando Próprio do Magistério (QPM), ou seja, são professores concursados. O tempo de serviço dos professores é de seis (6) a quarenta e quatro (44) anos, sendo que a professora que tem menor tempo de serviço não é concursada, e o professor que tem maior tempo de serviço, embora seja aposentado, não se afastou da escola. Da totalidade dos professores (08), apenas uma professora (A) trabalha apenas na escola participante da pesquisa, os demais trabalham também em outras escolas. Todos os profes-

sores (o8) ministram aulas no ensino fundamental e médio, sendo que dois (o2) professores trabalham no ensino médio com a formação docente, ou seja, no curso de magistério.

O vínculo com o esporte da maioria dos professores (o7) se deu inicialmente na escola, onde eram atletas, assim como participavam também de seleções municipais, alguns (o2) praticavam mais de uma modalidade esportiva, os demais (o5) praticavam apenas uma modalidade. Esses professores evidenciaram que o fato de terem sido atletas os influenciou na escolha da profissão. Apenas uma professora (H) afirmou que não foi atleta.

Sobre a o tratamento dado ao esporte na formação acadêmica inicial, todos os professores (o8) destacaram que nas diversas modalidades esportivas eram trabalhados os fundamentos, o jogo, as regras, técnicas e táticas. Alguns professores (o6) destacaram que na graduação eram enfatizados os processos pedagógicos das modalidades esportivas, e que os docentes evidenciavam que os acadêmicos seriam professores, e não técnicos.

Por outro lado, uma professora (C) afirmou que sua formação foi bem tecnicista, aprendeu a olhar mais para o exercício e a dar treino. Nessa direção, um professor (E) destacou que embora no seu curso de graduação fosse trabalhada a fundamentação das modalidades esportivas, o esporte de rendimento era também priorizado e desenvolvido.

Sobre a abordagem do esporte nas aulas de Educação Física, a intenção foi identificar os objetivos, a problematização, bem como os conteúdos e a metodologia que o professor utiliza para o desenvolvimento do seu trabalho na escola.

Em relação aos objetivos, todos os professores mesclaram suas respostas com os procedimentos metodológicos e os conteúdos, ou seja, percebe-se que os docentes apresentam dificuldades na elaboração de objetivos para o desenvolvimento do trabalho, pois discorrem sobre o como e o que desenvolvem nas aulas.

Sobre a problematização do esporte nas aulas de Educação Física, todos os professores (o8) se referiram especificamente ao ensino fundamental e ao ensino médio, ou seja, destacaram que desenvolvem as aulas de forma diferenciada. Constatou-se que todos os professores priorizam a problematização nas aulas do ensino médio, por entenderem que os alunos são mais interessados, críticos e também se preparam para o vestibular.

Duas professoras (A, H) afirmaram que procuram contextualizar o conteúdo esportivo que estão trabalhando com as questões sociais. A professora C especificou que utiliza a abordagem crítico-emancipatória para problematizar os conteúdos em suas aulas para o 4º ano do magistério, destacou que desenvolve um projeto nessa turma. O professor E afirmou que trabalha as questões de violência relacionadas ao esporte, e procura evidenciar, entre outras questões, que esporte e violência não combinam. A professora G destacou o trabalho que realiza sobre qualidade de vida, no qual prioriza a atividade física na perspectiva da saúde. O professor D alegou falta de espaço adequado na escola para desenvolver um trabalho diferenciado nas aulas práticas, afirmou que quando as atividades são em sala de aula aponta exemplos, ficando, segundo ele, mais fácil por ter sido atleta e técnico. O professor B afirmou que nas aulas do ensino médio procura contextualizar os conteúdos, mas que no ensino fundamental não faz mais esse trabalho. O professor F afirmou que, para o ensino fundamental, enfatiza os fundamentos básicos para uma qualidade de vida, e para o ensino médio, os conteúdos do PSS<sup>28</sup> e do ENEM<sup>29</sup>, o jogo propriamente dito e o conhecimento.

Sobre a participação dos professores em competições esportivas escolares, apenas o professor E ministra treinamento

---

<sup>28</sup>O Processo Seletivo Seriado é ofertado pela UEPG/PR para os alunos do ensino médio, sendo que os alunos participam do processo nos três anos desse nível de escolarização. A nota obtida pelo aluno poderá ser considerada ou não para seu ingresso na universidade por ocasião do vestibular, o aluno pode optar se deseja ou não que sejam computadas suas notas do PSS.

<sup>29</sup>Exame Nacional do Ensino Médio.



na escola, sendo de xadrez e tênis de mesa, e participa de todas as competições na cidade e no estado. Vale lembrar que esse professor já é aposentado, mas continua trabalhando. As professoras A e G afirmaram que embora não tenham horário treinamento, auxiliam o professor E no período das competições na cidade. O professor B ministrava treinos esportivos até 2013, alega falta de espaço na escola, assim, optou pela diminuição da sua carga horária. A professora C não ministra treinos, afirma que os homens monopolizam os treinamentos. O professor D afirmou ser contrário à participação dos alunos das escolas públicas em competições, pois afirma que eles não têm preparo em iguais condições que os alunos das escolas particulares, sendo assim prejudicados. O professor D diz que prefere fazer atividades competitivas na escola, mais recreativas e lúdicas. O professor F é técnico de futebol de campo numa outra escola pública, afirmou que em nível de treinamento tem dificuldades para trabalhar com as meninas, assim, ministra treinos apenas para os meninos. A professora G é técnica de atletismo numa outra escola de equipes femininas e masculinas, afirma que gosta muito de fazer esse trabalho e que o realiza há seis (06) anos. Na escola participante desta pesquisa, a professora G afirma que apenas ajuda e acompanha os alunos nas competições quando é necessário.

Em relação às questões sobre a Copa do Mundo Fifa 2014, as contribuições, influências, repercussão na escola, na Educação Física e no desenvolvimento do esporte na escola, todos (08) os professores destacaram que os alunos da escola, de modo geral, demonstraram pouca empolgação em relação à realização da Copa Fifa 2014, teceram poucos comentários, a exceção foi a derrota do Brasil para a Alemanha, a qual gerou insatisfação e comentários depreciativos em relação aos jogadores.

A professora A destacou que procurou chamar a atenção dos alunos para que acompanhassem e observassem os jogos, prin-

principalmente os alunos do ensino médio. A professora evidenciou aos alunos o momento histórico e fez comentários em relação à imitação de ídolos. O professor B afirmou que não estava trabalhando nada específico, ia ver as possibilidades mais adiante. A professora C também não estava trabalhando nenhum conteúdo específico relacionado à Copa do Mundo Fifa 2014, disse que iniciaria no bimestre seguinte. A professora C comentou que talvez estivessem sendo realizadas algumas discussões nas outras turmas. O professor D destacou que:

[...] os alunos não falam, os professores comentam esporadicamente sobre os problemas (obras inacabadas, superfaturamento de obras, infraestrutura deficiente, protestos...). Não há empolgação em relação à Copa. A mídia evidenciou os problemas, obras, e isso influenciou. Os jogadores não têm culpa, falo isso para os alunos. Comento nas aulas, explico sobre o fanatismo, brigas, discussões sobre o futebol, questiono: vocês ganham o que com isso? Procuo mostrar esse lado, os jogadores após o término do jogo estão juntos, muitas vezes são amigos. O poder econômico manda no futebol; os jogadores são funcionários; o esporte é legal, deprimir, brigar é loucura; construção dos estádios em lugares errados (Manaus, por exemplo); Nos outros países foram construídos em média 8 estádios, no Brasil foram 12 [...].

Percebe-se que o professor D ampliou a abordagem do esporte a partir da realização da Copa do Mundo Fifa 2014, possibilitando, assim, aos alunos maior conhecimento sobre o esporte enquanto fenômeno multicultural.

O professor E afirmou que outras escolas realizaram trabalhos em diversas disciplinas, mas que ali na escola nada foi feito. Em relação aos megaeventos esportivos, fez comentários de modo geral nas aulas de Educação Física, dando destaque às Olimpíadas que seriam realizadas em 2016 no Brasil, o professor

teceu críticas em relação à falta de estrutura do Brasil para sediar um megaevento desse porte, dizendo: *"sinto falta de organização em todos os escalões. O que temos pronto para Olimpíadas? Acompanho nas emissoras o que acontece no esporte. Infelizmente não temos estrutura para sediar as Olimpíadas"*.

O professor E apontou o que trabalhou sobre o esporte, em que procurou relacionar os conteúdos com a Copa do Mundo Fifa 2014 e o futebol, sendo: *"história, evolução do esporte, quem foram os ídolos, como os jogadores jogam, como os técnicos agem, como cada seleção joga (técnico, tática)"*.

O professor F relatou que fez uma avaliação com os alunos antes e pós-Copa do Mundo Fifa 2014, na qual procurou enfatizar o que foi bom e o que foi ruim, afirmou ainda que o futebol foi uma ferramenta. Esse trabalho o professor desenvolveu com os alunos do ensino médio, os alunos do ensino fundamental, segundo ele, aprenderam a fazer chaves para campeonatos.

A professora G evidenciou o que realizou sobre a Copa do Mundo Fifa 2014 nas outras escolas onde trabalha, como uma minicopa, por exemplo, afirmou ainda que *"aqui [...] não acontece nada, acho que quanto maior a escola é mais difícil, a escola menor parece que se une mais"*.

### 9.3.3. Apontamentos sobre a pesquisa

A pesquisa possibilitou a constatação de que sete (07) professores tiveram a vivência do esporte como atletas na fase escolar e foram atletas também de seleções municipais. Os professores afirmaram que o fato de terem sido atletas os influenciou na escolha da profissão.

Na formação inicial, o esporte foi conteúdo predominante na formação de todos (08) os professores, sendo que seis (06) afir-

maram que na graduação era enfatizado o “ser professor”, assim dava-se ênfase às sequências pedagógicas, aos fundamentos, ao “como” ensinar. Apenas dois (02) professores afirmaram que o esporte era trabalhado na perspectiva de rendimento.

Constatou-se que o esporte é o conteúdo mais desenvolvido na escola, sendo os fundamentos, as regras e o jogo os conhecimentos mais abordados pelos professores nas aulas de Educação Física, incluindo-se para o ensino médio conhecimentos básicos sobre técnicas e táticas.

Percebeu-se que embora os professores considerem a realização de um megaevento esportivo como algo importante que pode influenciar e refletir no contexto escolar, apenas três (03) professores trabalharam conhecimentos relacionados à Copa do Mundo Fifa 2014. A falta de envolvimento pedagógico da escola no desenvolvimento do tema Copa do Mundo Fifa 2014 foi um aspecto destacado por todos os professores.

Por outro lado, duas (02) professoras evidenciaram o trabalho realizado em relação à Copa do Mundo Fifa 2014 nas outras escolas onde trabalham, o qual foi por elas elogiado, afirmaram que as escolas desenvolveram um projeto sobre o evento, tendo grande repercussão na comunidade escolar.

Acredita-se que os resultados dessa pesquisa apontam a necessidade de se ampliar as reflexões, discussões, bem como o desenvolvimento de outros estudos, relacionados à Educação Física e ao esporte no contexto escolar e de formação de professores.

Assim, o desenvolvimento desta pesquisa foi de fundamental importância, pois é voltada para o contexto da Educação Física escolar, por meio da qual se buscou analisar o esporte enquanto fenômeno multicultural, considerando-se seu valor educativo, suas manifestações, seus conhecimentos, suas contribuições e contradições.

Espera-se com o desenvolvimento desta pesquisa, bem como com a divulgação de seus resultados, contribuir para o âmbito acadêmico com o fomento das discussões arroladas à Educação Física e ao esporte tanto no âmbito escolar como de formação de professores.

## 9.4 Considerações finais

Em conclusão, a condução dos estudos sobre o esporte nas aulas de Educação Física, diante dos megaeventos esportivos que se realizaram no Brasil, estão estreitamente relacionadas com a adoção de uma postura reflexiva e de caminhos adequados à abordagem do tema, na missão do constante amadurecimento das ideias sobre os diversos aspectos intrínsecos e extrínsecos relativos ao esporte. Pois não se pode tolerar, diante dos compromissos da Educação Física escolar, que o esporte ainda seja determinado como mecanismo alienador e promotor das culturas dominantes.

Pretende-se que a abordagem realizada neste artigo contribua academicamente com reflexões e discussões que permeiam as relações, proximidades, distanciamentos e contradições entre a Educação Física escolar, o esporte, e os megaeventos esportivos, tendo como linha norteadora o esporte enquanto fenômeno multicultural.

Assim, acredita-se ser de fundamental importância o desenvolvimento de estudos sobre tal temática, considerando-se o contexto da Educação Física escolar, no sentido de analisar o esporte enquanto fenômeno multicultural, ponderando-se sobre seu valor educativo, suas manifestações, seus conhecimentos, suas contribuições e contradições.

## Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. - EPU, 1986.
- MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- NEIRA, M.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Educação Física**. Curitiba: Seed/PR, 2008.
- SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Maria Inês Fini (Coord.). São Paulo: SEE, 2010.
- TESTA JUNIOR, A. **Metodología basada en la resolución de problemas aplicada a la Educación Física en la perspectiva de la educación para la salud**. 2012. 308 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Facultad de Ciências de La Educación y de La Comunicación Social, Universidad Del Salvador, Buenos Aires/AR. 2012.
- THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividades físicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

